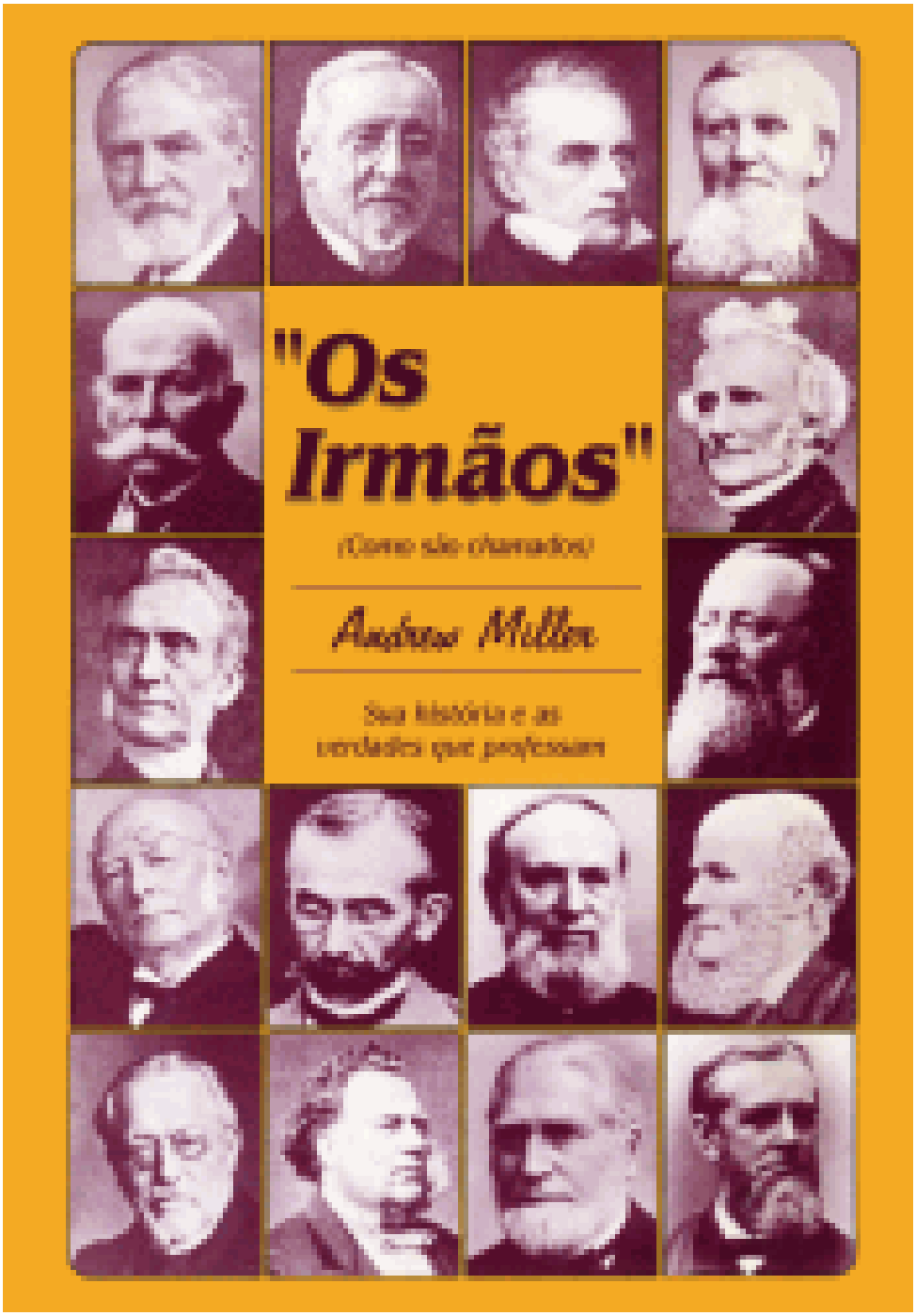


E-book enviado por: ***Samuel Cardoso Espindola***
*Revisão e formatação****:*** ***Levita Digital***
Com exclusividade para:

http://ebooksgospel.blogspot.com

www.ebooksgospel.com.br

ANTES DE LER

Estes e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante à aqueles que não tem condições econômicas para comprar.
Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

* * * *

"Se você encontrar erros de ortografia durante a leitura deste e-book, você pode nos ajudar fazendo a revisão do mesmo e nos enviando."
Precisamos de seu auxílio para esta obra. Boa leitura!

E-books Evangélicos

“Os Irmãos”

(como são chamados)

As citações bíblicas foram extraídas da "Edição Revista e Corrigida" de João Ferreira de Almeida publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil, edição de 1998. O uso de outra versão é indicado pela menção da abreviatura correspondente. Por exemplo: "E.R.A." (Edição Revista e Atualizada).

Título do original em inglês:
"The Brethren".
1ª edição em português: setembro de 2005.

Fotolito, impressão e acabamento: Associação Religiosa Imprensa da Fé.

DEPÓSITO DE LITERATURA CRISTA
Rua Arlindo Bétio 117
09911-470 Diadema / SP — Brasil
www. literaturacrista .com.br

Índice

Introdução

A Reforma do século XIX
A verdade profética
O efeito da verdade acerca da Igreja

1—"Os Irmãos"
A mão dirigente de Deus
O primeiro panfleto dos Irmãos
O efeito deste panfleto
O primeiro salão público

2 — As reuniões de estudo
Nossa recordação da primeira reunião de estudos da qual participamos
Um estudo devotado da Palavra de Deus
Os vários meios de se difundir a verdade

3 — A origem do título — "Os irmãos de Plymouth"
O efeito da separação do mundo
O espírito do clericalismo
O caráter do sistema do Sr Newton
A divisão em Plymouth

4 — Detecção da falsa doutrina
Bethesda e seus ditigentes
"A Carta dos Dez"
A divisão
Bethesda professa se purificar

5 — Divididos
O testemunho
Os resultados do testemunho
A opinião de um escritor menos preconceituoso

6 — Trechos dos escritos dos Irmãos
Pregação “dos leigos”
Prdenação
O ministério
O sacerdócio levítico e o ministério do evangelho
A fonte do ministério
O perdão dos pecados
A provisão da graça para a família da fé
7 — A posição cristã

O testemunho da Palavra
Os resultados da redenção
A verdadeira base de paz?
A justiça da lei e a justiça de Deus
Submissão à palavra de Deus

8 — A Igreja de Deus
O funcionamento prático da Igreja
Profecia
As três esferas da glória de Cristo
A vinda do Senhor e o arrebatamento dos santos

9 — O Milênio
O estado passado e presente da Igreja
O grande trono branco
A verdadeira base de Paz?
A justiça da lei e a justiça de Deus

Introdução

Quando se estuda a história da Igreja, é sempre reconfortante poder seguir com alguma medida de *certeza* o fio prateado da graça e o operar do Espírito de Deus na vida daqueles que se destacaram nesses assuntos. Isso foi um raro privilégio durante a longa e escura noite da Idade Média; mas com o alvorecer da Reforma, a obra do Espírito Santo se tornou espetacularmente manifesta. A Palavra de Deus foi reconhecida como a única autoridade nas questões da fé e da salvação, e a grande doutrina cristã da "justificação apenas pela fé" passou a ser o fundamento e a pedra angular da Reforma no século XVI. Por meio dessa verdade o poder do papado foi subvertido e as nações européias ficaram livres da tirania dele.

Todo cristão fiel que tem estudado a grande revolução desse período certamente não deixará de agradecer a Deus pela poderosa obra realizada por Sua graça, mediante a fé e a persistência dos reformadores.

Devemos sempre honrar com gratidão e admiração aquelas fiéis testemunhas que trabalharam para espalhar a luz pura do Evangelho em oposição às trevas da superstição papal, à infidelidade e à imoralidade, cuja base era o poder da espada imperial que conduzia à prisão e à morte. O despertar e a agitação das mentes foram tão generalizadas, e tudo isso em direção à verdade e santidade, que até os mais incrédulos têm de reconhecer que tal reforma só pôde ter tido sua origem em causas sobre-humanas e poderosamente eficazes.

Mas os líderes desse grande movimento negligenciaram muitas das doutrinas mais importantes da Palavra de Deus. A vital verdade da salvação pela fé no sacrifício de Cristo e não pelas boas obras era tão surpreendente, tão esmagadora, que as pessoas que haviam sido educadas nas superstições do catolicismo pensavam que mais nenhuma outra verdade era necessária. Ensinavam que a obra expiatória de Cristo satisfez a justiça de Deus, reconciliando-0 com o homem rebelde, e que todos que tivessem a plena certeza da fé nessa verdade eram salvos. Parece que nunca compreendiam a verdade de que foi o amor de Deus que O levou a entregar Seu Filho para morrer no lugar deles, a fim de que eles fossem reconciliados com Ele. Esta é a grande verdade fundamental do testemunho do Evangelho. Se não tivesse havido amor, não teria havido um Salvador Jesus, nem salvação, nem glória. Mas "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16).

Deus jamais foi inimigo do homem, e não tinha que ser reconciliado, embora Ele necessitava e providenciou uma propiciação para os nossos pecados. Muitos e doces pensamentos brotam dessa bendita verdade; o filho da fé pode apoiar-se não só na obra da cruz como seu repouso, mas no coração de Deus que o amou e enviou Seu Filho para morrer por ele. Em 2 Coríntios 5:19, lemos: "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados". As primeiras palavras que ouvimos de um Deus ofendido depois de o homem ter pecado, foi: "Onde estás?" (Gênesis 3:9). O homem estava perdido — Deus estava procurando por ele. Esse foi o primeiro ato da obra da redenção; de fato, a maior característica do amor redentor.

A Reforma do século XIX

Devemos agora observar uma obra muito especial do Espírito de Deus que ocorreu na primeira parte do século dezenove e nas Ilhas Britânicas. Agradou a Deus, nas riquezas de Sua graça, naquele tempo, despertar nas mentes de muitos e em diferentes partes do país um ardente desejo de se estudar as Escrituras Sagradas. Por esse meio, muitos de Seus filhos foram levados a uma nova indagação das "palavras desta profecia" (Apocalipse 1:3), enquanto outros foram conscientizados da importância e das bênçãos reveladas na Bíblia sobre a Igreja, o Corpo de Cristo. Isto era algo totalmente novo para a cristandade daquele tempo — ouvir falar da Igreja como sendo o corpo de Cristo, habitado e governado pelo Espírito Santo, corpo esse do qual Ele é a Cabeça glorificada nos céus.

Seria difícil encontrar na teologia dos Pais e dos Escolásticos, dos Reformadores ou dos Puritanos, a doutrina da Igreja como a Noiva Eleita de Cristo, separada do mundo para esperar o Seu retorno do céu como a única esperança dela, e conhecendo a presença constante do Espírito Santo como a única fonte de poder e gozo dela. Desde o final do primeiro século até o começo do século XIX, parece que nenhum escritor teólogo tenha mostrado essas preciosas verdades à Igreja. Inclusive o Evangelho, simples que é, estava tão encoberto e misturado com sentimentos e atos humanos, que quase ninguém esperava ter neste mundo a certeza da salvação. Daí o fato de encontrarmos alguns dos mestres mais santos e espirituais que a Igreja já teve orando no leito de morte para que "seus pecados e iniqüidades não fossem levados diante do tribunal de Deus". Essa incerteza sobre a salvação ainda é comum hoje em dia, apesar da luz e da verdade difundidas desde o começo do século XIX terem dado a muitos uma esperança maior e uma visão mais clara acerca deste assunto. A plena eficácia da redenção, de acordo com Hebreus 10, era — e ainda é — relativamente pouco conhecida. Neste mesmo capítulo, lemos: "Purificados uma vez os ministrantes, nunca mais teriam consciência de pecado" (v. 2). Isso não significa não mais consciência de estar pecando, mas, literalmente, não mais consciência de pecado. O precioso sangue de Cristo purificou a consciência do crente para sempre. "Porque [Cristo], com uma só oblação, aperfeiçoou para sempre os que são santificados" (v. 14). Não há mais necessidade de missas para perpetuar o sacrifício, nem de sentimentos e atos humanos para acrescentar valor à obra de Cristo. Quando se entende essa verdade, a alma encontra paz na certeza do pleno perdão dos pecados e da aceitação no Amado. A diferença entre a justiça da lei e a justiça de Deus também foi uma das importantes verdades redescobertas naquele período. A questão é exaustivamente discutida pelo apóstolo Paulo em Filipenses 3. Suas ramificações, em especial na teologia dos puritanos, são tão abrangentes que não iremos tentar explicá-las aqui, mas apenas dar a conclusão do apóstolo: "E seja achado nele, não tendo a minha justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus, pela fé" (v. 9). Todo cristão deveria saber que Aquele que não conheceu o pecado, Deus "o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Coríntios 5:21). Cristo é a nossa justiça. O mais débil crente em Cristo se encontra diante de Deus em justiça absolutamente completa, divina e eterna. Em lugar de levar "seus pecados e iniqüidades diante do tribunal divino", no momento em que está ausente do corpo, está presente com o Senhor e em toda perfeição do próprio Cristo.

A verdade profética

Agradou a Deus reavivar em muitas mentes, nos primeiros 25 anos do século XIX, um profundo interesse pela volta de Israel à sua terra e a conseqüente restauração da glória do reino do Messias. Vários livros foram publicados sobre esse assunto entre 1812 e 1825; porém o que mais chamou a atenção foi o intitulado "A Vinda do Messias em Glória e Majestade", escrito por Emmanuel Lacunza, um padre sul-americano que adotou o pseudônimo de Ben-Ezra, um judeu convertido. Essa obra, escrita originalmente em espanhol e publicada na Espanha em 1812, foi traduzida para o inglês e publicada em Londres em 1827, com um longo prefácio do reverendo Edward Irving. A poderosa eloqüência de Lacunza foi empregada para despertar a sua congregação, os seus irmãos de ministério e toda a igreja professa ao estudo desse grande e relativamente novo assunto. A descrição profética da glória do reino milenar serviu de fonte para seus apaixonados discursos. A circulação desses novos livros e de novos artigos publicados nas revistas despertaram um renovado interesse sobre o tema. Tanto clérigos quanto leigos se tornaram diligentes estudantes da profecia bíblica.

Estes estudos levaram ao estabelecimento do que se denominou de "Reuniões Proféticas", que durante alguns anos ocorreram em Albury, a sede do Sr H. Drummond, em Surrey, e no castelo de Powerscourt, em Wicklow. No início, tanto clérigos quanto leigos compareciam a essas reuniões; após algum tempo, pelo menos na Irlanda, elas passaram a ser freqüentadas principalmente pelos Irmãos. Acreditamos ser nesse tempo que se ergueu o clamor da meia-noite: "Aívem o esposo! Saí-lhe ao encontro!" (Mateus 25:6). Desde aquele dia, o número de pregações sobre a segunda vinda de Cristo aumentou consideravelmente. Este clamor tem sido ouvido em todas as terras da cristandade, e ainda ressoa e terá de ressoar até que o Noivo venha e chame Sua Noiva. "E o Espírito e a esposa dizem: Vem! E quem ouve diga: Vem! E quem tem sede venha; e quem quiser tome de graça da água da vida" (Apocalipse 22:17).

O efeito da verdade acerca da Igreja

O primeiro efeito de descobrir na Palavra de Deus quais são o chamado, a posição e a esperança da Igreja, será a profunda percepção do contraste entre o que o homem chama de igreja e o que ela realmente é à luz do Novo Testamento. Assim aconteceu com uns poucos cristãos em Dublin na primeira parte do século XIX. Sem dúvida nenhuma, o Senhor esteve lidando com suas almas durante algum tempo, preparando-os para receber muitas verdades que há muito estiveram encobertas aos filhos de Deus. Não há dúvida alguma de que eram membros respeitáveis de suas diferentes comunidades, sãos na fé, devotos e separados do mundo; mas eles começaram a observar, à clara luz da Palavra de Deus, que permanecer onde estavam seria uma negação prática do que a Igreja é. Desse modo, foram conduzidos por Deus a se separarem dos sistemas religiosos existentes com os quais tinham estado intimamente ligados, e a dar testemunho das relações celestiais do cristão e da natureza e unidade da Igreja de Deus. Ao contrário das meras abstrações dos ascéticos, foi uma separação moral do mundo e da religião que o mundo aprova. Nem mesmo aqueles que confessavam a fé cristã em dias remotos da história da Igreja, nem os reformadores e puritanos mais tarde, tinham o menor desejo de abandonar a comunhão

da igreja estabelecida, contanto que ela tivesse aceitado reformar abusos. A maioria deles foi excomungada; mas quando uma mudança de governo introduziu a liberdade religiosa, eles voltaram alegremente a seus púlpitos e aos benefícios eclesiásticos.

Quando este livro foi escrito, muitos dos que optaram por se separar dos sistemas religiosos existentes ainda estavam vivos. Assim, o autor necessitou somente declarar a origem dessa "comunidade", ou grupo de cristãos, e fazer um breve resumo do desenvolvimento deles. O que essa "comunidade" considerava verdadeiro e precioso pode ser julgado pelo que apareceu impresso e que tem sido escrito por eles mesmos, e disto podemos falar livremente. Seus escritos, em forma de livros, tratados e publicações periódicas têm sido extensamente difundidos por toda a cristandade, de modo que seus pontos de vista podem ser facilmente averiguados. Da mesma maneira como não aceitaríamos a opinião de um católico fanático a respeito do caráter de Lutero, também não iremos citar a opinião dos críticos sobre o caráter deles.

CAPÍTULO I

"Os Irmãos"

No inverno de 1827-28, quatro homens cristãos, que por algum tempo estiveram exercitados quanto à condição de toda a igreja professa existente, concordaram, após muitas conversas e orações, em se reunir no dia do Senhor para o partir do pão, como faziam os cristãos primitivos, contando com a presença do Senhor entre eles; estes foram: o Sr Darby, o Sr (depois Dr) Cronin, o Sr Bellett e o Sr Hutchinson. A primeira reunião deles ocorreu na casa do Sr Hutchinson, na Fitzwilliam Square, número 9, em Dublin. Eles, e mais alguns outros que assistiam às suas reuniões, estudaram as Escrituras durante um tempo considerável, comparando o que descobriam na Palavra de Deus com o estado de coisas da época em que viviam, e não puderam encontrar nenhuma expressão da natureza e caráter da Igreja de Deus, nem na igreja nacional nem nos diversos grupos dissidentes. Isso os levou a se separarem de todos os sistemas eclesiásticos existentes e os levou a se reunir ao nome do Senhor Jesus, reconhecendo a presença e a soberana ação do Espírito Santo no meio deles, e assim se empenhando em manter a unidade do Espírito pelo vínculo da paz (Mateus 18:20; Efésios 4:3-4).

Eles continuaram a se encontrar em Fitzwilliam Square por mais algum tempo, e outras pessoas gradualmente se juntaram ao grupo. As circunstâncias que levaram estes homens fervorosos a ler as Escrituras e tomar a decisão descrita acima foram evidentemente guiadas pelo Senhor. Um dos quatro, um clérigo do condado de Wicklow, sofreu um acidente no qual machucou o pé e teve de vir a Dublin para se tratar. Antes disto acontecer, contudo, ele havia passado por uma grande luta em sua consciência acerca de sua posição na igreja estabelecida [a igreja anglicana], e havia decidido deixá-la. Alguns de seus amigos na cidade, com similares preocupações, e sentindo a ausência da vida espiritual e de comunhão cristã nas denominações, estavam realmente sedentos de algo que não se podia encontrar ali. Assim, naquele tempo o Espírito de Deus estava agindo em muitas mentes, e de um modo especial. Ele havia criado uma profunda necessidade que somente a graça e a verdade podiam satisfazer. Foi nesse estado de espírito que concordaram em estudar a Palavra juntos e buscar ao Senhor para luz e direção com respeito ao seu caminho futuro.

Amigos interessados, e que viveram depois daqueles que estiveram relacionados no início com este movimento, suscitaram a questão acerca de quem foram os primeiros a ser visitados pelo Espírito de Deus e que lhes transmitiram o apreço pela importante questão da unidade da igreja e da separação dos sistemas religiosos existentes. Sem tentar responder a esta pergunta, diríamos apenas que o pensamento não era deles, mas de Deus — pois que era a Sua verdade —, e que o dirigente na obra não foi senão um instrumento escolhido por He. A história não tem a ver com teorias, mas com fatos, à medida que estes vão se tornando conhecidos.

A mão dirigente de Deus

Antes de prosseguirmos, temos de mencionar a existência de um pequeno grupo que também possuía uma certa medida de esclarecimento a respeito da Igreja de Deus

como um corpo, anterior à reunião dos quatro em Fitzwilliam Square. Eles eram "independentes", mas parece que não tinham deixado aquele sistema eclesiástico tanto por questão de princípios como por insatisfação acerca de suas formas. Contudo, Deus estava trabalhando em seus corações em Sua graça e dirigindo a disciplina daquela igreja para bênção espiritual deles. Muitas vezes este tem sido o caso com pessoas em todos os movimentos similares, dos quais se pode dizer: "saiu, sem saber para onde ia" (Hebreus 11:8). Mas o Senhor estava guiando, e eles dependiam dEle. Aconteceu assim:

Em 1826, um jovem estudante de medicina — mais tarde Doutor Cronin — viera do sul da Irlanda até Dublin por motivos de saúde. Ele solicitou ser recebido à comunhão como visitante e foi prontamente recebido no grupo dos Independentes; mas quando souberam que havia se estabelecido como residente, privaram-lhe desta liberdade. Então lhe informaram que ele não podia mais ser recebido à mesa do Senhor de nenhuma das congregações sem uma *filiação especial* com alguma delas. Essa notícia impactou profundamente sua mente, e sem dúvida alguma que Deus a usou para chamar a atenção dele para a verdade de um só corpo. Ele pensou: "Se todos os crentes genuínos são membros do corpo de Cristo, o que essa estranha expressão *'filiação especial aos Independentes'* significa?" Ele parou, e depois de muita meditação e oração, recusou-se a cumprir a exigência da igreja deles. Isto o forçou a sair e foi acusado de *incrédulo* e *antinomianista*[1]. Ele permaneceu afastado por vários meses, sentindo profundamente a solidão e a separação daqueles a quem amava no Senhor. Foi um tempo de provação, e poderia ter ferido muito a sua alma; mas o Senhor usou tudo isso para abençoá-lo. Para evitar a aparência do mal, ele costumava passar as manhãs do dia do Senhor encerrado em sua casa. Estes períodos foram para ele de grande bênção espiritual e também de profundas reflexões acerca de sua direção no futuro. Assim são os caminhos do Senhor com Seus instrumentos que Ele está preparando para um futuro testemunho e serviço.

O jovem estudante foi finalmente excomungado publicamente diante de uma congregação dirigida pelo reverendo William Cooper. Isso o afetou profundamente; não foi algo fácil para ele ter sido denunciado publicamente e evitado por aqueles que considerava cristãos. Mas a igreja ultrapassou os limites de sua jurisdição. Ela só tem autoridade de sua Cabeça no céu para expulsar aqueles que tenham demonstrado ser perversos. "Tirai, pois, dentre vós a esse iníquo" (1 Coríntios 5:13). Assim, a igreja ao agir desta maneira, causou profundas feridas a si mesma. Um dos diáconos, Edward Wilson, secretário da Sociedade Bíblica, foi forçado a protestar contra essa decisão, o que o levou a abandonar o corpo congregacional.

Estes dois irmãos, os Srs Cronin e Wilson, depois de estudarem a Palavra por algum tempo, começaram a perceber que não havia nada que os impedisse de se reunir nas manhãs do dia do Senhor para o partir do pão e oração. Com este propósito, eles se reuniam na casa do irmão Wilson em Sackville Street.

---

[1] *Doutrina pela qual somente a fé, e não a obediência às leis morais, é necessária para a salvação (Nota do tradutor).*

Logo se uniram a eles as duas irmãs Drurys, que haviam deixado a congregação do reverendo Cooper, da qual eram membros; e também um senhor Tims, livreiro, de

Grafton Street. O Sr Edward Wilson partiu pouco tempo depois para a Inglaterra, e a pequena reunião foi transferida para a casa do Sr Cronin, em Lower Pembroke Street, onde vários outros se juntaram ao grupo.

Pode-se argumentar que a existência dessa reunião foi resultado das circunstâncias e não da vontade divina. Acreditamos que ambas as coisas cooperaram para isso. Sem dúvida alguma, aqueles homens foram impelidos ao afastamento pela conduta errada do corpo congregacional, mas também é certo que foram guiados a recorrer à segura Palavra de Deus, a agir sob os instintos recebidos de Deus e sob a infalível direção do Espírito Santo. Essa pequena congregação nunca se dissolveu formalmente, senão que se uniu com aqueles que começaram a partir o pão em Fitzwilliam Square; a acomodação foi maior e os princípios de reunião eram substancialmente os mesmos.

Agora passamos ao que pode ser designado de fato como a primeira congregação "dos Irmãos", ocorrida em Fitzwilliam Square. É possível que muitos estiveram refletindo profundamente em muitos outros lugares em períodos anteriores a este, e isso sem consultas; mas no que se refere à comunidade "dos Irmãos", como são chamados, temos de começar a partir deste ponto. E aqui temos algo mais concreto e positivo, algo mais no que apoiarmos do que nos relatos gerais ou nas recordações pessoais.

O primeiro panfleto dos irmãos

No ano de 1828 o Sr Darby publicou seu primeiro panfleto[1] intitulado *"The Nature and Unity of the Church of Christ [A Natureza e a Unidade da Igreja de Cristo]*[2] ". Poderíamos considerar este tratado como uma declaração daquilo que a jovem comunidade acreditava e praticava, embora não em forma de credo e confissão; e, ademais, como a apresentação da base divina em que atuavam. Ele também pode ser considerado como um texto que contém praticamente todos os elementos das verdades distintivas mantidas pelos Irmãos desde o início até os nossos dias. Não que o autor tenha pensado sobre qualquer um desses assuntos naquele momento; simplesmente estava divulgando, com o intuito de ajudar outras pessoas, o que ele mesmo havia aprendido da Palavra de Deus. Mas quem poderia questionar a orientação do Espírito Santo nisso? Sem dúvida alguma, Ele estava guiando Seus instrumentos escolhidos de uma maneira que eles não conheciam, a fim de que pudessem ver que a bênção resultante seria originária de Sua própria graça e verdade.

Sendo esse artigo o primeiro testemunho público de um movimento que viria a produzir com tanta rapidez resultados tão abençoados na libertação de almas, iremos transcrever aqui, para a comodidade do leitor, alguns poucos trechos, principalmente aqueles relacionados à unidade da igreja.

---

[1] Eu acredito que de fato o primeiro panfleto foi um escrito no ano de 1827, intitulado "Considerações dirigidas ao Arcebispo de Dublin e ao Clero que assinaram a petição à Câmara dos Comuns pedindo proteção". Este foi enviado de forma privada ao Arcebispo e ao Clero, "tendo sido escrito algum tempo antes de ser editado, e retido, pela ansiedade acerca do justo de dar este passo". Veja "Collected Writings", J.N. Darby, vol. 1, pg. 1.

Eu penso que posteriormente o Sr Darby teria escrito "A Igreja de Deus", uma vez que não encontramos a expressão "Igreja de Cristo" nas Escrituras.

"Sabemos que este era o propósito de Deus em Cristo de reunir todas as coisas no céu e na terra em Cristo; reconciliadas a Si mesmo nEle; e, mesmo que necessariamente imperfeita em Sua ausência, contudo, pelo poder do Espírito, a igreja devia ser testemunha disso na terra, congregando os filhos de Deus que estavam dispersos. Os crentes sabem que todos aqueles nascidos do Espírito têm uma unidade substancial de pensamento, de modo que se conhecem mutuamente e se amam uns aos outros como irmãos. Mas isso não é tudo, mesmo que fosse cumprido na prática, o que de fato não é; porque eles deveriam ser de tal forma que o *mundo* reconhecesse que Jesus fora enviado por Deus: nisso todos devemos confessar nosso triste fracasso. Tentarei não tanto propor medidas aqui para os filhos de Deus como estabelecer princípios sadios; porque para mim está claro que isso deve proceder da crescente influência do Espírito de Deus e de Seu ensinamento invisível: mas temos que observar os obstáculos positivos e no que consiste essa união...

Em primeiro lugar, o desejável não *é* a união formal dos corpos professantes externos: na verdade, o surpreendente é que haja protestantes que desejem isso. Longe de ser algo benéfico, imagino que seria totalmente impossível um corpo assim ser reconhecido como a Igreja de Deus. Seria uma contrapartida da unidade católica; perderíamos a vida da Igreja e o poder da Palavra, e a unidade da vida espiritual ficaria completamente eliminada. Qualquer que seja o plano que se encontra em execução pela providência, nós somente podemos agir segundo os princípios da graça; e a verdadeira unidade é a unidade do Espírito, e deverá ser forjada pela obra do Espírito...

Se a perspectiva que temos adotado do estado da igreja estiver correta, podemos concluir que quem busca os interesses de qualquer denominação em particular é inimigo da obra do Espírito de Deus; e que aqueles que crêem no 'poder e na vinda do Senhor Jesus Cristo' possuem a obrigação de tomar todo o cuidado contra tal espírito; porque está de novo levando a igreja a um estado ocasionado pela ignorância da Palavra e não pela sujeição a ela, e assim impondo com um dever seus piores e mais anticristãos resultados. Esta é uma das mais sutis e predominantes perturbações da mente — a palavra 'e/e *não nos segue'* — ainda que tais pessoas sejam de fato cristãos verdadeiros.

Os cristãos estão pouco conscientes de quanto isso domina suas mentes; como eles buscam seus próprios interesses, e não as coisas de Jesus Cristo; e de como isso faz secar os mananciais da graça e da comunhão espiritual; como isso impede aquela ordem que acompanha as bênçãos, a reunião de todos em nome do Senhor. Nenhuma congregação que não estiver disposta a aceitar todos os filhos de Deus, sobre a base plena do Reino do Filho, poderá encontrar a totalidade da bênção, por não contemplá-la — porque sua fé não a abraça... Por isso, o símbolo exterior e o instrumento da unidade é a participação na Ceia do Senhor: 'porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo; porque todos participamos do mesmo pão' (1 Coríntios 10:17). É aqui que encontramos o caráter e a vida da Igreja — aquilo para o qual foi chamada — e no qual subsiste a verdade de sua existência, e em que está a verdadeira unidade... Desejo que os crentes venham a corrigir as igrejas? Estou suplicando que eles corrijam a si mesmos, vivendo em conformidade, em certa medida, com a esperança de seu chamado. Suplico que demonstrem a sua fé na morte do Senhor Jesus, e que exultem na gloriosa certeza que dela obtiveram, submetendo-se a ela, mostrando sua fé em Sua segunda vinda, e esperá-la na prática com uma vida que se ajuste às exigências dessa

esperança.

Que eles testemunhem contra o secularismo e contra a cegueira da igreja; mas que permaneçam coerentes em sua própria conduta. 'Seja a vossa eqüidade notória a todos os homens' (Filipenses 4:5). Enquanto o espírito do mundo prevalecer, não poderá ocorrer a união espiritual. Poucos crentes estão realmente conscientes de como o espírito, que abriu gradualmente a porta para o domínio da apostasia, continua espalhando sua influência destrutiva e maldita na igreja... Creio que Deus está agindo através de meios e de caminhos pouco conhecidos, ao preparar o caminho do Senhor e endireitar as suas veredas (Isaías 40:3) — realizando assim uma mescla da providência e do testemunho de Elias. Estou persuadido que Ele fará a humanidade se envergonhar exatamente de tudo aquilo que ela tem se vangloriado. Estou persuadido que Ele irá macular o orgulho da glória humana, e a 'altivez do homem será humilhada, e a altivez dos varões se abaterá, e só o SENHOR será exaltado naquele dia' (Isaías 2:17).

Mas existe uma parte prática que cabe aos crentes. Eles podem colocar suas mãos sobre muitas coisas que em si mesmas são *inconsistentes na prática com o poder daquele dia* — coisas que demonstram que a sua esperança não está naquele dia — *com um amoldamento ao mundo que mostra que a cruz não possui glória a seus próprios olhos...* Além disso, a unidade é a glória da igreja; mas uma unidade para garantir e promover *nossos próprios interesses* não é a unidade da igreja, mas uma *conspiração* e negação da natureza e da esperança da igreja. A unidade da igreja é a unidade do Espírito, e só pode ter lugar nas coisas do Espírito, portanto, somente pode ser aperfeiçoada nas pessoas espirituais... Mas então o que o povo do Senhor deve fazer? Que esperem no Senhor, e que esperem de acordo com os ensinamentos de Seu Espírito, em conformidade à imagem do Filho pela vida do Espírito....

Mas, se alguém disser: 'Se você percebe essas coisas, o que é que você mesmo está fazendo?' Eu apenas posso reconhecer profundamente as estranhas e infinitas falhas, me entristecer e lamentar por elas; reconheço a fraqueza que existe em minha fé, mas procuro fervorosamente ser guiado. E deixe-me acrescentar, quando muitos que deveriam guiar seguem seus próprios caminhos, aqueles que voluntariamente os seguiram se tornam em pessoas indolentes e de espírito fraco, a não ser que de alguma forma se apartem do caminho reto e dificultem seu serviço, ainda que sua alma esteja salva. Mas repito firmemente o que já disse antes — a unidade da Igreja não poderá ser alcançada até que a glória do Senhor Deus seja o objetivo comum de seus membros[1], a glória dAquele que é o Autor e Consumador de sua fé: a glória que será conhecida em todo o seu esplendor na Sua vinda, quando a aparência deste mundo se desfará... O próprio Senhor disse: 'para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim e que tens amado a eles como me tens amado a mim'(João 17:21-23).

"Oh, que a igreja compreenda essas palavras e perceba se a sua situação atual não impeça que resplandeçam na glória do Senhor, ou o cumprimento daquele propósito para o qual foram chamados. E eu lhes pergunto: será que eles de fato estão buscando ou desejando isso? Ou estão contentes em ficar sentados e dizer que a promessa do Senhor jamais falhará? O certo é que se não podemos dizer: 'Levanta-te,

resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do SENHOR vai nascendo sobre ti' (Isaías 60:1), deveríamos dizer: 'Desperta, desperta, veste-te de força, ó braço do SENHOR; desperta como nos dias passados, como nas gerações antigas' (Isaías 51:9)... Ele dará Sua glória a uma facção ou a outra? Ou onde o Senhor encontrará um lugar para que Sua glória repouse no meio de nós?...

Eu fui muito além da minha intenção original neste artigo; se eu tiver me excedido além da medida do Espírito de Jesus Cristo, aceitarei agradecido a repreensão, e orarei para que Deus esqueça o que fiz."

_____

[1] *Em escritos posteriores, creio que o Sr Darby teria escrito "membros de Seu Corpo", em vez de "seus membros", (referindo-se à Igreja).*

O efeito deste panfleto

As conseqüências dessas declarações tão simples, tão solenes, e tão bíblicas foram imediatas e formidáveis. Encontraram eco em muitos corações cristãos. Homens fervorosos de vários lugares, sentindo ser impossível continuar com o estado de coisas existente na igreja professa, deram boa acolhida à verdade que lhes fora exposta, e abandonaram suas respectivas denominações. Panfletos e livros, ainda mais esclarecedores e completos, seguiram-se numa rápida sucessão. Naqueles dias de intenso frescor e de simplicidade, as almas cresceram mais rapidamente na graça e no conhecimento do Senhor e de Sua verdade. Muitos se perguntavam onde tudo aquilo ia parar. Mas o Senhor estava agindo e muitos seguiram Sua orientação.

"Entre aqueles" disse o Sr Mackintosh numa carta a um amigo, "que se separaram das diversas organizações havia alguns homens extraordinariamente dotados, de alta moral, de capacidade intelectual e inteligência — clérigos, advogados, procuradores, oficiais do exército e da marinha, médicos, e homens influentes e ricos. A saída deles, como você pode imaginar, causou um tumulto de grandes proporções, e suscitou muita oposição. Muitas relações de amizade foram rompidas; muitos entranháveis laços de afeto foram destruídos; muitos sacrifícios tiveram de ser feitos; muitas dores e provações foram enfrentadas; e tantas perseguições, infâmias e vitupérios tiveram de ser suportados. Eu não posso tentar entrar em mais detalhes, e tampouco tenho o desejo de fazê-lo. Não traria benefício algum, e fazer um registro sobre isso somente causaria mais dor desnecessária. Todos aqueles que vivem piedosamente — todos os que estão determinados a seguir o Senhor; todos aqueles que quiserem manter uma boa consciência; todos aqueles que, com um firme propósito no coração, irão agir de acordo com a autoridade das Escrituras Sagradas — terão que se dispor a suportar provas e perseguições. Nosso Senhor Jesus Cristo já nós disse que não veio para trazer paz, e sim, espada. 'Cuidais vós que vim trazer paz à terra? Não, vos digo, mas, antes, dissensão. Porque, daqui em diante, estarão cinco divididos numa casa: três contra dois, e dois contra três'. E o Senhor nos diz que 'E, assim, os inimigos do homem serão os seus familiares'." (Lucas 12:51-52; Mateus 10:3o)[1].

_____

[1] *"Coisas Novas e Velhas", vol. 18, pg. 426.*

Muitos pensavam que o movimento desapareceria em pouco tempo, pois não havia uma organização definida, nem ordem clerical, nem confissão de fé, nem

qualquer vínculo visível de união, nenhum presidente ou ministro ordenado. Mas o próprio Senhor estava com eles, fiel à Sua promessa: "Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles" (Mateus 18:20). E ali o Senhor estava para trazer alegria, bênção e edificação a Seu povo amado. Se lhe dermos o Seu lugar apropriado na mesa, Ele não somente o tomará, mas Sua presença irá preencher nosso coração com uma alegria inexplicável e com a plenitude de Sua glória. Dessa forma, eles foram fortalecidos e prosseguiu a boa obra do Senhor. O Evangelho foi pregado com clareza, plenitude e poder. Livros e panfletos foram escritos e tinham uma ampla circulação. As supremas doutrinas da igreja, as obras realizadas pelo Espírito Santo, a esperança bem-aventurada do iminente retorno do Senhor, foram expostas com grande vigor e poder, para elevação de muitos corações, e para bênção eterna de centenas de preciosas almas.

Mas precisamos retornar por um momento aquele que foi o nosso ponto de partida verdadeiro: Fitzwilliam Square.

Quando essas coisas começaram a ser largamente divulgadas, surgiu um grande interesse em muitas mentes acerca do verdadeiro caráter desse movimento. Os que se aventuravam a participar dessas reuniões ficavam impressionados pelo fato de haver centenas de pessoas reunidas sem a presença de um chamado ministro, e, contudo, sem haver nenhuma confusão, pois tudo era feito "com decência e ordem" (1 Coríntios 14:40). Um e outro, convencidos pela verdade, eram recebidos na comunhão, após o devido exame da retidão da doutrina e da santidade da vida. O número de participantes aumentou tanto que, em pouco mais de um ano, a casa do Sr Hutchinson havia se tornado inadequada para a realização das reuniões.

O primeiro salão público

O Sr Parnell — mais tarde Lorde Congleton —, o qual aparentemente se uniu aos irmãos em 1829, alugou um amplo salão na Aungier Street para ser utilizado no dia do Senhor. Sua idéia era de que a Mesa do Senhor deveria ser uma testemunha pública da posição deles. Esse foi o primeiro salão público dos Irmãos; começaram a partir o pão neste lugar por volta da primavera de 1830, talvez até no inverno de 1829. Esse estranho local para o santo serviço do Senhor pode ser tomado como um exemplo do que tinham sido os salões em todas as partes do país desde então. Com o objetivo de preparar o local para a reunião pela manhã do dia do Senhor, três ou quatro dos irmãos tinham o hábito de remover a mobília no sábado à noite. Um desses ativos irmãos, comentando acerca disso, depois de quase cinqüenta anos, relata: "Esse foi um período abençoado para a minha alma; J. Rarnell, W. Stokes e outros arrastando a mobília, e arrumando aquela mesa simples com o pão e o vinho — e que jamais esquecerei —, porque tínhamos a presença, o sorriso e o encorajamento do Mestre em um trabalho como aquele". Ouvimos algumas pessoas descreverem seus sentimentos de estranheza ao visitar esse auditório pela primeira vez, por estarem acostumadas ao decoro das "igrejas e capelas", mas o que escutavam era completa novidade para elas, e é lembrado até o dia de hoje. Tais pessoas gostam de falar do vigor peculiar, da unção e do poder da palavra naquela época.

Posteriormente, os Irmãos passaram a utilizar aquele salão com exclusividade, e continuaram a se reunir nele por muitos anos, de modo que se tornou conhecido em Dublin como o "salão dos Irmãos".

Anthony Norris Groves e os irmãos

Um dos primeiros visitantes vindo de regiões mais afastadas a visitar os Irmãos, cujo nome ficou ligado com o início das reuniões deles, foi o do finado Anthony Norris Groves. Devido à escassez de informações relativas a datas, mesmo nas suas *Memórias, é* muito difícil saber com certeza quando foi a primeira vez que se reuniu com os Irmãos em Dublin, ou com qual freqüência. Depois de fazermos o melhor possível ao comparar as datas das correspondências, acreditamos que as datas a seguir são substancialmente corretas.

Esse querido e devoto homem era um dentista muito famoso em Exeter; mas desde muito cedo em sua vida havia recebido um chamado para a realização de trabalhos missionários no exterior. As seguintes conversas, relatadas por ele próprio, mostram um coração com uma devoção quase ascética ao seu objetivo. "O Sr Bickersteth", diz, "veio visitar-me, e em nosso salão de jantar em Exeter, lhe falei sobre minha situação. Eu lhe disse que havia me oferecido à sociedade há dez anos; e que todo meu desejo era fazer a vontade do Senhor e trazer o máximo de benefício para a igreja em geral, porém de uma forma mais especial para o assunto com cujos interesses eu havia me comprometido — *a causa das missões.* Mas isso, disse eu, podia ser realizado de duas maneiras: a primeira, *dando dos próprios recursos;* a segunda, *por esforços pessoais.* Em relação ao primeiro ponto de vista, tenho uma renda pessoal crescente, e neste ano recebi aproximadamente *mil e quinhentas libras,* e a querida senhora Groves, por ocasião da morte de seu pai, provavelmente terá à sua disposição mais dez ou doze mil libras esterlinas; tudo isso, naturalmente, a partir de minha perspectiva atual, desaparecerá no momento em que venhamos a dar o passo contemplado. A resposta do Sr Bickersteth foi: 'Se você foi chamado à obra do Senhor, o dinheiro não poderá ser utilizado como compensação; são os homens a quem o Senhor envia, e Ele necessita mais de homens do que de dinheiro'. Achei que era uma resposta sábia e santa, e continuo com a mesma opinião até o dia de hoje[1]".

Ainda que não tenhamos a data exata de quando ocorreu essa conversa, deduzimos a partir de uma carta enviada para um amigo que foi anterior a março de 1827. Numa carta datada de 2 de abril de 1827, ele relata: "A morte do pai da senhora Groves, há mais ou menos três semanas, nos facilitou muito o caminho em certos aspectos; mas colocou uma certa dose de mortífero corruptor do coração humano — o dinheiro — em nosso caminho, em circunstâncias sobre as quais não temos controle. Portanto, ore por nós para que possamos glorificar ao Senhor com cada centavo".

---

[1] *Memórias" de A. N. Groves, pg. 23.*

[2] *Em inglês, "Church Missionary Soáety", da Igreja Anglicana.*

Como a Sociedade Missionária da Igreja[2] exigia que todos os seus missionários tivessem educação universitária e fossem devidamente ordenados para o ministério, o senhor Groves teve de abandonar sua atividade profissional para dedicar-se ao estudo da Teologia. Porém não era necessário que residisse em Dublin durante os seus estudos, ele apenas deveria comparecer à universidade duas ou três vezes ao ano para fazer testes que comprovassem seus progressos. Foi durante uma dessas viagens periódicas que ele conheceu os Irmãos. Como cristão, partiu o pão com eles na

Fitzwilliam Square, pois naquela época a congregação ainda estava lá. Esse era o grau de extensão do seu relacionamento com a jovem comunidade. Na verdade, Groves nunca concordou com a doutrina eclesiástica deles, nem com a posição que tomaram de se manterem separados de todos os outros sistemas religiosos. No ano de 1828, Groves teve uma longa conversa com alguns dos Irmãos sobre Missões e a Igreja, porém no que dizia respeito à natureza dessa última, não puderam chegar a um acordo. He calorosamente argumentava que as ervas daninhas iam crescer na igreja até o fim, opinião a que os Irmãos se opunham energicamente, considerando-a antiescriturística, e necessariamente contrária à sã disciplina: "o campo é o mundo", não a igreja[1].

Essa foi provavelmente a última vez que se encontraram antes que ele partisse para Bagdá. Durante essas viagens a Dublin, aconteceu uma grande mudança em sua mente em relação à necessidade de se obter um diploma universitário e de uma ordenação ministerial para a obra do ministério. Ele abandonou os seus contatos com a universidade, considerou a sua preparação e as viagens a Dublin uma perda de tempo, e recomendou a todos os missionários que fizessem de tudo para evitar as frias formalidades de um comitê. O Sr Groves e o seu grupo embarcaram em Gravesend com destino a Bagdá, no dia 12 de junho de 1829, e lá chegaram depois de uma viagem muito perigosa, no dia 6 de dezembro.

---

[1] *Veja as opiniões sobre o assunto, na obra Church History (História da Igreja) deste autor, vol. 1, pg. 22, ainda não disponível em português.*

Ainda que consideremos que a devoção abnegada e sincera do Sr Groves para a propagação do cristianismo entre os pagãos é digna de ser registrada nos anais da Igreja — e que nenhum escritor seria capaz de escrever sobre a sinceridade de seus propósitos — esse não é o nosso objetivo nessa obra. Em diversas descrições apressadas e inexatas sobre a origem dos Irmãos que chegaram em nossas mãos, o Sr Groves tem sido mencionado como o primeiro que sugeriu pela primeira vez a idéia de partir o pão sem a presença de um ministro. A partir desse equívoco, alguns o têm designado como sendo o "fundador" dos Irmãos, e outros como o "pai" dos mesmos; mas essa conclusão não se encontra baseada nos fatos. É bem possível que alguns dos primeiros Irmãos tenham se beneficiado da relação que o Sr Groves teve com eles, especialmente no que tange à igreja estabelecida e à ordenação; mas eles já estavam se reunindo para adoração e comunhão antes que o Sr Groves os conhecesse, e temos completa convicção de que ele jamais teve qualquer afinidade verdadeira com a posição que eles haviam tomado.

Voltemos agora a investigar um pouco, apesar da escassez de materiais, a extensão dessas verdades.

CAPÍTULO 2

As *reuniões de estudo*

O Sr Darby, que parece ter tido desde o início um grande amor em levar a Palavra de Deus de lugar em lugar, logo depois da formação da congregação em Fitzwilliam Square, descobriu Limerick. Este foi o primeiro local que visitou; e com um espírito verdadeiramente apostólico continuou firmemente nesse trabalho por 50 anos, e nunca com maior intensidade que durante os últimos dez ou quinze anos de sua vida.

Pela boa providência de Deus, ele fez uma visita interessantíssima a Limerick; o Senhor abriu-lhe a porta para o ministério da Palavra. Ele presidiu reuniões de estudo em que muitos da elite e do clero participavam, e a Palavra se fez presente entre eles pelas bênçãos de Deus. O Sr Maunsell, que ali residia, trabalhou com ele e foi um irmão ativo naquele lugar por muito tempo. As reuniões de estudo foram o principal meio de que os Irmãos se utilizaram para introduzir e divulgar a verdade, e nós deveríamos fazer um breve resumo sobre essas reuniões antes de prosseguirmos.

Desde o começo, quando começaram as reuniões, ficou evidente que as chamadas reuniões de estudo têm sido um modo de ensino praticado universalmente; e, sem dúvida alguma, vem sendo amplamente utilizado pelo Senhor para nos dar um conhecimento preciso e abrangente da Palavra divina. Muitos cristãos, tanto na Igreja Estabelecida quanto entre os Dissidentes, que iam à casa de um amigo, talvez pela manhã ou à tarde, para ler e estudar a Palavra de Deus, tinham se negado entrar em qualquer lugar público de adoração, exceto naquele que pudesse ser considerado como sendo o deles. Dessa forma, a Palavra de Deus é lida de forma intensa por pequenos grupos de vinte, trinta ou mais pessoas; e todos tendo a liberdade para fazer perguntas, as dificuldades são esclarecidas e o verdadeiro significado das Escrituras percebido com maior clareza. Pelo fato de tais reuniões serem consideradas reuniões de ensino (não de igreja), todos têm a liberdade de expressar que luz o Senhor lhes tenha dado acerca da porção bíblica sobre a qual meditavam.

Dessa maneira, cada um em pouco tempo encontrava o seu próprio nível, pois somente aquela pessoa que se aprofunda mais na Palavra é que cresce moralmente. Nessas reuniões a dignidade oficial do arcebispo de Canterbury não o ajudaria em nada, pois ele teria de aceitar o seu lugar de acordo com o seu conhecimento da pura Palavra de Deus. Em linhas gerais, este é e sempre será necessariamente o resultado. O discernimento espiritual da congregação, através da presença do Espírito Santo, é tão sensível que os argumentos meramente humanos são ofensivos e não têm peso algum; mas no momento em que o verdadeiro significado da Palavra é revelado, um acorde vibra por toda a congregação. Embora a verdade não possua o seu próprio poder, ela é utilizada pelo Espírito Santo para levar à alma sedenta sentir a sua autoridade divina. Ela é a espada que corta quando o Espírito a maneja, é o vinho e o óleo para a consciência ferida quando Ele a utiliza. Nenhum outro tipo de reunião, como será visto, estimula tanto o cristão a estudar constantemente a sua Bíblia; e isso pode explicar o dito proverbial que diz o seguinte: "Qualquer que sejam os defeitos dos Irmãos, eles estão em casa nas suas Bíblias".

E o verdadeiro segredo do conhecimento da Bíblia da parte dos irmãos está no

conhecimento deles de Cristo. O Espírito Santo, que conduz à toda verdade, relaciona tudo com a Pessoa e obra de Cristo. É uma coisa meramente humana, dizem, considerar qualquer verdade concreta como um tema. Em tais casos, a mente comanda o aprendizado da verdade de Deus, e, como conseqüência, tudo se torna obscuro e desequilibrado. Não é mediante um aprendizado humano, ou pelo poder do intelecto humano, que se contempla a glória de Cristo, mas pelo ensino do Espírito Santo. Um raio dessa luz sagrada fará muito mais para iluminar a alma acerca da Pessoa, obra e glória de Cristo, do que os esforços da mente humana em milhares de anos. E é nisso que consiste a poderosa diferença entre as reuniões de estudo sob a direção de um líder designado, por mais sincero ou espiritual que seja, e outra reconhecidamente guiada pelo Espírito Santo. O estado de mente individual é muito diferente entre uma reunião e outra. Na primeira, compartilha-se mais de um ato intelectual — disposição para discussão, inferir, tirar conclusões, e aprender com isso. Na segunda, quando a alma está sujeita à liderança do Espírito Santo, a consciência é exercitada perante Deus, e as afeições ficam rendidas ao abençoado Senhor Jesus. Não se trata agora de saber qual grupo é composto por cristãos verdadeiros, devotos e separados do mundo, mas de quem se considera o líder da reunião. Nós já tivemos muitas experiências de ambos os tipos e podemos falar sobre este assunto com toda segurança.

Mas existe outro e importante ponto relacionado a essas reuniões: a saber — que a paz com Deus é necessária para a edificação. Todo cristão experiente concorda com isso, porque até que a alma tenha encontrado a paz, estará ocupada consigo mesma, e não com Cristo. As dúvidas e temores irão atormentá-la, embora Deus deseje que Seus filhos não se distraiam. Esta paz implica na total certeza do perdão e da aceitação no Amado. Diante de Deus, na plena e imaculada luz de Sua presença, sendo um com Cristo, Deus não tem nada contra nós. E como Cristo é e sempre será a nossa paz, e nós nEle, esta paz é segura e eterna; ou como expressa o apóstolo de uma forma resumida: "Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus" (Romanos 5:1-2). Estas quatro coisas — ser justificados, ter paz, estar na graça, e esperar a glória — são consideradas como verdades fundamentais do cristianismo, necessária à feliz comunhão como santos e para o crescimento na vida divina. E temos meditado com freqüência por meio das conversas particulares com outros que esse conhecimento é comum à comunidade. Pessoas que poderiam ser consideradas como estúpidas e ignorantes em tudo o mais são esclarecidas e sãs quanto à questão da paz com Deus, e respondem sobre isso com toda a segurança. Pode haver exceções à essa regra geral, as quais não iremos questionar, mas acreditamos que não sejam muitas.

Mas podemos perguntar: por que tantos resultados e tantos conhecimentos preciosos, como alguns poderiam dizer, são comuns à uma comunidade tão variada quanto à faixa etária, nível intelectual e condição social? Certamente não é pelo simples fato de que eles sejam melhores que os outros cristãos, mas porque o Espírito Santo é reconhecido como o Líder e Mestre nas reuniões deles, e faz o que Ele quer e não o que eles querem (1 Coríntios 12:11). Pode ser que haja falhas por parte de alguns ao não se aperceberem dessa verdade, e assim constituir em um obstáculo à ação do Espírito; contudo, é Sua presença que constitui as assembléias deles e que as caracteriza como cristãs. No lugar de um clericalismo em sua forma menos ofensiva,

eles acreditam na presença e na ação soberana do Espírito Santo, e isso de acordo com a Palavra do Senhor: "Todavia, digo-vos a verdade: que vos convém que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei... Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar" (João 16:7-14).

Essa é a sublime verdade central que caracteriza as reuniões destes crentes, reunidos em nome do Senhor, e contando com o Espírito Santo em conformidade à Palavra revelada. Eles acreditavam com tanta firmeza que o glorificado Senhor enviou-lhes o Espírito Santo para agir e guiar Sua congregação, que não considerariam correto estar presentes em qualquer reunião da congregação quando uma pessoa ocupasse o lugar de líder. Mas, no início, os Irmãos não haviam compreendido claramente essa verdade; por algum tempo acreditavam ser necessário realizar algumas disposições, ou ter algum entendimento entre eles sobre quem deveria partir o pão ou de dar a palestra. Seus antigos preconceitos encontravam-se enraizados demais para que pudessem ser eliminados de uma só vez; e o Senhor, em Sua amorosa graça, determinou que eles fossem desfeitos paulatinamente. Os Irmãos se encontravam do lado correto e caminhavam na direção certa, e Deus teve paciência com eles, como sempre tem com a ignorância genuína.

Nossa recordação da primeira reunião de estudos da qual participamos

As classes média e trabalhadora, que não tinham tempo livre para tais reuniões durante o dia, aproveitavam seu tempo livre ao entardecer para estudarem a Palavra. Nós bem nos recordamos da primeira, ou de uma das primeiras, destas reuniões que participamos. Fomos convidados por um amigo cristão para nos encontrar com alguns outros cristãos em sua casa a fim de participarmos de um chá social e uma leitura, e assim nos dirigimos para lá. Ao observarmos os amigos que chegavam, cerca de trinta pessoas, ficamos impressionados com a forma simples com que se vestiam, e pela falta de ornamentos. Os assuntos que foram conversados durante o chá eram de interesse pessoal de cada um, ou melhor, da obra do Senhor nas diferentes reuniões deles. Não mencionavam nada a respeito das notícias cotidianas, e qualquer referência a um assunto político soaria como uma completa profanação.

Os Irmãos, como grupo, não se candidatam a cargos políticos nem tampouco votam.

Quando o chá está pronto a ser servido, todos os participantes entram num profundo silêncio. Um irmão, após uma pequena mas clara pausa, clama pela benção do Senhor. Todos eles estiveram completamente descontraídos e alegres durante o chá; alguns estavam sentados e conversando, outros se encontravam em movimento constante com o propósito de conversar com a maior quantidade possível de pessoas. Essa parte da reunião foi muito alegre e se prolongou até mais ou menos sete horas da noite, durando aproximadamente uma hora. Quando terminamos o chá, e chegou a hora da edificação, cada um procurou um lugar para se sentar, com a Bíblia e um livro de hinos nas mãos. Todos tinham vindo com os dois livros. Novamente ocorreu uma pausa e um perfeito silêncio. Depois de uma pequena espera, um hino foi entoado e fez-se uma oração pedindo a presença do Senhor em luz e bênção.

O proprietário da casa então declarou: "Se algum dos irmãos tiver em sua mente algum trecho da Palavra que queira ler, sinta-se livre para fazê-lo". Essa parecia ser uma parte da reunião de muita responsabilidade, ocorrendo uma longa pausa. Então, um capítulo foi escolhido, e todos procuraram por ele em suas Bíblias. O trecho foi lido, e ocorreu um livre debate sobre o seu significado, sua conexão, e sua importância até as nove horas da noite. Praticamente todos os irmãos tinham algo a dizer sobre o trecho; outros simplesmente se sentiram satisfeitos em formular perguntas; mas em pouco tempo se tomou evidente quem estava melhor instruído na Palavra, à medida que as perguntas lhe iam sendo direcionadas. Após um hino e uma oração, o grupo se dispersou por volta das dez horas da noite. Mas sempre ocorreu uma pausa perceptível entre cada uma das partes da cerimônia, deixando assim o Espírito Santo livre para utilizar a quem Ele escolhesse, embora não se tratava de uma reunião de assembléia.

Por volta das cinco e meia da tarde até às nove e meia da noite, tivemos a impressão de estarmos numa atmosfera puramente espiritual, a qual teve um grande efeito sobre a nossa mente. Se todos ali presentes sentiram o mesmo, não temos como saber; nós somente falamos sobre aquilo que experimentamos. A partir daquele momento, a Bíblia se tornou um livro completamente novo, a oração algo vivo, a presença de Deus uma realidade muito mais palpável, embora conhecêssemos o Senhor há mais de vinte anos, e estivéssemos felizes com Ele e em Sua obra por todo esse tempo. Não houve a necessidade de um líder nesse tipo de reunião; a sensação da Presença divina era tal que a menor inconveniência, ou manifestação carnal, teria sido intolerável. O sentido espiritual dos que haviam se reunido teria marcado claramente a sua desaprovação para um intruso.

Isso pode ser considerado um exemplo objetivo do que ocorria nas reuniões daquela época, há mais de um século. Creio que hoje tenhamos um número de participantes maior, mas tememos que se possa observar um maior elemento do mundo nas reuniões, por mais que possamos lamentar. Porém, mesmo nos dias atuais, muitas destas reuniões sociais e de leituras podem ser comparadas com aquela descrita acima. Contudo, temos que dizer sobre alguns indivíduos, como um irmão comentou há tempos atrás: 'Ainda não chegou a época da troca da pelagem".

Havendo dito tudo isso acerca das reuniões de estudo e do valor delas, parece ser necessário adicionar que ali se encontravam pessoas de grande peso moral, que poderiam não ser capacitados a participar ativamente dessas reuniões; mas a piedade de suas vidas, o seu serviço como pastores do rebanho, e o seu espírito semelhante ao de Cristo, recomendavam-nos à apreciação e à afeição de todos. Além disso, devemos dizer, embora com profunda dor, que tais reuniões têm sido utilizadas também para as piores intenções do inimigo. Pode-se congregar um grupo cuidadosamente escolhido e, ainda assim, um falso mestre pode insinuar doutrinas malignas, e os seus registros anotados por partidários, podem vir a circular pelos quatro ventos. Mas que coisa boa existe que o inimigo não procure corromper, se ele não puder impedi-la? Ou que a carne não possa abusar, até no caso de um cristão? Mesmo no tempo dos apóstolos houve um Diótrefes que gostava ter a preeminência; e esses homens ainda existem (3 João 9).

Um estudo devotado da Palavra de Deus

Ao fornecermos nossas lembranças sobre as reuniões de estudo, temos dois

objetivos em mente.

1) Apresentar um relato fiel e verdadeiro de como os Irmãos se davam ao estudo devotado da Palavra de Deus, sob orientação do Espírito Santo, separados de toda a perspectiva teológica preconcebida. Não poderíamos relatar sobre a quantidade de bênçãos que fluíam destas reuniões. Não que as reuniões de estudo sempre fossem produtivas; pelo contrário, se não existe uma genuína submissão à verdade, elas podem ser bem problemáticas. A natureza pobre, fraca e rebelde pode eventualmente se manifestar na congregação e transformá-las em qualquer outra coisa senão alegres e produtivas. Mas isso é fracasso e fraqueza, apesar da presença do Espírito Santo, da mesma forma que um cristão pode fracassar ainda que o Espírito Santo habite nele. Falamos das reuniões de estudo como elas deveriam ser.

2) Chamar atenção às diferenças entre estas reuniões e aquelas as quais estávamos então acostumados. E quisemos fazer isto, com todo o amor e com o desejo mais sincero e ardente de que os queridos amigos cristãos possam honestamente considerar qual delas está mais em conformidade com a mente do Senhor. Depois da conversão, a maior bênção que uma alma pode receber nesta vida é a de ser levada por Ele para o terreno divino de comunhão e culto. Das reuniões que anteriormente conhecíamos, a que mais se aproxima à reunião descrita acima recebia o nome de "Reunião de Comunhão"[1]. Estas podem consistir de uma dúzia ou mais de cristãos sérios da mesma denominação, que morem não muito longe uns dos outros, e que concordem em reunir-se uma vez por semana ou uma vez ao mês para orar e ler a Palavra. Um líder é escolhido, que fica responsável por entoar os hinos, fazer as orações, ler a passagem a ser estudada durante a tarde, fazer uns poucos comentários introdutórios sobre a Palavra; os primeiros vinte minutos poderão ser inteiramente utilizados por ele. Quanto aos outros, o que se espera deles é que dêem as suas opiniões, e todas as observações têm que ser dirigidas ao líder.

---

[1] *Em inglês, Felowship Meeting.*

Sem dúvida alguma, esse tipo de reunião tem a tendência de alimentar tanto a comunhão cristão quanto a piedade individual, porém não possuem a luz e o poder vivos que revelam Cristo para a alma, e a transforma segundo à imagem dEle. No entanto, mesmo que esta não seja a intenção, o Espírito Santo acaba sendo deslocado na prática e a mente fica na obscuridade causada pela falta de dependência do Senhor. Então se anuncia a porção bíblica para o encontro seguinte, e se espera que o líder designado a estude bem.

A única outra reunião que podemos mencionar é a "Reunião Social do Chá". Os convidados são selecionados e convidados pelo irmão em cuja casa ocorrerá a reunião. Algumas vezes havia uma mistura entre pobres e ricos, de acordo com o gosto do anfitrião. Após o chá, as conversas podiam ser sobre generalidades, ou alguns podiam ficar conversando enquanto outros ficavam a ouvir um pouco de música. Nenhum deles pensava em levar consigo uma Bíblia ou um hinário, mas por volta das nove horas da noite se iniciava o culto familiar. Uma grande Bíblia era colocada na mesa, e se pedia que alguém dirigisse esse momento, geralmente o ministro oficial caso estivesse presente. Lia-se um capítulo e se fazia uma oração, e logo depois todos

voltavam a assumir uma postura livre e descontraída, e as conversas continuavam até a hora do jantar. O momento de encerrar a reunião dependia um pouco da animação da reunião ou da cordialidade do anfitrião. Isso dificilmente seria algo que pudéssemos chamar de uma reunião espiritual; embora o seu propósito fosse positivo, uma vez que os membros de uma congregação se reuniam socialmente, e se cultivava um sentimento fraternal entre eles.

Os mais familiarizados com tais reuniões irão testemunhar prontamente que as descrevemos da maneira mais positiva e esclarecedora; não existe nada mais longe de nossas intenções do que dizer uma palavra que pudesse magoar a mente mais sensível. O nosso objetivo não é o de louvar aos Irmãos, mas sim o de buscar a glória do Senhor na bênção de todo o Seu povo, e expor e incentivar os cristãos a adotar esses meios que Ele abençoou tão ricamente para a edificação. A bênção de Deus evidentemente era mais abundante naqueles que assim se reuniam em nome do Senhor Jesus.

Os vários meios de se difundir a verdade

Além do estudo fervoroso da Palavra de Deus, esses crentes demonstravam um grande zelo em pregar o Evangelho aos pecadores; e baseados no crescente conhecimento sobre a obra consumada de Cristo e as riquezas da graça divina, pregavam com clareza, plenitude e poder; e muitos em diferentes lugares foram levados a conhecer o Senhor. Tão zelosos eram em espalhar as boas novas que em determinados lugares quase cada irmão se transformou em um pregador. Também os mais instruídos ensinavam ou faziam preleições sobre as Escrituras Sagradas aos cristãos. A importante diferença entre pregar o Evangelho aos não convertidos e ensinar os cristãos, como agora era feito, era algo completamente novo. O dom e a obra de evangelista são completamente distintos dos de mestre; mas, de forma geral, a igreja não continuou observando essa diferença, exceto na época dos apóstolos.

Pouco depois do grande Avivamento em 1859, começaram a celebrar serviços evangelísticos especiais em salões públicos, e nunca cessaram desde então. A missão evangelística dos senhores Moody e Sankey neste país em 1873 -1875 foi uma derivação do Avivamento Americano; no entanto, por mais estranho que possa parecer, essa missão adotou mais a atitude de evangelizar nas denominações que aos de fora.

Outro meio adotado para difundir a verdade foi através da escrita e da publicação de livros e tratados. Isso foi feito em grande escala. Ao receber uma luz renovada da Palavra de Deus acerca de qualquer aspecto importante, esta era imediatamente incorporada em um tratado,que logo era publicado. Desta forma não somente se fornecia o conhecimento, mas também o alimento para a alma, recém-saídos dos inesgotáveis tesouros da verdade divina. Num período relativamente curto, o público teve em suas mãos, a um custo mínimo, os meios para se familiarizar com a Palavra de Deus; especialmente com aquelas verdades que então estavam atraindo a atenção de milhares de pessoas. Poderíamos falar de muitos tratados que foram escritos e foram aparecendo com as grandes doutrinas da igreja, o chamamento celestial, as obras do Espírito, o ministério, a adoração, a profecia, a eficácia da redenção, as vinculações celestiais dos cristãos, a vinda do Senhor, o arrebatamento dos santos, a primeira e a segunda ressurreição, etc.

Dessa forma e por esses meios, a verdade foi divulgada de uma maneira rápida

e ampla. Esses crentes evidentemente possuíam uma grande vantagem sobre os corpos populares por meio do ministério laico. Ao ser a ordenação absolutamente essencial para o exercício do ministério nesses corpos, a obra ficava restrita aos poucos autorizados. Os Irmãos sempre consideraram que tal sistema de ministério está em oposição à verdade de Deus, e em muitos casos é desastroso em seu funcionamento. Por exemplo, um homem educado, ainda que desprovido de dons espirituais, e talvez até mesmo de vida espiritual, contudo, se for devidamente ordenado, poderá exercer qualquer função ministerial na denominação a qual pertence; por outro lado, se um cristão possui os mais evidentes dons para pregar e ensinar não poderá exercer nenhum dos dois dentro da jurisdição da igreja, a menos que uma autoridade humana o permita.

Felizmente para eles, para a Igreja de Deus e para as almas dos homens, descobriram a verdadeira fonte do ministério, em todas as suas ramificações no próprio Cristo, a Cabeça glorificada no céu. "Mas a graça foi dada a cada um de nós", diz o apóstolo, "segundo a medida do dom de Cristo. Pelo que diz: Subindo ao alto, levou cativo o cativeiro e deu dons aos homens... E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo" (Efésios 4: 7-12). Aqui temos a verdadeira base e a única fonte de todos os dons ministeriais — a redenção cumprida por Cristo na cruz, e Sua ascensão à destra de Deus nos céus. Cristo como o Cabeça da igreja é Aquele que concede esses dons; nada é dito sobre a autoridade ou ordenação humanas. A igreja professa sofre imensamente por causa de suas idéias tradicionais sobre o ministério, considerando-o como uma profissão honrada entre os homens e assim garantindo um certo status na sociedade; enquanto que o dom ministerial aqui é chamado graça, que é certamente tida por todos aqueles que amam a igreja e cuidam de seus membros, ou buscam ganhar novas almas mediante o evangelho.

Antes que venhamos finalizar este capítulo, gostaria de reproduzir uma carta que foi escrita mais ou menos na mesma época que o restante deste livro, apesar de não haver sido escrita pelo autor; uma carta que descreve a reunião mais amada de todas pelo coração do povo de Deus, reunido apenas em Seu Nome:

"Porice Park, 27 de novembro de 1891

"Querido Irmão,

sua carta do dia 22 chegou a noite passada e a recebemos com muita alegria... A questão que você menciona, também tem estado em meu coração há muito tempo.

Tenho fortes sentimentos acerca disso, mas não estou seguro de poder expressar de maneira correta o que sinto. Existem reuniões que estão entre as minhas recordações mais preciosas, quando quase se podia ver ou tocar Aquele que estava entre os que se reuniram em Seu Nome. Eu me lembro de uma delas em que o espírito de adoração nos encheu de tal maneira que, enquanto cantávamos um hino de adoração, as vozes cessaram uma após a outra, até que somente ficamos a escutar duas delas finalizando a estrofe — os corações estavam demasiados preenchidos para poder falar, e a emoção se encontrava além do controle físico.

Porém, quantas vezes deixamos o local e o momento de adoração com o sentimento de desapontamento. Nós "desfrutamos da reunião", como dizemos, e podemos até ter sido edificados — contudo, faltava algo, e esse "algo" era devido a Deus e não o havíamos oferecido a Ele. E difícil falar sobre isso, mas o sentimos e o reconhecemos. Como em um buquê de flores, ou numa fruta, podem estar ausentes uma fragrância ou um aroma que o olho não pode ver, porém toda a sua beleza que o olho capta não pode compensar essa perda.

Agora lhe darei a conhecer os meus pensamentos sobre a adoração, e sobre a reunião matinal, que espero que sejam conforme à Palavra de Deus, mas nem sempre poderei citar as passagens e eu deixarei que você as recorde, se lhe agradam, a delicadeza da fragrância, — o sabor das quatro "especiarias principais" que eram só para Deus — a composição que não podemos produzir para nós mesmos, mas que é "sagrada para o SENHOR". Porém, observe, nós faremos essa "composição" para Ele. Trata-se certamente do sempre bendito Senhor Jesus — o próprio Filho de Deus —, mas a fumaça do incenso sobe quando o sacerdote o coloca sobre o fogo tomado do altar de bronze, esse perfume composto de quatro elementos, bem moído e queimado sobre o altar de ouro próximo ao véu.

Coloquemos o símbolo nos termos do Novo Testamento e teremos o fundo da resposta para sua pergunta. Talvez o resto de minha carta irá contê-la. Estabeleçamos inicialmente uma espécie de dicionário de termos, começando com nossa parte ou nossa aproximação de Deus —, desde "pecadores salvos" até nossa posição perante Deus "no lugar Santíssimo".

Antes de chegar ao primeiro ponto se trata de "tudo do ego" e nada de Deus: mas quando somos adoradores tudo é de Deus e nada é nosso.

Mas quando "nascemos de novo", recebemos um sentimento de necessidade, e pedimos aquilo que necessitamos, isto é, nós oramos. Então, ao abundar Suas misericórdias e ao nos tornarmos conscientes de Seu amoroso reconhecimento e provisão de nossa necessidade, O agradecemos pela misericórdia recebida.

Aprendendo mais de nosso Deus — o Pai do Filho, através do Espírito, reconhecemos a "Sua grandeza — a Sua glória", as glórias da criação e da redenção, e também da preservação, e assim O louvamos. Ainda existe outro nível — estamos conscientes "no Lugar Santíssimo pelo sangue de Jesus" e diante de nós está Deus. Nós nos ajoelhamos diante dEle (a palavra adoração significa originalmente o ato de dobrar os joelhos ou de se prostrar, como em Mateus 2:11) pelo que Ele é em Si mesmo, — o eu fica esquecido, de modo que não oramos nem apresentamos ações de graças: adoramos, reverenciamos. Esta será nossa feliz ocupação nos céus — em nossa fraqueza terrena somente desejamos isso mais do que de fato conseguimos. Nossa adoração aqui irá misturada com louvor, seu parente mais próximo, e tão freqüentemente com a lembrança do próprio eu — o que Ele tem feito por nós, e pelo qual também damos graças; e baixando mais chegamos à oração — porém, se os nossos pensamentos se moveram junto, distinguiremos entre uma e outra atividade. A cruz, ou seja, o altar de bronze, é a base de tudo. Para lá caminha o sacerdote e toma do fogo, isto é, do julgamento de um Deus santo sobre o pecado, suportado por Seu Filho, nosso Salvador. Este fogo pode ser colocado sobre Sua própria intrínseca santidade, e sobre ele o incenso é posto, e o perfume do mesmo é a porção de Deus. E quando no grande dia da Expiação, o sumo sacerdote penetrava além do véu, com suas

mãos cheias de incenso moído (mãos cheias significam consagração), sua fumaça o protegia do juízo do Santo de Israel, enquanto ele apresentava Israel a seu SENHOR.

Somente para aplicarmos a isso a nossas reuniões matinais. Mas, primeiramente, como um exemplo das Escrituras, veja os Salmos 28, 29 e 30, e vinculemos o primeiro com a oração, o segundo com a adoração e o terceiro com o louvor.

Então nos lembramos do Senhor Jesus — os símbolos são um memorial dEle: o maná, a Sua carne, o Seu sangue, são símbolos que Ele usa para falar de Si mesmo. Ele também utiliza o pão e o cálice — e parte o pão — e separa o cálice do pão, e oferece a Seus discípulos para que o repartam entre eles. Estas ações fazem com que estes símbolos sejam relembrados por nós, não só do Senhor Jesus em Sua pessoa, mas que o ato de comer o pão partido e participar do cálice são proclamações de Sua morte. Desta forma, a ceia do Senhor é a recordação do nosso Salvador — do nosso Senhor Jesus — em Sua morte. Este é o principal pensamento da reunião, e nada deverá interferir nem obscurecê-lo.

Porém não podemos pensar em Sua morte sem associá-la com o propósito e resultados da mesma, e estes com relação a Deus e a nós. Podemos fazer melhor do que seguir o nosso próprio Senhor no Salmo 22 e no 102? Ele sofre sob a mão de Deus, mas He O glorifica, O louva, mas como o Líder na grande congregação; os resultados finais hão de se manifestar em Seu senhorio sobre a terra, e nas bênçãos sobre o seu povo.

Não temos regras dadas para a reunião, apenas como foi genericamente ensinado em Atos 20 e em 1 Coríntios 14 — de modo que nossos sentidos espirituais deverão estar despertos e alertas para realizar tudo o que for digno e excelente ou ordenado para que façamos. Se tivermos em mente o propósito da reunião, e se somos conscientes da invisível Presença, e estivermos sujeitos ao Seu Espírito, (por nós me refiro a cada um dos presentes), estaremos juntos na hora marcada — esperando pelo do Senhor. A congregação irá louvar ou adorar, expressando em conjunto um hino de louvor ou adoração, ou mediante uma única voz audível.

O Evangelho de Sua graça, por mais inexpressavelmente precioso que seja, não virá à nossa mente. As provações do caminho, nossas peregrinações, serão esquecidas. Não teremos necessidades ou desejos. O coração está preenchido, e transborda — a congregação tem de adorar ou louvar —, pode ou não permanecer em silêncio: não importa. Assim, com um só coração, "unânimes, a uma voz, glorificando ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo". Jesus está diante de nós — Sua Pessoa, Sua morte, nossas "mãos cheias" dEle — moído — porque a compreensão de um pode ser maior que a de outro, isso não importa agora; — não se trata de quanto de Jesus eu posso receber; estou cheio, por pouco que possa conter dEle. O idoso e experimentado santo, que tem caminhado com Jesus por anos e que O conhece intimamente — "o pai" — fica cheio; o recém-nascido que começou agora a trilhar os Seus caminhos fica cheio — não estamos tratando de capacidade agora: e, sim, de Jesus que preenche cada capacidade, seja ela grande ou pequena. Oh!, como meu coração deseja estar nesta reunião nesse momento! Poderá existir uma regra — uma ordem de ritual para tal reunião? Um hino — uma voz expressando a adoração da assembléia; uma porção de Sua doce Palavra que nos faz desfrutar cada vez mais da consciência de Sua presença, tudo isso pode ou não anteceder a execução solene de um rito que está ordenado.

Agora "damos graças" — todos nós — a assembléia — ao levantar-se alguém para falar por nós. Eu não sei quem — se algum deles é dotado, que dê mais tempo, não seja que interfira entre o Espírito Santo e o Seu porta-voz escolhido.

Se o Espírito Santo for deixado livre para dirigir a assembléia, Ele escolherá aquela característica de Jesus mais adequada — porque não podemos contemplá-Lo em todas as Suas glórias ao mesmo tempo. Então o hino — a Escritura — a expressão da adoração da assembléia, tudo estará em harmonia com o tema escolhido. Não é necessário nenhum arranjo prévio — apenas esperar verdadeiramente nEle. E o período depois da reunião mostrará também harmonia sobre isso: a palavra, se alguma for dada, para edificação ou exortação, não chocará nenhum coração. É sempre uma reunião direcionada a Deus, e por isso não é lugar nem ocasião para a prática dos dons — muito menos para um longo discurso ou sermão.

Se eu o tiver descrito da forma correta, não cairemos em uma rotina ou forma de proceder contínua. Tampouco existe uma regra sobre como se dirigir ao Pai ou ao Filho à mesa; que seja como o Espírito dirigir. Mas existe apenas uma regra, que é estar sujeitos ao Espírito. Assim, então, tudo será "decentemente e com ordem". Ele usará aquele a quem tiver escolhido, Deus será adorado — nosso Senhor Jesus Cristo relembrado, e o santo deixará o lugar como um que teve uma antecipação dos céus.

Mas, quão raro é uma reunião assim; porque se nela existir algum participante que não estiver "em sintonia" com o tema do Espírito, a harmonia é desfigurada, talvez eliminada. Especialmente se esta pessoa toma a parte audível, entoando um hino não adequado à ocasião ou lendo uma porção das Escrituras não ajustada ao tema, ou ora, uma vez que não está disposto a adorar a Deus.

Então, o que fará o adorador? Nada, além de manter a sua alma em paciência — unir-se quando puder fazê-lo, e quando não puder, estar a sós com Deus.

No amor de Cristo por você ...

C.H.H.

CAPÍTULO 3

A origem do título "Os irmãos de Plymouth"

Entre as muitas reuniões que surgiram por todo o país naquele período inicial, a que ocorria em Plymouth se tomou a mais conhecida. "Por volta do ano de 1831", relata o Sr Darby numa correspondência a um amigo, "viajei para Oxford onde muitas portas foram abertas, e onde encontrei os senhores Wigram e Jarratt. Posteriormente, ao visitar o Sr E Newman, conheci o Sr Newton, que me pediu para acompanhá-lo até Plymouth, o que prontamente aceitei. Ao chegar ali, encontrei na casa o Capitão Hall, que já estava pregando nas vilas. Tínhamos reuniões de leitura, e logo começamos a partir o pão. Apesar do Sr Wigram ter começado a obra em Londres, vinha com freqüência a Plymouth".

O primeiro local de reunião deles se chamava "Providence Chapei" [Capela da Providência], e uma vez que eles se recusavam a ser chamados por um nome em particular, eram conhecidos pela comunidade local como "gente da Providência". Quando os irmãos começaram a pregar e Evangelho em locais públicos e nos vilarejos mais próximos, despertou-se não pouca curiosidade para saber quem eram; havia algo novo na maneira como pregavam e realizavam a obra. Porém, como não pertenciam a nenhuma das denominações, eram conhecidos como "os irmãos de Plymouth". Isso levou naturalmente à designação de "Os Irmãos de Plymouth", utilizada desde então, às vezes para ridicularizá-los. "Um só é o vosso Mestre, a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos"; este é o título que o próprio Senhor deu a Seus discípulos (Mateus 23:8). Ao aumentar o número deles, compraram a pequena capela, que foi consideravelmente ampliada.

Em pouco tempo se manifestou uma violenta oposição contra o novo movimento, especialmente por parte do clero e dos ministros de todas as outras denominações. E isso não é surpreendente: o espaço ocupado por esses cristãos era visto como um firme testemunho contra a situação e a prática [da igreja], e muitos se sentiram movidos a dizer coisas rudes e inverídicas, com o objetivo de neutralizar a abençoada obra que Deus estava realizando por intermédio deles. Mas esses esforços do inimigo — como geralmente o são — foram usados pelo Senhor para aumentar o interesse geral em relação aos novos pregadores, e para atrair muitas outras pessoas para as diversas reuniões. A bênção de Deus evidentemente estava presente na obra deles naquele momento; muitos foram levados a se separarem das várias denominações da época, e a se reunirem em torno do novo centro, o Nome do Senhor Jesus; ainda que por parte de alguns houvesse pouca compreensão ou exercício de consciência, em comparação com os que inicialmente andaram nesses princípios. Mas não estavam satisfeitos com o que estavam seguindo até então e buscavam por algo melhor.

Entre os Irmãos havia muito vigor, simplicidade, devoção, amor e união; e tais manifestações de espiritualidade sempre exerceram uma grande atração sobre algumas

mentes; e muitas, naturalmente, dos que se uniram a eles tinham pensamentos muito pouco definidos acerca da natureza da decisão que estavam tomando. Mas tudo era novidade: Cristo era o seu único centro, e o Espírito Santo seu único Mestre. Desta forma, se entregavam ao estudo da Palavra de Deus e experimentavam a doçura da comunhão cristã, e descobriram que a Bíblia — como diziam — se tornara um novo livro. Sem dúvida, acontecia naquela época uma nova e bendita obra do Espírito de Deus, cuja influência não era somente percebida naquele país, mas também no continente europeu e em terras distantes.

O efeito da separação do mundo

Não era uma coisa incomum naquela época se encontrar jóias valiosas nas caixas de coleta, que logo eram transformadas em dinheiro e entregue aos diáconos para ser distribuído entre os pobres. Mas essa forma sutil de dispor de jóias finas não satisfazia aos espíritos dos devotos ao Senhor em Plymouth. Abandonaram tudo que era considerado mundano nas roupas, livros e móveis. Estas ofertas voluntárias foram recolhidas, e quando parecia que iria terminar o período de doações, havia tanto material doado que foi necessário vendê-los em leilões.

Agora, muitos vão querer saber quais foram os motivos que levaram essa jovem comunidade — com cerca de nove anos de existência — a fazer tal entrega de seus bens terrenos. Como existiam alguns participantes daquela comunhão ainda vivos quando este livro foi escrito, o autor fez todo tipo de pergunta possível relacionada com a origem e o motivo desse notável exemplo de consagração. A seguinte passagem foi retirada da última carta recebida, e relacionada ao relato de mais de uma testemunha: "Em relação à quantidade de bens, jóias, livros, móveis, etc doados e vendidos durante aqueles primeiros tempos em Plymouth, não havia nenhuma convocação em particular, nenhuma necessidade especial pelo qual se fazia isso. Aconteceu de maneira simples e voluntária, como se fosse um desejo de mostrar a indiferença com relação ao mundo, a separação das pessoas para Deus, e a espera delas pelo Seu retorno dos céus".

Não seria uma falta de caridade, apesar desse testemunho, crer que alguns dos que despojaram de suas coisas possam ter meramente seguido aos outros, ou ter agido sob o sentimento geral, e logo terem se arrependido; porém, devido a tudo que sabemos, de modo geral o movimento parece ter sido mais uma santa ação do Espírito do que o entusiasmo ou simpatias naturais. Mesmo que não tenhamos o desejo de exagerar acerca desse exemplo de indiferença para com o mundo além do que a prudência cristã sugira, contudo, desejamos falar sobre ela como um exemplo do poder do Espírito quando o coração se separa para Cristo e espera pelo Seu retorno dos céus. Há, sem dúvida, muitos casos individuais de caráter similar que ocorrem constantemente, só com menos formalidade e divulgação. Foi o movimento simultâneo de toda a congregação que fez o caso de Plymouth tão notável.

O espírito do clerícalismo

É doloroso, profundamente doloroso, pensar que um cenário de tanta e maravilhosa vivacidade, simplicidade e devoção genuína, fosse arruinado e devastado pelas sutis astúcias de Satanás, através de um falso mas influente mestre. O Espírito de Deus agiu poderosamente em Plymouth, e produziu os mais fantásticos frutos de Suas

operações cheias de graça; mas o inimigo tinha posto seus olhos malignos sobre aqueles que estavam dando um testemunho tão brilhante da verdade e da igreja de Deus, e encontrou, dentro de suas próprias portas, um instrumento bem disposto para realizar sua obra devastadora. "Parece agora", relata um dos que passou pelo período de provação entre os anos de 1845 a 1848, "que quase desde o princípio havia elementos maliciosos infiltrados pelo inimigo, que lenta e gradualmente se manifestaram por algum tempo, mas que no final assumiram uma posição clara e trabalharam com uma energia tal que não deixaram nenhum tipo de dúvida sobre sua origem e tendências".[:]

Assim como no começo, quando se pregava o reino celestial, enquanto os homens dormiam, o inimigo plantou as suas ervas daninhas junto às boas sementes; da mesma forma ocorreu em Plymouth. No próprio seio dos Irmãos e através de um dos seus principais líderes, o inimigo estava trabalhando silenciosamente. Houve alguns que observaram que o Sr Newton, um homem sério e de considerável influência sobre determinada classe, e um dos primeiros obreiros em Plymouth, começava a se isolar dos outros irmãos quase desde o início. "Ele realizava reuniões de leitura, e não permitia que os irmãos obreiros estivessem presentes, dizendo que não era bom para os que estavam sendo ensinados ver que a autoridade dos mestres era questionada, pois isso abalava a confiança deles". Esse foi o início, a entrada rastejante do clericalismo, que gradualmente cresceu até se tornar um sistema definido. Mas parece que ninguém naquela época suspeitou que dali estivesse surgindo um mal grave, e durante anos nenhuma voz se levantou para impedir o seu progresso. "Doía-me esse infeliz traço de isolamento", disse o Sr Darby , "e o gosto por agir sozinho e por ter os seus seguidores somente para si; no entanto, não tinha a menor suspeita de que havia algum propósito oculto, considerei isso uma falta como as que todos temos, e admiti a perfeita e total liberdade individual sem nenhum tipo de imposições. Eu mesmo não queria agir sem o apoio dos meus irmãos. Preferia que meus pontos de vista fossem corrigidos por eles quando necessário, e aprendesse sobre os deles; mas ali estava a situação, e por minha parte decidi não interferir. Na reunião de Clifton, o Sr Newton, referindo-se ao ministério e a questões relacionados consigo mesmo, me disse que seus princípios haviam mudado. Eu lhe respondi que os meus não tinham mudado, que acreditava tê-los recebido como ensinamentos do Senhor, e que, com Sua graça, eu os manteria até o final...

[1]*"Todo o caso ocorrido em Plymouth e em Bethesda",* por William Trotter. Agora publicado sob o título de "A *Origem da (então chamada) Irmandade Aberta (Open Brethrenism).*"

Em relação aos ensinamentos que ouvi do Sr Newton em Ebrington Street, o único assunto invariável parecia ser o de ensinar algo diferente daquilo que os outros irmãos ensinavam, e assim pôr de lado o ensino deles. Em alguns casos isso era tão marcante que chamou também a atenção de outros que além da minha[1]".

[1]*Para uma exposição mais detalhada, consulte a "Narrative ofFacts" (A narração dos fatos) por J.N.Darby., "Collected Writings" (Textos selecionados), vol.20.*

Aqueles que com cuidado seguiram a origem e os primeiros dias dos Irmãos não terão dificuldade em distinguir o estratagema de Satanás no sistema introduzido

pelo Sr Newton. "Aquilo que caracterizou o testemunho dos Irmãos desde o princípio era a vinda do Senhor como a esperança atual da Igreja, e a presença do Espírito Santo como o responsável pela unidade, estímulo e liderança dos filhos de Deus; e eles reconheciam a dependência deles desta presença e atuação. O que marcava o ensino deles era a condição diferenciada dos santos da atual dispensação, ao ter o Espírito habitando neles, e estarem ressuscitados com Cristo, enquanto que as grandes verdades do Evangelho eram compartilhadas com outros cristãos genuínos, apenas com uma iluminação mais clara que o próprio Deus e estas outras verdades lhes davam. Se insistia muito sobre o caráter distintivamente celestial da Igreja[1]."

O caráter do sistema do Sr Newton

Voltemos agora aos detalhes do sistema do Sr Newton, e aqui será preferível citar os escritos de uma pessoa, que antes que o mal viesse a público, já sabia algo sobre as operações secretas nos bastidores. O Sr William Trotter, ao escrever os parágrafos seguintes, provavelmente se referia ao aspecto das coisas entre os anos de 1841 e 1845, quando o número dos que estavam em comunhão havia alcançado aproximadamente mil pessoas, incluindo Davenport e Stonehouse.

_____

[1]*Uma antiga edição de "Narrative of Facts" (A narração dos fatos), p.19.*

"Este foi o caminho adotado pelo Sr Newton, que conseguiu com que todos os obreiros que haviam trabalhado ativamente em Plymouth saíssem dali para outros lugares. O Sr Darby foi para o exterior, o capitão Hall se dirigiu para Hereford, o Sr Wigram se mudou para Londres e o Sr Newton foi deixado quase sozinho em Plymouth. Um querido irmão, o Sr Harris, que inicialmente não havia se identificado com o movimento, se associou na obra com o Sr Newton e com os que se identificavam com ele. Sua presença foi, por muitos anos, a única esperança que os Irmãos em outros lugares tinham de que fosse dado um basta ao caminho trilhado pelo Sr Newton. Porém, logo quando começou a haver problemas, ele se retirou dessa parceria com o Sr Newton. Portanto, tal sistema introduzido, e especialmente disfarçado por algum tempo, tinha o objetivo de minar a todas as verdades pelas quais Deus havia agido nas almas dos Irmãos, e estabelecer de uma forma distinta tudo aquilo a que haviam renunciado.

A vinda do Senhor como o motivo da esperança ou expectativa atual foi negada e substituída pela expectativa de uma série de eventos, muitos deles não preditos nas Escrituras Sagradas, e que somente existiam na imaginação do Sr Newton. Negou-se a verdadeira unidade da Igreja como um corpo habitado e governado pelo Espírito Santo; e em lugar disso foi firmada a doutrina de uma classe de igrejas independentes — tão independentes que, quando a divisão ocorreu em Plymouth e irmãos experientes e piedosos de Exeter, de Londres, e de outras partes vieram para auxiliá-los mediante orações e aconselhamento, o Sr Newton e o seu grupo as rejeitaram com veemência; dizendo que aqueles que não fossem de Plymouth não tinham o direito de interferir. O domínio soberano e atuante do Espírito Santo na Igreja havia sido substituído pela autoridade dos mestres, e a autoridade que reivindicavam para eles e por meio deles era tão ilimitada que, quando o Sr Newton foi acusado de mentiroso, uns e outros

exigiram que a acusação fosse investigada perante todo o corpo de irmãos, o que foi prontamente recusado pelo motivo de que ele não poderia ser julgado, a não ser pelos que com ele eram mestres e soberanos em Plymouth, e por estes já lhe terem absolvido, não havia mais nem apelação nem remédio possível.

Além disso, existia a constante e sistemática absorção de todo o ministério da Palavra, incluindo a participação audível na adoração pública, que ficava nas mãos de uma ou duas pessoas, com a efetiva exclusão por um meio ou outro de todos os demais. Também havia um empenho incansável e ciumento no sentido de formar um partido que se diferenciasse segundo os pontos de vista do Sr Newton sobre profecia e ordem eclesiástica, que usurpavam a designação de 'a verdade', e encontraram meios de manter afastados de Plymouth todos os irmãos cujos pontos de vista eram contrários a estes. Essas eram as principais características do sistema que foi se desenvolvendo silenciosamente em Plymouth, e eu estava bem consciente de sua existência e da preocupação que muitos irmãos sentiam em relação a isso desde a época em que eu me familiarizei com os Irmãos, mais ou menos seis ou sete anos atrás."[1]

A primeira pergunta que aparentemente surgiu em Plymouth devido aos ensinamentos do Sr Newton estava fundamentada em sua tendência sectária. No início, ele não foi acusado de nada mais sério do que isto. Vários dos principais irmãos quiseram visitá-lo em diversas ocasiões e protestar, mas ele lhes respondeu da forma mais violenta, e "declarou que estávamos destruindo os fundamentos do cristianismo; e que ele estava justificado no que fazia contra nós, e que continuaria assim."

Algum tempo depois, o Sr Newton concordou em se reunir com alguns poucos irmãos para investigar se havia introduzido o sectarismo dentro da assembléia. O total de participantes deve ter alcançado o número máximo de dezoito pessoas. O Sr Darby, que havia sido chamado a retomar às pressas para Plymouth, também participou desta reunião. Pediram-lhe que expusesse suas objeções acerca de Ebrington Street. He respondeu que com respeito a uma indignação a cerca do sectarismo, qualquer um poderia indagar tão bem como ele. Ele não iria entrar na questão profética como algo de cunho doutrinário, porque a considerava de caráter moral. A objeção, naquele momento, seria sectarismo".

---

[1] *"Todo o caso ocorrido em Plymouth e em Bethesda* "(Agora publicado sob o título de *"A Origem dos [assim chamados] Irmãos Abertos" ["Open Brethrenism"],* por W. Trotter).

"O Sr Newton começou a falar com muita ira, dizendo que descartava todas as formalidades, que ele buscava fazer de Plymouth um foco, e que o seu objetivo ali era ter união no testemunho contra os demais irmãos, e que esperava ter pelo menos os grupos de Devonshire e de Somersetshire sob sua influência para a realização deste propósito; e que não era a primeira vez que o Sr Darby havia torcido e arruinado os seus planos." Após essa declaração feita pelo próprio Sr Newton já não era mais necessário fazer qualquer tipo de questionamento sobre sectarismo. Vários dos irmãos presentes também se expressaram nesse sentido, e o Sr Darby convocou a todos que declarassem "se isso fosse o alvo de Plymouth; se seria assim, ele não compareceria ali no domingo seguinte[1]".

A divisão em Plymouth

O Sr Darby havia trabalhado por muitos meses nas reuniões em Plymouth "e, utilizando os meios que tinha à disposição para despertar as consciências dos irmãos, viu-se obrigado a se separar da assembléia". O Sr Newton e os seus amigos, numa tentativa de enfrentar as acusações que foram levantadas contra eles, agiram de uma forma tão antibíblica quanto desonesta, que muitos de seus antigos amigos se separaram deles. Cerca de cem pessoas ou mais se afastaram da comunhão então existente em Ebrington Street e começaram a partir o pão, primeiramente em residências particulares, e posteriormente em Raleigh Street; dessa forma foi consumada a divisão em Plymouth. Irmãos de todas as partes do país, ao tomarem conhecimento dos fatos, dirigiram-se a Plymouth; muitos deles trataram o Sr Newton gentilmente, e praticamente todos eles pensavam que o Sr Darby havia se comportado de forma imprudente e precipitada. Mas não tinham estado no lugar e pouco sabiam acerca do que de fato estava ocorrendo ali. Quando se mencionou uma reunião para investigar o teor das acusações, o Sr Newton objetou veementemente qualquer interferência da parte dos irmãos que moravam a certa distância, e somente concordou com uma investigação baseado no princípio da arbitragem, na qual ele indicaria quatro de seus amigos e o Sr Darby outros quatro. O Sr Darby foi completamente contrário a esse princípio mundano de arbitragem. Isso, ele acreditava, significaria tirar aquele assunto das mãos de Deus e de Sua Igreja, e, além disso, ele acabaria por assumir uma posição de líder de um grupo. Nesse momento, ele se ofereceu para participar de um encontro com o Sr Newton na presença de toda a assembléia, ou, se fosse preferível, diante de um grupo de irmãos mais sérios e experientes. O Sr Newton não concordou com nenhuma destas duas opções, e não admitia comparecer diante de nenhum outro tribunal, exceto aquele que ele mesmo havia proposto anteriormente. Muitos dos irmãos que se deslocaram até Plymouth com a piedosa intenção de tentar sanar a ruptura, ao descobrir que as coisas eram muito piores do que poderiam haver imaginado, separaram-se do Sr Newton e do seu grupo, e a divisão se estendeu a outras partes do país.

Diversas reuniões foram realizadas em Londres e em outras cidades importantes para humilhação em comum e oração. Muitos panfletos foram publicados por ambos os lados; muitas amizades carinhosamente cultivadas foram rompidas; pessoas e famílias suportaram muitas tristezas e provas durante mais de dois anos, quando esta triste história assumiu um novo e mais grave aspecto. Já não se tratava apenas de um ataque sobre a constituição eclesiástica, mas aos fundamentos do cristianismo mediante falsas doutrinas que diziam respeito ao próprio bendito Senhor Jesus.

---

[1] *Uma antiga edição de "Narrative of Facts" (A narração dos fatos)", p. 45.*

CAPÍTULO 4

Detecção da falsa, doutrina.

Após a divisão em Ebrington Street, registrada no capítulo anterior, os seguidores do Sr Newton ficaram reduzidos a um número relativamente pequeno, porém estes, em sua maioria, eram partidários cheios de zelo. Faziam abundantes anotações das explicações e leituras dele, e essas eram "circuladas com tanta regularidade entre uns poucos seletos em diversas partes da Inglaterra, como os livros de uma sociedade de leitura". Um pacote dessas anotações foi parar da seguinte maneira nas mãos do Sr Harris em 1847. Uma irmã em Exeter emprestou à esposa dele as anotações dos ensinos do Sr Newton, nos quais havia encontrado muito interesse e proveito. A Sra Harris, não compreendendo o significado de certas expressões do autor, consultou o marido. "Então", disse ele, "ao examinar o manuscrito e lê-lo, me senti surpreendido e sacudido ao encontrar umas declarações e doutrinas tão anti-bíblicas que me pareceram que afetavam a integridade da doutrina da cruz". Examinando cuidadosamente aquelas declarações, publicou um tratado no qual denunciava e trazia à luz aquele sistema de doutrina falsa que o Sr Newton estava ensinando com diligência durante anos a seus poucos escolhidos.

Essa denúncia, como se pode imaginar, causou um grande alarme entre os Irmãos por todas as partes, e naturalmente suscitou uma resposta do Sr Newton. Logo apareceram dois panfletos, em nenhum dos quais repudiava a doutrina que se expunha na leitura que fora resenhada, mas a expôs com maior abrangência, embora de maneira menos ofensiva, ele a defendia e sustentava. A doutrina dessa conferência sobre o Salmo 6 por parte do Sr Newton, e publicada em um tratado intitulado The sufferings of Christ, as set forth in a lecture on Psalm 6, considered by J. L. Harris [Os sofrimentos de Cristo, segundo expostos em uma pregação sobre o Salmo 6, contemplada por J. L. Harris], é indubitavelmente a mais genuína expressão do que estava na mente do autor. Foi pronunciada na presença de seus amigos, de maneira tranqüila e deliberada, tendo em vista as pessoas que estavam fazendo anotações, de modo que podemos deduzir com justiça que os verdadeiros sentimentos de sua alma fluíam sem disfarce nem reservas. Porém, ao descobrir um ambiente de indignação universal gerada por suas doutrinas blasfemas, e que seus próprios amigos estavam dispostos a abandoná-lo, aceitou retirar seus ofensivos tratados para reconsideração, e confessou que errara no ponto que tinha a ver com a relação de Cristo com Adão como cabeça comum.

Não fosse pelo fato deste breve resumo ser considerado como incompleto se não mencionássemos alguma coisa sobre a heresia[1], nos sentiríamos felizes de passar por cima dela com um profundo e perpétuo silêncio. Desagrada-nos trazer para nossas páginas as sutis e místicas expressões nas quais esse mortífero erro foi ensinado. O bendito Jesus, Emanuel, Deus conosco, era apresentado como nascido à distância de Deus, envolta na culpa do primeiro Adão, por ter nascido de mulher e sob a maldição da lei quebrada, devido à Sua associação com Israel.

[1] Para um resumo do falso ensino do Sr Newton, ver uma recapitulação em oito pontos do Sr J. E. Batten; na pg. 24 de *"OpenBrethren: Their Origin, Principies and Practice"*, por H. S. May.

É doloroso constatar que mediante essas doutrinas ficaríamos privados do verdadeiro Cristo de Deus — o Cristo do Novo Testamento. Não há necessidade de entrar em mais detalhes. Se nasceu distanciado de Deus, sob maldição e herdeiro da morte, Ele fica totalmente desqualificado para ser o Salvador de outros. Teve que livrar-se a Si mesmo dessas vinculações que Lhe eram próprias por nascimento; e isto, afirma-se, Ele conseguiu. Admite-se que Jesus estava livre da mancha em Sua própria pessoa, e que devido à Sua perfeita obediência à lei e em todas as coisas até à morte, havendo-Se entregado a Si mesmo, foi reconhecido e aceito por Deus. Porém, se tudo isso fosse uma dívida dEle para com Deus, onde ficam o substituto do pecador, a segurança do pecador, o sacrifício do pecador, o Evangelho para o pecador, o Salvador do pecador? E onde ficam as doutrinas da graça, e onde fica a Igreja do Deus vivo, e onde ficamos nós, individualmente? E a obra consumada de Cristo, o que significa o grito do vencedor: *"Consumado está?"*

A insensatez dessa doutrina é tão clara quanto sua condição de blasfema, apesar de caracterizada pelas profundezas de Satanás. Como resultado, é tão destrutiva quanto o arianismo ou o socinianismo, embora menos lógica. É autocontraditória e fala mais da vaidade do autor e de seu desejo de se destacar que de uma honrada convicção. Só teve de ser exposta à luz para ser vista e detectada. Essa foi a grande misericórdia de Deus: não foi permitido que prosseguisse. Porque é coisa bem certa que em Plymouth se estava pregando um Cristo falso e se estava a presença do Espírito Santo. Porém, com exceção de um pequeno grupo, principalmente dos amigos pessoais do Sr Newton, a grande maioria dos Irmãos estavam de acordo, após devida investigação e oração, que as doutrinas que o Sr Newton ensinava e circulava em privado eram fundamentalmente heréticas em relação a Cristo e totalmente subversivas em tudo o que é essencial ao cristianismo. Essa falsa doutrina foi condenada de maneira quase universal; porém, nem todos concordaram sobre o princípio de como tratar e se separar dela.

Bethesda e seus dirigentes

No ano de 1848, enquanto os Irmãos em todas as partes estavam se reunindo em diversos lugares para oração e humilhação devido à dolorosa obra do inimigo, os dirigentes de Bethesda[1] receberam à Mesa do Senhor vários dos amigos íntimos e partidários do Sr Newton, sabendo que mantinham a heresia dele. Esse passo infeliz e precipitado dos dirigentes, e sua deliberada defesa do mesmo, resultaram em desastre; desgarrou os Irmãos, trouxe dor e angústia indescritíveis a muitos, tanto em nível individual como familiar, que não se remediou até o presente, além do grande dano feito à causa da verdade, e da desonra ao nome do bendito Senhor Jesus. Essa é a verdadeira fonte da contenda, das divisões, das distorções, animosidades e suspeitas que muitos Irmãos continuam sentindo, e que colocaram as armas nas mãos dos seus inimigos. Foi fácil se livrar do Sr Newton e seus seguidores, porém a complicação de Bethesda não teve remédio. E esse ato, aparentemente tão carente de consideração aos sentimentos cristãos dos outros, não foi resultado de acidente ou ignorância, mas que se levou a cabo de maneira deliberada, apesar dos protestos de irmãos piedosos entre eles mesmos e de outros à distância, que os advertiram do caráter e das opiniões das pessoas mencionadas.

[1]*Nome de uma capela onde se reunia uma congregação de irmãos em Bristol.*

Vendo que as coisas haviam tomado tal forma, uns poucos e fiéis irmãos que reuniam, em Bethesda, protestaram e rogaram que aquela doutrina fosse examinada e julgada, e que seus mestres fossem excluídos da comunhão. Fbrém, seus protestos não foram ouvidos, e por isso, eles se viram obrigados, a fim de evitar a comunhão com aquilo que sabiam que era mau, a se retirar da comunhão em Bethesda. E assim fizeram; um deles imprimiu, para circulação privada, uma carta aos irmãos líderes, explicando o motivo de sua separação. Isso suscitou uma carta, assinada por dez principais irmãos em Bethesda, justificando sua conduta na recepção dos seguidores do Sr Newton, e rechaçando todas as advertências e protestos que lhes haviam sido dirigidos[1].

[1]*Esta carta, conhecida como "The Letter of the Ten" [A Carta dos Dez], pode ser lida em sua totalidade no panfleto "The whole case of Plymouth and Bethesda" [Todo o caso de Plymouth e Bethesda], por William Trotter, pg. 55, publicado posteriormente com o título "The Origin of (so-called) Open Brethrenism " [A Origem dos (tais chamados) Irmãos Abertos]*.

Como a questão da comunhão foi primeiramente suscitada em Bristol e dali se estendeu a quase todos os lugares na face da Terra onde existem assembléias dos Irmãos, será bom considerar os antecedentes desta congregação. Era simplesmente o que se conhece como uma congregação batista, presidida pelos senhores Müller e Craik, e que se reunia para o culto em uma capela chamada "Bethesda" em Bristol. Alguns anos antes deste período de prova, essa congregação foi recebida em bloco na comunhão com os Irmãos — recebida como corpo. "Toda a assembléia", disse o Sr Mackintosh, "de uma maneira professa e ostensiva, passou a tomar o terreno ocupado pelos Irmãos. Não mencionarei nomes nem entrarei em detalhes; simplesmente contarei o grande fato principal, porque ilustra um princípio de suma importância.

Tem sido minha convicção durante muitos anos que a recepção de uma congregação foi um erro fatal da parte dos Irmãos. Mesmo admitindo, como o admito de coração, que todos os membros e ministros podem ter sido pessoas excelentes em nível individual, contudo, estou persuadido que é um erro em qualquer caso receber um corpo como tal. Não existe algo que se pode considerar como uma consciência corporativa. A consciência é algo individual, e, a não ser que atuemos de maneira individual diante de Deus, não haverá estabilidade em nosso curso. Todo um corpo de pessoas, dirigido por seus mestres, pode professar a adoção de certo tipo de fundamento e a aceitação de certos princípios; porém, que segurança há que cada membro deste corpo está agindo na energia da fé pessoal pelo poder do Espírito Santo e se baseando na autoridade da Palavra de Deus? É da maior importância que em cada passo que tomemos, o façamos com uma fé simples, em comunhão com Deus, e com uma consciência ativa...

A realidade é que Bethesda nunca deveria ter sido reconhecida como assembléia reunida sobre fundamento divino; e isso se demonstra pelo fato de que quando foi chamada a agir com base na verdade da unidade do corpo, desmoronou completamente[1]."

"A Carta dos Dez"

O principal objetivo do documento comumente designado como "A Carta dos Dez" era defender a conduta dos que haviam recebido os seguidores do Sr Newton e que adotaram uma posição de neutralidade com respeito às solenes questões que lhes haviam estabelecido os Irmãos em geral. Enquanto os signatários da carta, de maneira individual e conjunta, repudiavam as doutrinas ensinadas pelo Sr Newton, dizem de forma muito estranha, com referência à comunhão: "Supondo que o autor dos tratados fosse fundamentalmente herege, isso não nos justificaria expulsar os que estavam sujeitos ao seu ensino, até que ficássemos convencidos de que haviam compreendido e aprendido ensinamentos subversivos em essência à verdade fundamental". Assim, se expressava de maneira clara a base de rejeição de comunhão: "Que ninguém defendendo, mantendo ou sustentando os pontos de vista ou tratados do Sr Newton deva ser recebido à comunhão[2]."

---

[1]ThingsNew and Old", vol. 18, pg. 318.

[2]No prefácio do livro "Teachers of the Faith and the Future"

(Mestres da Fé e do Futuro), (sem data, porém provavelmente ao redor de 1959), o Prof. E E Bruce se refere a si mesmo como "um membro dos Irmãos de Plymouth", e disse que o Sr Newton era "um mestre cuja carreira toda proclama sua ortodoxia totalmente ausente de contemporizações". Isso mostra onde estão os seguidores de Bethesda na atualidade.

Essa foi a posição adotada pelos homens mais inteligentes de Bethesda, segundo esse notável documento, e isso antes que o erro em questão houvesse sido julgado. Eles se recusaram de julgá-lo. Disseram: "Que temos nós aqui em Bristol que ver com erros ensinados em Plymouth?" Tampouco concordaram que fossem lidos quaisquer trechos dos escritos do Sr Newton diante da congregação, nem que se fizessem observações acerca de suas doutrinas, até que a carta fosse aprovada pela igreja. Convocou-se uma reunião da igreja para este propósito em julho de 1848; porém, como alguns membros objetaram a que a congregação desse sua aprovação a um documento que não havia sido explicado nem compreendido, o Sr Müller se levantou e disse: "A primeira coisa que a igreja devia fazer é dar sua aprovação aos signatários do documento; e se não for assim, estes não podem continuar trabalhando no meio dela; e quanto piores os erros, tanto mais razão para que não sejam expostos". Assim se exigiu da congregação, sob a ameaça de perder o trabalho de seus pastores, que assumissem uma posição de neutralidade entre o autor dos tratados e seus partidários e aqueles que os rejeitavam de maneira absoluta como heterodoxos e heréticos. A maioria aceitou: pondo-se em pé, expressaram sua concordância com o documento "dos dez" e adotaram uma posição neutra em relação à grande questão que então inquietava a mente dos Irmãos tanto no país quanto no exterior.

A divisão

Cerca de cinqüenta ou sessenta membros da congregação, ao invés de darem sua aprovação a um princípio tão negligente de comunhão, se retiraram de Bethesda. Agora existia uma divisão tangível. Evidentemente, se levantou a questão se esses irmãos estavam realmente reunidos sobre o fundamento da unidade da Igreja, ou se estavam agindo meramente como congregações independentes. Bethesda havia

abandonado deliberadamente o fundamento que havia professado ocupar em comunhão com os Irmãos, havia adotado a independência, e a mantinha de forma aberta. Todos os que aderiram ao princípio de "um corpo" como a verdadeira e única base da comunhão cristã, se mostraram diretamente opostos a essa independência. Várias congregações por todo o mundo seguiram o exemplo de Bethesda, enquanto outras mantinham com firmeza a posição que haviam ocupado anteriormente. Por todas as partes, os Irmãos estavam confrontados com essa questão. Tinha de ser encarada de forma direta. Havia chegado o momento da provação e era impossível retroceder. Para aqueles que não haviam assimilado a verdadeira idéia da igreja de Deus, isso foi um terrível tropeço. Os sentimentos pessoais e o afeto aos mestres e amigos favoritos extraviaram a muitos. Em numerosos casos, deu-se atenção à questão abstrata e isso parecia correto; mas, no momento de ter de se aplicar o princípio a uma pessoa em particular, os argumentos eram postos de lado com essa precipitada conclusão: "Oh, esse princípio de comunhão nunca pode ser correto se excluir esse homem tão querido e piedoso da Mesa do Senhor!" Era difícil, com sentimentos tão vivos e fortes, contemplar a questão sem preconceitos; e, a não ser que a alma estivesse liberada das pessoas e de suas influências, e firmemente fixa em Cristo e no que é devido a Ele, seria impossível alcançar qualquer decisão divina. Quando se permitiam que elementos meramente naturais agissem, a visão espiritual ficava turva, a mente mais perplexa que nunca, e mais suscetível a ceder sob a pressão das circunstâncias.

Tal como foi naquela época, assim é agora. Quando pensamos no que devemos às pessoas, chegamos a uma conclusão errada. Quando pensamos somente no que é devido a Cristo, tudo fica tão claro e simples com os elementos da própria verdade. Quando o bendito Senhor ocupa Sua posição na igreja de Filadélfia, He se manifesta no caráter que há de constituir a norma da recepção à Mesa do Senhor e do caminhar público dos que são recebidos. He disse: "Isto diz o que é santo, o que é verdadeiro" (Apocalipse 3:7). O que poderia ser mais simples que isso? Cristo está ali em Sua glória moral como o Santo e o Verdadeiro; e devemos buscar mais que inteligência ou entendimento para responder a tais questões; temos de buscar santidade e verdade nos que recebemos à Mesa do Senhor. Nada menos que a separação de todo mal conhecido e a integridade na fé será o apropriado à Sua presença. Temos sempre de recordar que He disse: 'Ali estou".

À primeira vista, e para a mente de muitos, parece mais gracioso, mais amoroso receber a mesa aqueles que cremos que são verdadeiros cristãos, mesmo que venham de uma assembléia onde alguns membros sustentam uma doutrina falsa, contanto que eles próprios sejam sãos. É correto — dirão os tais — eliminar toda uma congregação por causa de dois ou três membros não sadios? A resposta é: Ninguém deveria ser excluído, exceto os "perversos"; porém as Escrituras também ordenam: "Qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniqüidade" (2 Timóteo 2:19). Isso não é excluir ninguém, mas afastar-se deles; não ter nenhuma relação enquanto tais pessoas estiverem misturadas com a iniqüidade. Certamente a heresia do Sr Newton é iniqüidade; nos deixaria sem Cristo, o único fundamento e centro de união. De nada vale falar de comunhão a não ser que tenhamos o verdadeiro Cristo de Deus. Mas que tais cristãos genuínos, como dizem, julguem a si mesmos do mal conhecido à vista de Deus, lavem as mãos por completo da contaminação, e então serão recebidos com

braços e coração abertos à mesa do Senhor. Nosso primeiro pensamento com referência à mesa há de ser, não o que é adequado para este ou aquele irmão, ou o que parece mais amoroso ou carinhoso, mas o que é próprio de Cristo como o Santo e o Verdadeiro. Quando o olho é simples, todo o corpo está cheio de luz; não há trevas nem perplexidade no caminho.

Também se afirma: Sabemos que os Irmãos Exclusivos — nome que desde então foi dado aos que protestaram contra o caminho de Bethesda — recebem à Mesa do Senhor pessoas vindas da Igreja da Inglaterra, onda há muito erro, mas recusam receber o santo mais piedoso de uma congregação vinculada à Bethesda. Isso é correto e extremamente doloroso e angustiante para os que têm de tomar uma decisão. Nada a não ser a fidelidade a Cristo e à Sua Palavra poderia lhes dar firmeza face aos apelos feitos e aos sutis e insistentes argumentos. A explicação é esta: por mais estranho que possa parecer, os Irmãos Neutros, [ou Abertos] como agora são chamados, professaram ainda se reunirem sobre o princípio da Igreja de Deus como antes da divisão, e ter a presença do Espírito Santo no meio deles. Várias coisas poderiam ser observadas que são inconsistentes com essa posição; no entanto, como esse era e é o fundamento que se pretende ocupar, essas congregações têm de ser tratadas como um só corpo. Ao reconhecer a presença do Espírito Santo dessa maneira, professam ser um corpo, ainda que com muitos membros; por isso, ao receber um só membro de um corpo que professa ser uma unidade, em princípio, todo o corpo é recebido, seja ele sadio ou não (ver 1 Coríntios 12). Por outro lado, a Igreja da Inglaterra (Church of England) e as diversas formas dos dissidentes não adotavam essa postura. Eles se reuniam sobre a base de um sistema particular; seja o Episcopalismo, o Presbiterianismo, ou a Independência; e os membros dos diferentes sistemas permanecem como indivíduos, e como tais devem ser tratados. A posição eclesiástica destas pessoas é totalmente diferente daquela ocupada pelas congregações vinculadas à Bethesda, e cada um deve ser tratado conforme o fundamento que professa ocupar. Pode haver muita simpatia e amizade entre as denominações, mas não existe o pensamento de unidade; contudo, recusar um cristão piedoso da Igreja da Inglaterra porque ele acha que as instituições da mesma estão corretas, seria fazer da inteligência ou do conhecimento o requisito para a comunhão, negando a unidade do corpo e formando uma seita. Não é uma questão de níveis de conhecimento, mas de santidade e verdade.

Bethesda professa se purificar

A medida que a pressão do exterior aumentava, e Bethesda começou a perceber que sua conduta havia sido um tropeço para milhares dos santos de Deus e que era a causa de tanta divisão e controvérsia, celebrou-se uma reunião naquela capela em outubro de 1848, com o propósito de expurgar a assembléia de todas as acusações de comunhão com as falsas doutrinas do Sr Newton ou com os que as mantinham. Nessa ocasião, o Sr Müller deu o seu próprio juízo individual sobre os tratados. Ele declarou que os escritos do Sr Newton continham um insidioso esquema de erro, não aqui ou ali, mas em toda a sua extensão; e que, se as doutrinas ensinadas neles fossem seguidas até as últimas conseqüências, destruiriam os fundamentos do Evangelho e a fé cristã. Segundo essas doutrinas, citou ele, "o próprio Senhor precisaria de um salvador, tanto quanto os demais". Contudo, ao mesmo tempo em que emitia um juízo tão enérgico, o

Sr Müller acrescentou que não podia dizer que o Sr Newton fosse um herege, e que não podia se recusar a chamá-lo de irmão[1].

Após cento e trinta anos e contemplando com calma os fatos registrados, pensamos que são estranhamente inconsistentes. O autor de doutrinas que nos deixariam perecer sem o Cristo de Deus certamente é um herege. Como poderíamos chamá-lo de irmão? Como poderia haver comunhão fraternal? Por sua vez, o Sr Müller foi cuidadoso em deixar claro que o que ele havia dito não era o juízo da igreja local, mas sua própria opinião, pela qual somente ele era responsável. Com respeito ao documento "dos Dez" e todos os passos relacionados com isso, o justificou na íntegra, e disse que se as mesmas circunstâncias voltassem a acontecer, ele agiria da mesma maneira.

---

[1] *"The whole case of PIymouth and Bethesda"* [Todo o caso de Plymouth e Bethesda], por William Trotter, pg. 43 (edição antiga); e *"Things New and Old"*, vol. 18, pg. 321.

Porém o sentimento geral era tão intenso que os dirigentes perceberam que era necessário examinar a questão com mais detalhes. Apesar de terem dito no princípio dos problemas que não ficaria bem por parte deles investigar e julgar a falsa doutrina e com isso se envolve na controvérsia, agora se viram obrigados a reconhecer que era necessário e correto examinar os tratados. No entanto, o triste mal já estava consumado; cinqüenta ou sessenta irmãos piedosos haviam sido forçados a sair de Bethesda por causa da insistente recusa dos líderes em julgar as falsas doutrinas, e multidões por todo o país se encontravam em um estado de perplexidade, tristeza e contenda. Em novembro e dezembro de 1848 aconteceram sete conferências e os tratados do Sr Newton foram examinados. A conclusão a que se chegou foi: "Ninguém que defende, mantém ou sustenta os pontos de vista ou tratados do Sr Newton deve ser recebido em comunhão". Porém essa decisão deixou a porta tão aberta como sempre para aqueles que estavam em estreita comunhão com o Sr Newton, se somente não defendessem, mantivessem ou sustentassem os pontos de vista ou tratados dele. Poucos teriam a sinceridade de admitir fazer isso, embora muitos naquele tempo estivessem contagiados com essa heresia. A "carta dos dez" permaneceu vigente, sem sinal de arrependimento. Ainda hoje continua como a bem meditada e deliberada declaração da verdadeira base da comunhão de Bethesda.

CAPÍTULO 5

Divididos

Os Irmãos agora estavam divididos. Os que se mantinham firmes sobre a base originalmente ocupada pelos Irmãos se mostraram mais decididos que nunca em seu testemunho. Em pequenos intervalos apareceram panfletos cheios de intensos sentimentos e expressões enérgicas. Os dirigentes de Bethesda receberam graves acusações de haver enredado a congregação na neutralidade em relação à heresia, na independência em relação à igreja e, conseqüentemente, na indiferença em relação à pessoa e glória de Cristo.

Após haverem apresentado essas acusações, os Irmãos, conseqüentemente, não podiam receber à Mesa do Senhor os que procediam das congregações de Bethesda sem se assegurarem do arrependimento no tocante a esses pontos. Porém, é preciso muita graça e compaixão acerca de tais petições na atualidade, porque muitos desconhecem totalmente o que ocorreu há mais que cento e cinqüenta anos. Contudo, o documento "dos Dez", sobre o qual se basearam as acusações, nunca foi retirado. Termos duros foram usados por ambas as partes; mas alguns se mantiveram fiéis a seus princípios, ou melhor, mantiveram a todo o custo a verdade de Deus, como já haviam pregado e publicado até então. Contudo, se levantou o clamor do exclusivismo contra eles. E, apesar desse termo ter sido indubitavelmente empregado com a intenção de afrontar e humilhar os tímidos, como sucede até o dia de hoje, está sem dúvida alguma de acordo com a palavra de Deus. Em 1 Coríntios 5 aprendemos que a assembléia tem de ser "exclusiva" se quiser manter uma disciplina sã e guardar a casa de Deus suficientemente limpa para Sua presença. Não há dúvida de que a Igreja é solenemente responsável por julgar a doutrina e os caminhos de todos os que se apresentam para recepção à Mesa do Senhor, por repelir aqueles que trariam o mal à Assembléia, assim como por excluir aqueles que caem em erro doutrinário ou imoralidade, embora talvez não se duvide da fé de tais pessoas em Cristo. Isso é, de fato, exclusivismo.

Esse foi o princípio conforme o qual os Irmãos atuaram desde o início; de modo que não se tornaram mais exclusivos depois da divisão que antes dela. A mudança foi integralmente do outro lado. O novo lema da bandeira dos Irmãos "Abertos" ou "Neutros" era: "O sangue do Cordeiro é a unidade dos santos". Certamente não poderia haver undade sem o precioso sangue do Cordeiro imaculado de Deus, porém, as Escrituras ensinam que o sangue é a base da paz, não o centro da unidade: o cordeiro assado, o Cristo que passou pelo santo fogo da justiça divina por nós, agora ressurreto e glorificado, é o centro da unidade (Êxodo 12). E existem muitos, não é, que têm sido lavados no sangue do Cordeiro, mas não são aptos para a Mesa do Senhor devido aos seus maus associações e caminhos? No entanto, se esse lema fosse seguida a fundo, então ninguém jamais poderia ser excluído da Mesa do Senhor por nenhum motivo desde que supostamente seja um filho de Deus. A disciplina cessaria e, tal como acontecia em Israel quando não havia rei, cada um faria o que lhe parecia bem aos seus próprios olhos. Devido a essa porta ampla e aberta à Mesa do Senhor, as congregações

de Bethesda têm sido denominadas de os "Irmãos Abertos". De modo que, para estabelecer a diferença e causar a menor ofensa possível, utilizaremos os termos estabelecidos "os Irmãos" e "os Irmãos Abertos"[1].

O testemunho

A partir de então, o caminho de cada um se tornou completamente distinto e separado. Os Irmãos Abertos têm confraternizado com as denominações e em muitas coisas chegam tão próximos a elas que escapam da perseguição. O certo é que os mais duros ataques contra os Irmãos têm vindo deles, de modo que nisso muitos dos Irmãos Abertos estão do mesmo lado das denominações e as têm ajudado na oposição aos Irmãos. Porém, graças a Deus, estão sendo zelosos na obra do evangelho; e por isso, muitas congregações têm crescido com crentes simples que não sabem nada sobre os problemas do passado, nem da atual base de comunhão. Que seus corações sejam alimentados com Cristo em simplicidade e na verdade que está nEle!

A divisão parece haver aumentado o ministério dos que estiveram firmes. Seus livros e tratados sobre as verdades mais importantes e vitais das Escrituras se espalharam muito pelo país, e também por todo o âmbito da cristandade, levando luz divina e bênção a centenas de almas preciosas. Também se observa que houve mais claridade, plenitude e exatidão em seu ensino depois da divisão que antes da mesma, especialmente acerca das relações celestiais da Igreja, a união dos cristãos com Cristo na glória, o arrebatamento dos santos antes da tribulação, etc, porque, embora todas essas verdades fossem mantidas em princípio, nunca haviam sido pregadas com a mesma vivacidade e poder.

---

[1] *Notemos bem que no Brasil hoje, o termo "os Irmãos" se tornou um título que os próprios "Irmãos Abertos" atribuem a si mesmos. Assim, por vezes, o termo "Irmãos" alude aos "Irmãos Abertos". — Nota do Editor.*

Os resultados do testemunho

O efeito desse testemunho foi sentido em todas as partes. Muitos cristãos fervorosos em diversos lugares, sentindo o estado de mortandade ao redor, foram induzidos a ler esses livros e esquadrinhar as Escrituras para saber se as novas doutrinas estavam de acordo com a Palavra de Deus. Multidões ficaram convencidas da veracidade delas, abandonaram suas diferentes denominações e se uniram aos Irmãos. E como os que agiam assim geralmente eram os membros mais fervorosos, inteligentes e espirituais, tal afastamento era mais evidente e irritante para os ministros deles. Essa foi a causa de muitos ataques severos, o que não é necessário detalhar agora. A obra é de Deus, e em vão o pobre punho humano se levanta contra ela. E lamentável dizer, mas suas próprias rixas lhes causaram mais dano que todos os ataques dos inimigos. Porém, cremos que é o próprio testemunho de Deus nesses últimos dias maus e, apesar do terrível fracasso dos que intentam mantê-lo, Deus não os abandonou.

Ao longo dos primeiros anos após a divisão, os Irmãos parecem ter estado mais ocupados com a verdade prática para os cristãos que com o evangelho para as almas perdidas de fora. Acreditamos que isso veio da parte de Deus. Como o apóstolo que "partiu, passando sucessivamente pela província da Galácia e da Frígia, confirmando a

todos os discípulos" (Atos 18:23), eles criam que era seu dever fortalecer a alma dos discípulos depois do tremor e perturbação que haviam sofrido. No entanto, o evangelho era pregado, as almas recebiam bênção, e a obra ao ar livre prosseguia bem.

Por volta do ano de 1854-1855, começou uma obra muito bendita do Espírito de Deus na conversão dos filhos de Seus santos em Londres. Tinha havido orações a favor dessa obra especial durante um tempo, e o Senhor respondeu com bênção manifesta. Em alguns casos, toda a casa se converteu, tanto filhos como empregados; e muitos jovens foram levados a conhecer o Senhor. A realidade da obra naquele tempo foi provada de maneira mais feliz porque não poucos dos que então se converteram se tornaram fervorosos pregadores do evangelho, e tanto irmãos quanto irmãs vieram a ser obreiros enérgicos que também levaram outros à seara. A obra do evangelho foi bastante ajudada durante o Avivamento de 1859.

A opinião de um escritor menos preconceituoso

O Sr Marsden, encarregado de St. Peter's, em Birmingham, diz em seu Dictionary of Christian Churches and Sects [Dicionário de Igrejas e Seitas Cristãs], publicado por volta de 1854, falando dos Irmãos: "Professam não ensinar nem praticar nada exceto a religião do evangelho em sua primitiva simplicidade e pureza, e seu objetivo é, naturalmente, mostrar que outras igrejas estão em maior ou menor erro, confiando principalmente a defesa de suas peculiaridades na letra do Novo Testamento.

Os Irmãos igualmente desaprovam a igreja nacional e todas as formas de dissidência. De todas as igrejas nacionais dizem 'que abrir a porta para receber toda a população de um país aos solenes atos de adoração e comunhão cristã é um erro latitudinário. Os dissidentes, por sua vez, são sectários, porque fecham a porta a outros cristãos verdadeiros que não podem pronunciar o lema do partido deles. Em uma palavra, o mal característico destes últimos é que não tratam como cristãos muitos conhecidos como tais, enquanto o mal igualmente característico dos primeiros é que tratam como cristãos muitos que sabida e absolutamente não o são'. O primeiro sistema, afirmam eles, faz a igreja mais ampla, e o outro mais estreita que os limites de Deus; assim, de ambas as formas, a idéia escriturística própria da Igreja fica destruída na prática, com os dissidentes afirmando virtualmente que não é um corpo senão muitos, enquanto que o nacionalismo afirma virtualmente que este um corpo seria o corpo de Cristo.

O que constitui a Igreja é a presença do Espírito Santo. E o reconhecimento do Espírito Santo como vicário de Cristo — o suficiente, único e presente Soberano na Igreja durante a ausência do Senhor, o que constitui nossa especial responsabilidade, e deveria ser um traço principal em nosso testemunho'. As Escrituras, dizem os Irmãos, nunca prescrevem uma comissão humana como necessária para o ministro cristão. A doutrina, e não a ordenação, é a prova divina para rejeitar ou receber aqueles que professam ser ministros de Cristo: e cada cristão que possa fazê-lo tem não só a liberdade senão a obrigação de pregar o evangelho. A parábola dos talentos em Mateus 25 ensina o perigo de esperar a autorização de outro além da possessão do dom necessário: 'e duvidar da graça do Mestre, ou temer porque não se tem autorização daqueles que presunçosamente afirmam e manipulam esse direito, é enterrar o talento no solo e fazer o papel de servo negligente e mau'. Porque somente o Senhor da seara

tem o direito de enviar trabalhadores.

Só temos de acrescentar que as doutrinas mantidas pelos Irmãos de Plymouth concordam em todos os pontos fundamentais com a Igreja da Inglaterra e outras igrejas da Reforma. Seu culto é conduzido da maneira mais simples. Circunstâncias aparte, qualquer irmão é competente para 'partir o pão', isto é, para ministrar a Ceia do Senhor. Eles negam, contudo, que todos os cristãos sejam ministros da Palavra ou que subestimem um ministério cristão. 'Muito longe de supor', dizem eles, 'que não haja ministério como tal, os Irmãos mantêm e sempre mantiveram, com base em Efésios 4:12-13, que Cristo não pode deixar de manter e perpetuar um ministério enquanto Seu corpo estiver aqui embaixo. Os livros e tratados deles, seus ensinos em privado e em público afirmam isso como uma verdade certa e invariável; de modo que é tão absurdo acusá-los de negar o posto permanente e divino do ministério da igreja sobre a terra, quanto seria absurdo acusar Charles I de negar o direito divino dos reis. Sempre que Deus se agradar de suscitar pastores segundo o Seu coração, eles têm reconhecido Sua graça com gratidão, e os têm em muita estima e amor por causa de sua obra (1 Tessalonicenses 5:13).

Inferimos que um ministro é recebido como tal quando os Irmãos estiverem convencidos de sua idoneidade para o ofício; porém ele não obtém outra distinção ou autoridade que a de um mestre ou exortador. Tem sido dito recentemente que não oram pelo perdão dos pecados nem pela presença e influência do Espírito, e que excluem cuidadosamente tais petições de seus hinos; porém essa declaração, que transcrevemos de um recente informe sobre 'Seitas Cristãs no Século XIX', é extremamente injusta. E certa somente neste sentido: os Irmãos, ao se considerarem, em linguagem teológica, em estado de graça, não pedem bênçãos que já tenham recebido, mas sim um aumento de dons dos quais já tenham uma porção".

O leitor fará bem se procurar ter um exemplar do tratado intitulado: Um Corpo e um Espírito, do Sr W. Kelly. Foi desse artigo que o Sr Marsden compilou seus pensamentos e informações acerca dos Irmãos. E, embora não possamos concordar na íntegra com o que o artigo diz, não podemos deixar de observar o espírito de imparcialidade e gentileza com que foi escrito — muito diferente de outros que poderíamos citar.

CAPÍTULO 6

Trechos dos escritos dos Irmãos

Como há bastante confusão na mente de muitos sobre os ensinos dos Irmãos, cremos que o melhor será mostrar uma seleção extraída dos próprios livros deles, alguns dos quais têm circulado durante vários anos. A maioria parece haver sido escrito sobre temas relacionados com a Pessoa, obra e glória de Cristo; sobre a fé, os deveres e a bênção de Seu povo; de fato, podemos dizer que eles escreveram acerca da maior parte dos temas na Palavra de Deus, de Gênesis a Apocalipse, portanto, em certo sentido, é indesculpável que haja confusão ou ignorância a respeito dos ensinos deles. Mas nos trechos escolhidos iremos nos limitar aos aspectos práticos, com a esperança que sejam de utilidade para o público em geral.

Pregação "dos Leigos"

Apesar da oposição da maioria das denominações ao que chamam de pregação "dos leigos", os Irmãos defendem essa prática desde o início, e têm dado um exemplo para bênção de inúmeras almas.

"A questão não é", disse o Sr Darby, "se todos os leigos estão individualmente qualificados; mas, se como leigos estão desqualificados, se não estiverem ordenados...

Porém, eu mesmo me limitarei a uma simples questão — a declaração de que os leigos não deveriam pregar sem nomeação episcopal ou coisa semelhante. O que afirmo é que eles têm o direito; pois assim se fazia nas Escrituras e a sua atividade está justificada ali e Deus os abençoou. Os princípios das Escrituras exigem isso, tendo sempre em mente e supondo, é claro, que realmente estejam qualificados por Deus; pois a questão não é de "competência para agir", mas "direito a agir se for competente".

Vejamos o que dizem as Escrituras acerca do assunto. A única questão que pode surgir é se podem falar na igreja ou fora da igreja. Primeiramente, na igreja. E aqui observarei que as instruções em 1 Coríntios 14 são totalmente contraditórias à necessidade de uma ordenação para falar. Aqui se estabelece uma limitação, porém não relacionada à "ordenação ou não ordenação". O que se diz é: "as mulheres estejam caladas nas igrejas" — instrução essa que nunca poderia ter sido dada se o falar estivesse limitado a uma pessoa definitivamente ordenada, mas que presume uma situação bem distinta; e o que implica diretamente não é que qualquer homem tenha direito a falar, mas que ninguém era impedido por ser leigo. As mulheres eram uma classe excluída; esta era a linha divisória. Se os homens não tinham o dom de pregar, é claro que deveriam ficar calados, se seguissem as instruções. O apóstolo disse: "Cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação" (v 26). Ele diz por acaso que ninguém deve falar a não ser que tenha a ordenação? Não, apenas "Faça-se tudo para edificação". Esse é o grande segredo, a grande regra.

Temos aqui uma clara distinção, não entre os que estão ordenados ou não, mas entre aquelas pessoas que, por sua condição — mulheres —, não têm permissão de falar, o restante sim; e são dadas instruções em que ordem devem fazê-lo, e se expõe a

razão da distinção. E este é o plano de Deus da decência e ordem. Porque os restantes todos poderiam falar, para que todos pudessem aprender e ser edificados; não que todos falassem ao mesmo tempo, nem todos falassem todos os dias, mas todos segundo o que Deus lhes dirigisse, de acordo com a ordem estabelecida, e tal como Deus lhes capacitou, para edificação da igreja. Estou aplicando isso simples e exclusivamente à pregação dos leigos, e afirmo que não havia nenhum princípio reconhecido no sentido de que não pudessem falar, mas ao contrário.

Alguém poderia dizer: 'Sei que aqueles eram tempos de dons extraordinários do Espírito...'. Mas não se trata de prerrogativa dos dons espirituais, mas de ordem; porque as mulheres tinham dons espirituais, como lemos em outras passagens, e são dadas instruções acerca do exercício dos mesmos; porém não se deveria usá-los em reuniões públicas da igreja, porque isso estava fora da ordem — era indecente.

A primeira pregação geral do evangelho, que o Senhor abençoou fora das muralhas de Jerusalém, foi feita por leigos; ou melhor, a igreja não conhecia tal diferença. Não havia entrado em suas mentes que aqueles que conheciam a glória de Cristo não pudessem falar dela, onde e como Deus lhes capacitasse. Ali todos os cristãos pregavam — "iam por toda parte anunciando a palavra" (Atos 8:4). E "a mão do Senhor era com eles; e grande número creu e se converteu ao Senhor" (Atos 11:21). Paulo pregava — sem outra missão além de ver a glória do Senhor e Sua palavra — também em uma sinagoga, e se gloria disso. E apresenta as razões dele para que os cristãos preguem em todos os lugares: 'Cri; por isso, falei. Nós cremos também; por isso, também falamos' (2 Coríntios 4:13). Apoio pregava, conhecendo somente o batismo de João. Em Roma, muitos dos irmãos, tomando ânimo no Senhor com as prisões de Fáulo, pregavam a palavra sem medo. E nas Escrituras nunca se menciona nada sobre ordenação para pregar o evangelho. Rogo a qualquer pessoa que apresente alguma passagem das Escrituras que, de maneira expressa ou em princípio, proíba os leigos de pregar ou que exija uma ordenação episcopal ou outra ordenação semelhante para esse propósito...

O tempo exige uma decisão; e a única coisa que resistirá ao mal e ao erro é a verdade, e a verdade empunhada pelos santos sob o Espírito como uma causa comum contra o erro e a própria vontade; e então Deus poderá estar totalmente com eles, em lugar de ver-Se obrigado a retirar a luz de Seu rosto quando estes estiverem se opondo a seus irmãos e rejeitando-os, quando Ele tem de justificá-los, quando isso é segundo a ordem de Sua glória e eles são abençoados por realizar essa obra. Que Ele por Seu Espírito possa nos guiar a toda a verdade!" (*"The Collected Writings", "Ecclesiastical",* vol I, J. N. Darby).

Ordenação

Muita da amargura que o clero manifestou surgiu da questão sobre a ordenação. É o grande fundamento sobre o qual repousa todo o sistema do clericalismo; portanto, tem de ser guardado com bastante zelo. Derrubemos a ordenação, e o clero se converte em homens como os demais. Somente então eles poderiam alcançar seu próprio nível moral. Porém há um fascínio no mandato da ordenação que lhes dá a sensação de pertencer a uma outra casta, de serem superiores ao resto dos homens. Não devem ser questionados, nem mandados como os outros homens são. A dignidade deles tem de ser mantida a qualquer custo. E tão real é esse fascínio sobre o coração humano que

raras vezes perde seu efeito, inclusive depois que o cargo é tido como antibíblico. A beca, como se diz, pode ser enrolada e colocada no bolso, mas algum pedaço dela muitas vezes fica à mostra.

Essa questão é de vital importância porque afeta profundamente a atuação do Espírito, a soberania de Deus e o ministério da Palavra, que é alimento e refrigério da vida divina na alma. Insistir em uma cerimônia pela qual alguém tenha de passar antes de ser reconhecido como ministro de Cristo é o grande pecado da cristandade. Estabelece-se a autoridade humana acima do chamamento e dos dons do Senhor ressurreto e Cabeça da igreja. "Se alguém possuísse todos os dons do próprio apóstolo Paulo, não se atreveria a ensinar nem pregar Jesus Cristo, exceto se estivesse licenciado ou autorizado pelo homem; por outro lado, se estivesse totalmente privado dos dons espirituais, ou até mesmo da própria vida espiritual, contudo fosse autorizado, ordenado, licenciado ou aprovado pelo homem poderia ensinar e pregar naquilo que professa ser a igreja de Deus. A autoridade do homem, sem o dom de Cristo, era plenamente suficiente. O dom de Cristo sem a autoridade do homem não o era" *("ThingsNew and Old"*, vol. 18, pg. 262, C. H. Mackintosh).

Certamente que nós não podemos, como cristãos, ter suficiente consciência da importância da responsabilidade individual do servo para com o próprio Mestre. É algo bastante grave para um servo do Senhor, que receber dEle o dom da pregação ou do ensino, abster-se do exercício deste dom até que seja autorizado pelo homem para cumpri-lo.

Em nenhuma parte das Escrituras lemos que tais dons necessitem da autorização humana. Que o Senhor desperte de maneira geral o Seu povo sobre a nossa responsabilidade nessa questão, a fim de que não escondam o talento na terra durante Sua ausência, e tenham uma triste prestação de contas a apresentar quando Ele retornar.

O apóstolo Paulo, que em muitas coisas é o homem modelo da dispensação cristã, o é de maneira especial no que tange à ordenação. Em sua época, havia os que queriam desacreditar o seu apostolado por ele não ter acompanhado o Senhor Jesus nos dias de Sua estada no mundo. Isso o levou a defender seu chamamento divino da forma mais enérgica. Escrevendo aos gaiatas, ele disse: "Paulo, apóstolo (não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos)" (Gálatas 1:1). Não era originado de homens, nem mediado por homens em nenhum aspecto, mas "por Jesus Cristo e por Deus Pai".

"Nada teria sido mais fácil para Deus que ter convertido o apóstolo em Jerusalém; foi ali que aconteceu a primeira ação violenta de Paulo contra os cristãos. Mas quando Deus o encontrou foi longe de Jerusalém, quando levava a cabo sua furiosa perseguição contra os santos; e ali, nas cercanias de Damasco, em plena luz do dia, o Senhor, desde os céus, invisível aos demais, Se revelou ao atônito Saulo de Tarso.

Ele foi chamado a ser não apenas um santo, mas um apóstolo; e para destacar ainda mais isso, quando foi batizado, quem o Senhor escolheu como instrumento de seu batismo? Um discípulo que só nos é apresentado uma única vez, um piedoso ancião que residia em Damasco. Deus teve um especial cuidado em mostrar que o apóstolo, designado para um posto da maior importância, a função mais significativa que um homem é chamado para servir ao Senhor Jesus Cristo no Evangelho — que

Paulo foi assim chamado sem a intervenção, autorização ou reconhecimento do homem de qualquer forma ou maneira. Seu batismo nada teve que ver com sua condição de apóstolo. De imediato, dirigiu-se a Arábia, pregando o Evangelho, e Deus o reconheceu como ministro do Evangelho, sem nenhuma interferência humana. Esse é, de fato, o verdadeiro princípio do ministério, plenamente ilustrado no chamado e na obra de Saulo de Tarso, a partir de então servo de Cristo.

Porém, pode-se objetar que no Novo Testamento lemos sobre a separação por parte dos homens e a imposição de mãos. Reconhecemos isso totalmente. Contudo, em alguns casos, se trata de alguém que já havia mostrado sua aptidão para a obra, e que é posta aparte de uma maneira formal pela autoridade apostólica para um cargo local, e é revestida de certa dignidade aos olhos dos santos, talvez porque não havia muito dom. Porque do ancião se observa que não é dito que seja 'um mestre', mas simplesmente 'apto para ensinar'. Em Atos 14:23 lemos: "e, havendo-lhes por comum consentimento eleito anciãos em cada igreja, orando com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido". Isso demonstra que não era a igreja, mas que eles — Paulo e Barnabé — escolheram e ordenaram anciãos nas igrejas. Em nenhum caso se convida a igreja para que os selecione. O fato é que se confunde a posição dos anciãos com o ministério. Os anciãos eram designados por aqueles que possuíam eles mesmos uma alta autoridade diretamente da parte de Cristo; porém nunca se soube que tivessem algo a ver com a ordenação de alguém para pregar o Evangelho. Nas Escrituras o Senhor, e somente o Senhor, chama os homens para pregar o Evangelho. Como Ele disse: "Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei, para que vades e deis fruto". E sobre Paulo disse: "este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel" (João 15:16; Atos 9:15).

Nos tempos apostólicos, nunca se viu que se designasse alguém como mestre nem como profeta. Contudo, entre os anciãos poderia haver alguns deles que fossem evangelistas, mestres, etc. Por isso se diz: 'Os presbíteros [ou anciãos] que governam bem sejam estimados por dignos de duplicada honra, principalmente os que trabalham na palavra e na doutrina' (1 Timóteo 5:17). Os presbíteros, ou anciãos, que tinham a função de governar, inclusive se não fossem mestres, corriam o risco de serem desprezados. Deviam ser honrados com classe, e especialmente aqueles que trabalhavam na pregação e no ensino.

Sem dúvida, o caso de Timóteo é peculiar. Ele foi designado mediante profecia para uma obra muito singular — a de ser guardião da doutrina. E o apóstolo e os presbíteros lhe impuseram as mãos, com o que lhe foi comunicado um dom espiritual, que ele não possuía antes.

É evidente que não há nenhum homem vivo na atualidade que haja sido semelhantemente dotado e chamado a tal tarefa. Ver 1 Timóteo 1:18; 4:14; 2 Timóteo 1:6.

Também se pode dizer que, no caso do apóstolo Paulo, houve uma imposição de mãos, que vemos em Atosl3. O que isso mostra? Não, certamente, que era um apóstolo escolhido pelo homem; porque o Espírito Santo declara que ele era 'apóstolo (não da parte dos homens, nem por homem algum)'. O que aconteceu em Antioquia não foi, em nenhum sentido, uma ordenação para que ele se tornasse apóstolo. É evidente por muitas escrituras que ele já estava pregando anos antes de lhe imporem as

mãos, e que era um dos profetas e mestres reconhecidos em Antioquia. Creio que o que temos aqui é a separação de Paulo e Barnabé para a missão especial que estavam a ponto de realizar — plantar o Evangelho em novos países. Era pura e simplesmente uma recomendação à graça de Deus para a nova tarefa que iriam iniciar. Algo assim poderia acontecer em nosso tempo presente. Suponhamos que alguém que esteja pregando o Evangelho na Inglaterra sinta em seu coração ir e visitar o Japão, e seus irmãos considerem-no o homem perfeito para tal tarefa; poderiam, com o objetivo de mostrar sua concordância e simpatia, se reunir para oração e jejum, para impor as mãos sobre o irmão que viajará. Isso, em minha opinião, seria totalmente bíblico, mas não é ordenar. O que creio não ser bíblico, e desde já positivamente pecaminoso, é confiar em homens que não são ministros de Cristo e desacreditar os que são Seus ministros por não terem de passar por essa ceremônia tradicional." (Ver *"Lectureson theEpistle to the Galatians"*, pgs. 5-11; *"One Bodyand One Spirít"*, ambos de W. Kelly).

O ministério

Embora já se tenham feito observações sobre o assunto do ministério, isso parece demandar um exame rápido na inter-relação dele com as questões sobre a pregação dos leigos e a ordenação. Além disso, foi um dos primeiros temas geradores de controvérsia com os Irmãos. O clero os acusou de negar totalmente o ministério porque negavam a validade da ordenação episcopal. Isso os expôs a muitos e severos ataques, porém o Senhor usou tais acusações para trazer à luz a verdade sobre a questão do ministério que parece ter sido negligenciada desde o tempo dos apóstolos. Os Irmãos foram, cremos, os primeiros a distinguir com clareza entre sacerdócio e ministério. Até então haviam sido objeto de confusão na mente dos homens; porém quando a distinção ficou clara, caiu uma torrente de luz sobre o interessante tema do ministério cristão.

O sacerdócio levítico e o ministério do evangelho

"O resultado da posição da nação judia era muito simples. Uma lei, para dirigir a conduta de um povo já constituído como tal diante de Deus; e um sacerdócio para manter as relações entre este povo e seu Deus — relações cujo caráter não lhes permitia aproximar-se dEle sem mediação. A questão não era como buscar e chamar os de fora; mas regular a relação de um povo com Deus já reconhecido como tal.

Como já vimos, o cristianismo tem um caráter totalmente diferente. Considera a humanidade como universalmente perdida, demonstra a realidade disso, e busca, por meio do poder de uma vida nova, adoradores em espírito e em verdade. Dessa maneira, introduz os próprios adoradores na presença de Deus, que ali Se revela a eles como Pai — um Pai que os tem buscado e salvado. E isso se faz não por meio de uma classe sacerdotal mediadora que representa os adoradores, devido à incapacidade destes em se aproximarem de um Deus terrível e imperfeitamente conhecido; mas que os introduz em plena confiança na presença de um Deus conhecido e amado, porque Ele os amou, buscou e purificou de todos os pecados deles, para que pudessem estar sem medo diante dEle.

A conseqüência dessa clara diferença entre as relações nas quais se encontram os judeus e os cristãos com respeito a Deus é que os judeus tinham um sacerdócio — e

não um ministério — que atuava à parte do povo; por outro lado, o cristianismo tem um ministério que encontra seu exercício na revelação ativa daquilo que Deus é — seja dentro ou fora da Igreja —, sem nenhum sacerdócio mediador entre Deus e Seu povo, exceto o próprio grande Sumo Sacerdote. O sacerdócio cristão está composto de todos os verdadeiros cristãos, que desfrutam de igual direito de entrar no lugar santíssimo pelo novo e vivo caminho que tem sido consagrado para eles — um sacerdócio, aliás, cujas relações são essencialmente celestiais.

O ministério, portanto, é essencial ao cristianismo, que é a atividade do amor de Deus em libertar as almas da ruína e do pecado, e em atraí-las a Si mesmo.

A fonte do ministério

'Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados, e pôs em nós a palavra da reconciliação' (2 Coríntios 5:19). Essas são as três coisas que brotam da vinda de Deus em Cristo. A 'reconciliação', o 'não imputar' e o 'colocar em nós a palavra da reconciliação. Sem esta última, a obra da graça teria ficado imperfeita em sua aplicação; e a coroação dessa gloriosa obra da graça de Deus era confiar ao homem 'a palavra da reconciliação', segundo Seu poder e vontade. Assim, havia dois elementos contidos no ministério: primeiro, uma profunda convicção e um sentido poderoso do amor exibido nessa obra de reconciliação; segundo, dons para declarar aos homens, conforme suas necessidades, as riquezas dessa graça que animava o coração daqueles que davam testemunho da mesma...

Assim, temos essas duas coisas como motivos principais e fontes de todo ministério: o amor produzido no coração pela graça, o amor que impele à atividade; e a soberania de Deus que comunica dons segundo bem lhe parece, e chama a este ou àquele serviço — um chamado que faz do ministério uma questão de fidelidade e de dever por parte do que foi convocado. Deve-se observar que esses dois princípios supõem uma completa liberdade em relação ao homem, que não pode interferir nem como fonte nem como autorizador do ministério sem neutralizar o amor como fonte da atividade, por um lado, e, por outro, sem usurpar a autoridade de Deus, que chama e envia. Não há fonte cristã de atividade exceto o amor de Cristo e o chamado de Deus.

Esse ministério de Jesus, essa energia ativa do amor de Deus na busca dos perdidos, o testemunho da obra e da vitória do Salvador, o Único que é digno de ser assim glorificado, tem como única fonte o Espírito Santo enviado do céu, e dEle recebe todo o seu poder. É o ministério do Espírito Santo na eleição e serviço dos Seus servos. Deus é soberano em tudo isso. O exercício dos dons que Ele tem conferido é regulado pelo Espírito Santo, que atua de maneira soberana na Igreja. As provas e os exemplos disso se encontram na Palavra. Quanto à fonte do ministério ou à autorização para seu exercício, o homem, se interferir, comete pecado."[1]

O perdão dos pecados

Em um artigo que chamou nossa atenção há algum tempo se afirmava que um dos pontos doutrinais dos Irmãos é: "Que não é lícito orar pelo perdão de nossos pecados, porque, se somos verdadeiramente cristãos, eles foram perdoados há mil e novecentos anos na cruz."

Não é dada qualquer referência que justifique essa declaração e, portanto, não podemos comparar contextos. A cruz, cremos todos, é a única base do perdão, porém

nunca se disse ao crente que crê em Jesus: "Teus pecados foram todos perdoados quando Cristo derramou Seu sangue na cruz". A ordem divina parece ser que Cristo removeu o pecado na cruz, e que nós somos perdoados quando cremos, e não "há mil e novecentos anos". "Mas, agora, na consumação dos séculos, uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo" (Hebreus 9:26). E, ao principal dos pecadores que cai aos Seus pés arrependido, Ele diz: "Filho, perdoados estão os teus pecados". Assim, vemos que o pecado foi expiado na cruz segundo as exigências da glória divina, de modo que o Pai fica livre para correr e encontrar o pródigo que regressa, envolvendo-o com o beijo da reconciliação, vestindo-o com a melhor roupa, e selando-o com anel do Seu amor eterno. Ao mesmo tempo, se queremos ver nossos pecados removidos, temos de olhar de volta para a cruz; em nenhum lugar é dito que o Senhor os remove de nosso coração; somente na cruz. Aqueles que olham para seu coração em vez de olhar para a cruz a fim de ver seus pecados removidos ficarão amargamente frustrados. Sabemos apenas que nossos pecados foram "removidos", "expiados" na cruz e que são perdoados quando cremos. A Palavra do Senhor é o único fundamento para a total segurança de fé. Por mais correta que seja nossa experiência, não podemos edificar sobre ela; a Palavra de Deus é o único lugar de repouso da alma. As palavras de um hino expressam essa verdade de uma maneira muito doce:

"Minha alma olha para trás [e não para dentro]
e vê a carga que Tu levaste,
quando pendurado no madeiro da maldição,
por causa de toda a minha culpa que ali estava."

---

[1] *Ver um valiosíssimo tratado de J. N. Darby, "On the Nature, Source, Power and Responsibility of Ministry", "The Colleded Writings, Ecclesiastical",vol. 1, pg. 315. Será útil para todos os que estejam debaixo de escravidão no que tange ao serviço público que consultem essa exposição aberta e livre da verdade acerca da liberdade e responsabilidade do servo.*

Pelo que se refere à outra parte dessa doutrina atribuída aos Irmãos, "que não é lícito orar pelo perdão de nossos pecados": Todos sabemos que se fez muito uso dessa denúncia. Mas é a sagrada verdade de Deus que se tornou objeto de ridículo! Em nada esses críticos mostram mais incompetência do que na hora de examinar e criticar os escritos sobre o assunto tão elementar do perdão. É evidente que os críticos não têm um conceito apropriado da plenitude da redenção ou dos privilégios da relação do crente com Deus. Por isso, ensinam que os cristãos têm de orar a Deus diariamente pelo perdão dos pecados, e se aproximar para serem limpos novamente pelo sangue de Jesus, como se nós pudéssemos nos perder e sermos salvos todos os dias. "As palavras do apóstolo João", disse um deles, "se dirigem evidentemente aos crentes" (1 João 1:7). "O sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica [e não nos limpou, mas está nos limpando] de todo pecado". Os Irmãos, como corpo, se pronunciariam no sentido de que essa doutrina é totalmente falsa e inconsistente com o contexto de 1 João 1:7 e com todas as Escrituras, em especial com os evangelhos. O apóstolo aqui está se referindo a crentes que estão andando na luz como Deus está na luz, não de acordo com ela, mas na própria luz. Como isso poderia acontecer se seus pecados não

tivessem sido purificados pelo sangue de Jesus? Ele não está falando de uma purificação contínua, mas de uma purificação absoluta e todo o pecado, o que é apropriado para a pura luz da presença de Deus.

Certamente, os Irmãos não tinham por hábito, pelo menos em público, orar a Deus pelo perdão dos pecados. Não porque considerassem isso "ilícito" ou porque tivessem sido perdoados há mil e novecentos anos, nem porque não pecassem, mas porque seria incredulidade, pois não estão na posição de pecadores diante de Deus, e, sim, de filhos diante do Pai. Quando um pecador se converte — nasce de novo —, ele muda de terreno; abandona, e para sempre, o terreno do homem natural, e está a partir de então sobre o novo fundamento da vida eterna e da salvação; de modo que seria incredulidade, da mais indesculpável, voltar ao velho terreno, desconhecendo a obra da graça de Deus no novo nascimento. "Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida"; "Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus" (João 5:24; Gálatas 3:26). Porém, se não oram como pecadores para serem perdoados, como filhos, eles confessam suas faltas, segundo a mente do Senhor. "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1 João 1:9). Aqui não é dito que Deus mostrará graça e misericórdia para nos perdoar se orarmos a Ele, mas que Ele é fiel e justo para nos perdoar nossos pecados se os confessarmos. Ou seja, Ele é fiel e justo para com Cristo, que morreu por nós, expiou nossos pecados na cruz, cujo sangue está aspergido no propiciatório — sempre, por assim dizer, diante dos olhos de Deus. Certamente que, à luz desse texto, não poderíamos orar a Deus para que seja "fiel e justo"; sabemos que Ele sempre há de sê-lo com relação à obra consumada de Cristo; porém, poderíamos não confessar plena e livremente nossos pecados, e isso no profundo sentido do que somos à vista desse sangue vertido por eles, e, na presença de Sua santidade, cujos filhos, embora indignos, sempre seremos. É mil vezes mais profundo para um filho confessar os detalhes de sua falta que meramente pedir — talvez de forma mecânica — para ser perdoado.

Vemos assim que a Palavra de Deus é mais consistente que a teologia dos homens, e três vezes feliz é o cristão que se contenta em andar na luz dessa verdade, embora seja mal compreendido e sujeito a falsos julgamentos. Virá o dia em que o Senhor defenderá aqueles que, mesmo tendo pouca força, têm guardado Sua palavra e não negam seu nome.

A seguinte citação pode ser aceita como o testemunho dos Irmãos sobre 1 João 1:7.

"Se a purificação mediante o sangue de Jesus em 1 João 1:7 é assumida como algo que ainda está acontecendo, isso refutaria a linguagem do mesmo apóstolo em Apocalipse 1:5, onde nos é dito que já temos sido purificados pelo Seu sangue, e isso aparece de maneira mais notável em qualquer tradução exata, como a versão de Dean Alford: A Ele que nos ama, e que nos lavou de nossos pecados em seu sangue'. Seu amor é constante, porém, a lavagem ou libertação de nossos pecados é expressa como um particípio daquele modo verbal que significa uma ação simples no passado, excluindo duração. João não poderia haver utilizado esse modo verbal se tivéssemos de ir a Deus diariamente para sermos purificados pelo sangue de Jesus; pois, neste caso, seria correto usar, não o aoristo, mas o pretérito imperfeito, que exatamente

expressa uma ação contínua ou repetida.

Como, então, o apóstolo usou o presente? Houve falta de exatidão na forma dele se expressar quando disse b sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado'? Ao contrário, o tempo verbal é tão preciso em 1 João 1:7 quanto o emprego de particípios distintivos em Apocalipse 1:5. Um pouco de conhecimento é proverbialmente perigoso; e na exegese das Escrituras, há numerosos comentaristas que podem se desviar, não menos que seus seguidores. No entanto, dar uma opinião acerca do assunto dificilmente convém aos que desconhecem o fato de que, em grego, assim como na maioria das línguas, o presente não se limita a uma ação incompleta, embora em curso, porque expressa de forma não menos correta um presente absoluto como em proposições gerais, declarações doutrinais, apotegmas (aforismos) e descrições de maneiras, costumes ou assuntos de acontecimentos freqüentes. Do mesmo modo, em nossa língua, diríamos: b alimento nutre o corpo humano, o veneno mata'. A idéia que se comunica não é a da continuidade do ato, mas a qualidade de cada material, ou de seus efeitos opostos no homem. Quase cada capítulo nas epístolas nos fornece exemplos disso. Tomemos uma simples e análoga declaração em 1 João 2: 'Ele é a propiciação pelos nossos pecados' (v. 2). Acaso o presente aqui significa que Ele está realmente fazendo agora a expiação por nossos pecados? Evidentemente não, tal interpretação do presente claramente anularia a expiação. Aqui, o presente é usado sem dúvida em seu sentido absoluto, sem referência a nenhum momento definido, para expressar a grande e bendita verdade de Sua propiciação. Assim, em nosso texto, o conceito da purificação continuada contradiria definitivamente a magna doutrina da epístola aos Hebreus e do evangelho em geral. Por isso, constitui um erro gravíssimo...

Temos visto, dessa maneira, que a purificação contínua pelo sangue não faz sentido, não meramente porque não tenha sentido em si mesma, mas porque se oporia a outras escrituras que tratam o efeito sobre o cristão como completo. As Escrituras não podem ser quebradas. A Palavra não admite a aplicação repetitiva do sangue de Cristo em nenhuma outra passagem, inclusive se a Palavra aqui o deixasse subentendido, o que não acontece. Resta, portanto, que aceitemos o único sentido possível do presente que nos ficou aqui, isto é, que o apóstolo declara, de maneira absoluta, a purificação dos crentes pelo sangue de Jesus, expressa (como sucede de forma regular em tais proposições) no presente, porém de forma abstrata, sem referência a um tempo passado, presente e futuro, como uma das principais características de seu lugar ou posição. Aqui não se trata deste ou daquele pecado, quando tal pecado é confessado; Seu sangue nos purifica de todo o pecado. Não temos aqui detalhes, nem a restauração após uma falta. É o valor apropriado e divino de Seu sangue. Em conseqüência, se fosse o desígnio do Espírito Santo revelar isso de maneira absoluta, o tempo presente seria exatamente o mais adequado para o apóstolo, como vemos agora diante de nós. O esforço por limitar, ou até aplicar a expressão 'purifica' ao sentido contínuo do presente, é, portanto, mera ignorância, ou algo pior. A doutrina dessa frase, do contexto e das Escrituras em geral, declaram de forma unânime e inequívoca o uso absoluto do presente no verbo final de 1 João 1:7" *{"Bible Treasury"*, março de 1879).

A provisão da graça para a família da fé

Muita da obscuridade, confusão e incerteza que predominam na cristandade

sobre o assunto do perdão e da certeza da salvação somente se pode explicar — por mais estranho que pareça — pela rejeição das verdades que as Escrituras ensinam, e por causa das quais os críticos denunciam os Irmãos como hereges. Os mestres líderes das diversas escolas de pensamento protestantes parecem haver negligenciado totalmente a perfeita provisão de Deus, na economia da graça para cada necessidade de toda a família da fé. Essa provisão é plenamente revelada pelo bendito Senhor em João 13.

Agora Jesus havia tomado Sua posição entre Seus discípulos como alguém que se despede, "sabendo Jesus que já era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai" (v. 1). Sua entrada na glória não iria separar Seu coração deles, nem tampouco iria privá-Lo de lhes atender às necessidades. Para ilustrar isso, Ele se cinge para o serviço, e pega água para lavar-lhes os pés. O efeito desse serviço é que o Espírito Santo, mediante a Palavra, elimina de maneira prática toda a contaminação que sofremos ao andar neste mundo pecaminoso. Eles haviam sido regenerados — haviam nascidos de novo: isso jamais poderia se repetir; porém, tinham de ser guardados em uma condição de imaculada pureza apropriada à presença de Deus e às relações nas quais foram introduzidos em sua unidade com Cristo no céu. Os sacerdotes que serviam a Deus no tabernáculo eram inteiramente lavados ao serem consagrados. Essa lavagem não era mais repetida. Eles lavavam apenas suas mãos e pés todas as vezes que se aproximavam de Deus para servi-Lo. O cristão, ao ter sido lavado ou banhado, "não necessita de lavar senão os pés". Que palavra vinda dos lábios da verdade e santidade eternas! "Ora, vós estais limpos, mas não todos. Porque bem sabia ele [Jesus] quem o havia de trair" (v. 10). O crente mais fraco, ou o cordeiro mais jovem de Seu rebanho é guardado sem mancha na presença de Deus — onde Sua obra consumada o colocou — mediante Seu ministério de graça no alto, e pelo poder do Espírito Santo que permanece com Seu povo aqui. Assim, o Senhor cuida dos interesses deles no céu, e o Espírito Santo faz o mesmo na terra, de modo que estão bem cuidados, bem providos. "Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados" (1 João 2:1-2). Essa advocacia se baseia na justiça e na propiciação, e o Espírito Santo sempre age em harmonia com a mente e a obra de Cristo.

Essa linha da verdade, tão libertadora e elevadora da alma, abunda em quase todos os escritos dos Irmãos, especialmente nos escritos dos pioneiros, de modo que isso tem sido ensinado em público e em particular, e se estendeu mediante seus livros ao longo de muitos anos. Não podemos deixar de pensar que aqueles que os ridicularizaram aos olhos do público cristão por não orar pelo perdão de seus pecados "porque foram perdoados há mil e novecentos anos na cruz" são culpados de banalizar, senão de pecar abertamente, acerca das coisas de Deus. Terminaremos citando o seguinte trecho de uma das revistas mensais dos Irmãos.

"Jesus assume agora um novo serviço, a eliminação das contaminações dos Seus no andar deles como santos pelo mundo. Esse é o significado do que se segue. 'Depois, pôs água numa bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido' (João 13:5). Observe-se cuidadosamente que aqui se trata de água e não de sangue. O leitor do Evangelho de João não negligenciará o fato de que o apóstolo dá tanta importância à 'água' quanto dá ao 'sangue'. Assim fez o Senhor ao apresentar a verdade aos Seus, e ninguém revelou isso melhor que João.

Sua primeira epístola também caracteriza o Senhor como Aquele que "veio por água e sangue, isto é, Jesus Cristo; não só por água, mas por água e por sangue" (1 João 5:6): além de expiá-los, Ele nos purifica de nossos pecados. He utiliza a Palavra para limpar aqueles que foram lavados dos pecados por Seu sangue. Os apóstolos Paulo, Pedro e Tiago insistem no poder da Palavra, assim como João. É extremamente desastroso e perigoso negligenciar a purificação pela lavagem mediante a água da Palavra. Se 'o sangue' é para Deus, contudo, a 'água' é para os santos, a fim de eliminar a impureza na prática, bem como para dar uma nova natureza, que julga o mal segundo Deus e Sua Palavra. Do lado aberto de Jesus saiu sangue e água (João 19).

No que diz respeito a essa profunda e bendita verdade, a cristandade permanece, temo, tão às escuras quanto Pedro quando rejeitou aquela graciosa ação do Senhor. E Pedro não chegou a compreender a verdade comunicada por essa tão significativa ação até muito tempo depois, isto é, quando o Espírito Santo veio para lhes mostrar as coisas de Cristo. E mesmo nessa ocasião, Pedro estava totalmente errado. Isso também pode acontecer com os homens agora, embora a luz divina lhes tenha sido dada plenamente. Seguem perversamente limitando seu significado ao ensino da humildade. Isso foi a única coisa que Pedro viu, e foi o erro dele; porque creu que era uma humilhação excessiva por parte do Senhor lavar-lhe os pés; e, quando se sentiu alarmado pela advertência do Senhor, caiu no erro oposto. Só estamos a salvo quando nos sujeitamos à Sua Palavra, desconfiando de nós mesmos. 'Aquele que está lavado [banhado] não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo.' O Senhor 'padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus' (1 Pedro 3:18). Por Seu 'único sacrifício', não somente somos santificados, mas aperfeiçoados para sempre. Será que um santo nunca mais comete falhas? É triste dizer que isso pode acontecer. Qual é, então, a provisão para isso? É a lavagem de água pela palavra que o Espírito Santo aplica em resposta à intercessão do Filho diante do Pai" (*"Bible Treasury"*, janeiro de 1878).

CAPÍTULO 7

A posição cristã

A importante questão da posição cristã flui naturalmente do que temos estado considerando: o perdão dos pecados. Amenos que a consciência esteja purificada de todos os pecados, não poderá haver gozo da presença divina. Esse *é* o ponto de separação entre os Irmãos e seus críticos; e, ao ser este o limiar do próprio cristianismo, não devemos nos maravilhar de que se considerava os primeiros como em erro, e de que os segundos não soubessem qual era sua posição como cristãos, ou melhor, a posição cristã. Estavam sobre fundamentos distintos e contemplavam as coisas divinas a partir de perspectivas diferentes. Os pensamentos dos críticos são formados e suas declarações governadas pela corrente teológica específica na qual foram instruídos, enquanto que os pensamentos e declarações dos Irmãos estão governados somente pela Escritura.

Naturalmente, os teólogos dirão que seus diferentes sistemas de teologia são deduções justas e imparciais da Escritura e que estão apoiados por ela. Bem, suponhamos que admitimos isso; porém, quanto da vontade de Deus fica de fora nesses padrões normatizados de doutrina? Para onde iremos a fim de encontrar a doutrina da Igreja de Deus como corpo e noiva de Cristo? A presença do Espírito Santo na terra e Suas diversas operações? A vinda do Senhor para nos receber para Si mesmo? O arrebatamento dos santos? As relações celestiais do cristão? A primeira ressurreição e o reinado milenar dos santos com Cristo? (1 Co 12; Ef 4; Ap21; Jo 14; 15; 16; 14:1-3; 1 Ts 4:13-18; 1 Co 15:51-52; Ef2:4-6; Cl 3:1-4; Ap 20:5-6). Essas benditas e preciosas verdades são ensinadas na Escritura de uma maneira clara e abundante, e caracteriza, o ensino e os escritos dos Irmãos. Porém, em que sistema teológico se vai encontrá-las?[1]

Sabemos que existem cristãos nas diversas denominações que mantêm e ensinam algumas dessas verdades, especialmente nos últimos anos; porém, estamos nos referindo àqueles sistemas de doutrina que têm a intenção de conduzir aos jovens em seus estudos, e mediante os quais são examinados antes de receber sua licença, e pelos quais serão julgados se se tornarem mais tarde sujeitos à disciplina. Devem pregar somente aquelas doutrinas que ficam dentro dos limites de seu sistema se não quiserem que lhe chamem a atenção. Assim, podemos perguntar: como podem aqueles que têm sido treinados dessa forma e continuam aderindo ao sistema ter competência para pesar nas balanças do santuário as verdades que compõem tais ensinos, sendo que não os compreendem, mas que meramente os julgam através de sua própria teologia?

---

[1]*Quando este livro foi originalmente escrito, ao redor de 1878, estas verdades eram desconhecidas na maioria das denominações. Agora, pela misericórdia de Deus, algumas delas, como a vinda do Senhor, são bastante conhecidas e fielmente pregadas em muitos lugares.*

O testemunho da Palavra

Veremos agora o que a Palavra de Deus tem a dizer no tocante à questão da posição cristã relacionada ao perdão.

O apóstolo João diz em sua primeira epístola: "E esta é a mensagem que dele ouvimos e vos anunciamos: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma. Se dissermos que temos comunhão com ele e andarmos em trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado" (1:5-7). No versículo 7, temos os três grandes aspectos da nossa posição cristã, contemplada sob o ponto de vista de homens que andam aqui embaixo. João não está descrevendo uma classe especial entre os fiéis, mas todos os verdadeiros cristãos, seja onde estiverem. Andamos na luz como Deus está na luz, onde todo pecado é julgado segundo Ele com quem estamos em comunhão. Logo, algo sobre o qual o mundo nada sabe, "temos comunhão uns com os outros", isto é, temos a mesma natureza divina, e o mesmo Espírito Santo habita em nós; de modo que há comunhão. Podemos ver isso a cada dia e onde quer que estejamos. Quando viajamos, é provável que nos encontremos com um total desconhecido; uma palavra é pronunciada — o bendito nome de Cristo, ou aquilo que comunica ao coração o sentido de Sua graça, e temos comunhão com aquele homem, simplesmente porque há vida divina ali. Isso somente é natural na nova criação de Deus, sendo todos habitados pelo mesmo Espírito. Mas, além de tudo isso, somos purificados de todo pecado — "o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado". Isso não é trazido aqui como provisão para as nossas faltas, como alguns dizem, nem para nossa restauração diária. O apóstolo está se referindo à posição na qual o crente é colocada pela graça de Deus desde o início de sua vida cristã, e que permanece imutável até o final da mesma.

Estamos na luz como Deus está na luz; temos comunhão uns com os outros; e somos purificados pelo sangue de Jesus Cristo — o poder eterno do sangue de Jesus que não conhece limite algum.

"Esses são os três grandes princípios da posição cristã. Estamos na presença de Deus sem véu. É algo real, uma questão de vida e de andar. Não é a mesma coisa que andar segundo a luz; mas na luz. Ou seja, que esse andar está diante dos olhos de Deus, iluminado pela plena revelação do que He é. Não quer dizer que não haja pecado em nós, mas que, andando na luz, estando a vontade e a consciência na luz tal como Deus está na luz, tudo aquilo que não corresponde a isso é julgado. Vivemos e andamos moralmente na consciência da presença de Deus. Assim, andamos na luz. O governo moral da vontade é o próprio Deus, Deus conhecido. Os pensamentos que inclinam o coração procedem dEle mesmo, e são formados pela revelação dEle próprio. O apóstolo expõe essas coisas de maneira abstrata; assim, diz: "não pode pecar, porque é nascido de Deus" (1 João 3:9); e isso mantém a regra normal dessa vida; é sua natureza; é a verdade, no que se refere ao homem que nasce de Deus. Não podemos ter outra medida disso; qualquer outra seria falsa. Disso não resulta (que pena!), que sejamos sempre consistentes; porém seremos inconsistentes se não estivermos nesse estado; então, não estamos andando segundo a natureza que possuímos; pois, assim, ficaríamos fora de nossa verdadeira condição de acordo com aquela natureza.

Além disso, andando na luz como Deus está na luz, os crentes têm comunhão

uns com os outros. O mundo é egoísta. A carne, as paixões buscam sua própria gratificação; porém, se eu ando na luz, o eu não tem lugar ali. Desfruto da luz e de tudo o que vejo nela com outros; não há ciúmes. Se outro possui uma coisa carnal, eu fico privado dela. Na luz temos uma co-possessão daquilo que Ele nos dá, e desfrutamos muito mais disso compartilhando. Este é um teste para tudo o que é da carne.

Sentimos a necessidade que existe da última coisa: o sangue que nos limpa de todo o pecado. Enquanto andamos na luz como Deus está na luz, com uma revelação perfeita que veio dEle mesmo, com uma natureza que O conhece espiritualmente, como o olho é levado a apreciar a luz, não podemos dizer que não temos pecado. A própria luz nos contradiria. Porém, podemos dizer que o sangue de Jesus Cristo nos limpa perfeitamente de tal pecado" (J. N. Darby, *"SynopsisoftheBooksoftheBible"*, vol. 5, pg. 456).

Aqueles que conhecem seu lugar em associação com Cristo ressurreto dos mortos sabem que têm a vida eterna, e isto em ressurreição; a morte, um sepulcro vazio, o mundo, o pecado e Satanás estão todos para trás do cristão. O sepulcro de Cristo é o final de cada inimigo. "Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois [não 'sereis', mas 'sois'] salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus" (Efésios 2:4-6).

Os resultados da redenção

Antes de deixar a epístola de João, observaremos brevemente o ensino das três testemunhas no capítulo 5. "Este *é* aquele que veio por água e sangue, isto é, Jesus Cristo; não só por água, mas por água e por sangue. E o Espírito *é* o que testifica, porque o Espírito *é* a verdade. Porque três são os que testificam: o Espírito, e a água, e o sangue; e estes três concordam num" (w. 6-8). João tem seus olhos postos na cruz. Foi do lado traspassado de Jesus que jorraram o sangue e a água; e aquilo de que testificam *é* que Deus nos deu a vida eterna pela morte de Seu amado Filho. "É o juízo de morte pronunciado e executado (comparar Romanos 8:3) sobre a carne, sobre tudo o que *é* do velho homem, sobre o primeiro Adão. Não que o pecado do primeiro Adão estivesse na carne de Cristo, mas que Jesus morreu nela como sacrifício por aquele pecado!" Quanto a ter morrido, morreu uma vez por todas para o pecado! Aqui temos o sangue que expia, a água que purifica, e o Espírito que habita em nós, dando testemunho da eficácia deles. Pertencemos à nova criação de Deus; possuímos vida em ressurreição. O sangue da propiciação nos purifica de todo pecado; e a água da purificação nos mantém tão sem mancha quanto o sangue que nos limpou, e o Espírito Santo *é* o poder na aplicação de tais coisas mediante a fé na Palavra, dando-nos o gozo de ambas, e dando testemunho, porque Ele é verdade.

Aquilo a respeito do qual os três dão testemunho se torna claro e interessante na seguinte citação:

"Ele veio mediante água — um poderoso testemunho, ao jorrar do lado de um Cristo morto, de que a vida não deve ser buscada no primeiro Adão; porque Cristo, identificando-Se com ele, assumiu sua causa, Cristo veio em carne, tinha de morrer, caso contrário, teria permanecido sozinho em Sua própria pureza. A vida tem de ser

buscada no Filho de Deus ressurreto dentre os mortos.

Porém, não foi mediante água somente que Ele veio; foi também mediante sangue. A expiação de nossos pecados foi tão necessária como a purificação moral de nossa alma. E a temos no sangue de um Cristo imolado. Somente a morte poderia expiá-los. E Jesus morreu por nós. A culpa do crente já não existe mais diante de Deus; Cristo colocou a Si mesmo no lugar. A vida está nas alturas, e nós somos ressuscitados junto com He, havendo Deus perdoado todas nossas ofensas.

A terceira testemunha é o Espírito — mencionado o primeiro em ordem de seu testemunho na terra; e o último em ordem histórica. De fato se trata do testemunho do Espírito, Sua presença em nós, o que nos capacita a apreciar o valor da água e do sangue.

Nunca compreenderíamos o significado prático da morte de Cristo se o Espírito Santo não fosse o poder revelador para o novo homem, no tocante à sua importância e eficácia. Agora, o Espírito Santo desceu de um Cristo ressurreto e ascenso, e assim conhecemos que a vida eterna nos é dada no Filho de Deus.

O testemunho dessas três testemunhas se une na mesma verdade, isto é, que a graça, que o próprio Deus, nos deu a vida eterna; e que esta vida está em Seu Filho. O homem não tinha nada que fazer com tudo isso — exceto por seus pecados. Isto é dom de Deus. E a vida que Ele nos dá está em Seu Filho. O testemunho é o testemunho de Deus. Que bênção é ter um testemunho assim, e isso vindo do próprio Deus, em perfeita graça!".[1]

A verdadeira base da paz

Todos os que estão alheios à uma plácida e segura paz com Deus fariam bem em ler os escritos desses cristãos sobre essa questão. Eles não emitem um som incerto. As "dúvidas e temores" que durante tanto tempo têm perseguido e confundido inclusive os mais piedosos entre as denominações não se desvaneceram totalmente, embora nestes últimos anos muitos cristãos tenham encontrado mais clareza e certeza que anteriormente. Muitos dos mais ilustres nomes do passado poderiam ser citados como exemplo de pessoas que se sentiram freqüentemente inquietas ao longo da vida, inseguras acerca do perdão e da aceitação. A verdadeira paz era desconhecida.

Porém, a paz com Deus *é* a herança de todos os Seus filhos — como legado deixado por Cristo aos Seus discípulos: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize" (João 14:27). Foi em meio a este mundo com todas as suas provas e conflitos que Ele lhe deu Sua própria paz — a paz que Ele mesmo tinha com o Pai enquanto andava neste mundo. Porém, por que tão poucos desfrutam dessa paz com o Pai que Ele desfrutou? É nossa! Ele a deixou para nós! Não pode haver outra razão que não a incredulidade. Não podemos usufruir de uma bênção antes de crer nela. E Ele queria que experimentássemos desta paz neste mundo e apesar do mesmo, como He a experimentou. He é também nossa paz no céu, de modo que é perfeita na luz assim como no mundo.

---

[1] *J. N. Darby, "Synopsis of the Books of the Bible", vol. 5, pg.426.*

Meditemos a respeito das seguintes citações sobre essa questão pessoal de tamanha importância, e o leitor poderá julgar acerca do ensino à luz da Palavra.

"A nossa paz não é meramente algo que desfrutar dentro de nós, mas que é Cristo fora de nós: 'Porque ele é nossa paz' — a mais maravilhosa expressão. E se as almas tão-somente descansassem nisso, haveria alguma ansiedade acerca da plenitude da paz? É minha própria culpa se não descanso nela e não a desfruto. Porém, ainda assim, devo duvidar que Cristo seja minha paz? Se duvido, estou desonrando-O. Se eu tivesse um avalista de riquezas inesgotáveis, por que iria duvidar de minha posição ou de meu crédito? Não dependeria de minha riqueza nem de minha pobreza. Tudo estaria ligado aos recursos daquele que se tornou responsável por mim. Assim é com Cristo. Ele é nossa paz, e não pode haver possibilidade alguma de que Ele possa faltar. Quando o coração confia nisso, qual é o resultado? Então, podemos descansar e desfrutar da paz. Mas devo começar crendo. O Senhor, em Sua graça, dá a Seu povo abundâncias ocasionais de alegria; porém a alegria pode oscilar. A paz é, ou deveria ser, algo permanente, ao qual o cristão sempre tem direito, e isso porque Cristo é a nossa paz" (*"Lectures on Ephesians"*, porW. Kelly, pg. 103).

"É muito importante ter um conhecimento claro daquilo que constitui o fundamento da paz do pecador na presença de Deus. Tantas coisas estão associadas à obra realizada por Cristo que as almas se vêem mergulhadas na incerteza e na obscuridade quanto à sua aceitação. Não discernem o caráter absolutamente estabelecido da redenção pelo sangue de Cristo em sua aplicação a si mesmos. Parecem não estar conscientes que o pleno perdão de seus pecados descansa sobre o simples fato de que uma plena expiação foi realizada, um fato atestado aos olhos de toda a inteligência criada, pela ressurreição de entre os mortos dAquele que é a Garantia dos pecadores. Eles sabem que não há outro meio de se salvarem a não ser pelo sangue da cruz, porém os demônios também sabem disso, apesar de não ter utilidade alguma para eles. O que realmente é necessário é saber que somos salvos. O israelita no Egito não apenas sabia que havia segurança no sangue: ele sabia que ele estava seguro. E por que estava seguro? Seria por algo que ele tivesse feito, sentido ou pensado? De forma alguma: era por causa daquilo que Deus tinha dito: "Vendo eu sangue, passarei por cima de vós" (Êxodo 12:13). O israelita descansava no testemunho de Deus. Acreditava no que Deus dissera, porque Deus o dissera. "Aquele que aceitou o seu testemunho, esse confirmou que Deus é verdadeiro" (João 3:33).

Observe, querido leitor, que não era sobre seus próprios pensamentos, sentimentos ou experiências a respeito do sangue que o israelita descansava. Essa seria descansar sobre uma miserável fundação de areia. Seus pensamentos ou sentimentos poderiam ser profundos ou superficiais; porém, quer profundos ou superficiais, nada tinham de ver com o fundamento de sua paz. Deus não tinha dito: "Quando vocês virem o sangue e o valorizarem como deve ser valorizado, passarei por cima de vós". Isso seria o bastante para mergulhar o israelita em um profundo desespero quanto a si mesmo, pois é impossível para o espírito humano apreciar o exato valor do precioso sangue do Cordeiro. O que lhe dava a paz era a certeza de que o olhar do SENHOR repousava sobre o sangue, e que Ele apreciava todo o seu valor. "Vendo eu sangue"! Era isso que tranqüilizava o coração do israelita. O sangue estava fora, no umbral da porta, e os que estavam dentro da casa não podiam vê-lo; porém Deus o via, e isso era

plenamente suficiente.

A aplicação disso à questão da paz do pecador é bastante simples. Havendo o Senhor Jesus derramado Seu precioso sangue em expiação perfeita pelo pecado, He levou este sangue à presença de Deus, e ali fez a aspersão; o testemunho de Deus assegura ao pecador que crê que todas as coisas têm sido estabelecidas a seu favor — estabelecidas não pelo apreço que o pecador tem ao sangue, mas pelo próprio sangue: por um sangue que tem tão grande valor aos olhos de Deus que, por causa dele, e dele somente, pode perdoar com justiça todo pecado, e receber o pecador como perfeitamente justo em Cristo. Como o homem poderia desfrutar de uma paz sólida, se sua paz dependesse do apreço que tivesse ao sangue? Por maior valor que o espírito humano pudesse dar ao sangue, essa avaliação sempre estaria infinitamente abaixo de seu valor divino; portanto, se nossa paz dependesse de nossa justa apreciação do que esse sangue vale, jamais poderíamos desfrutar de uma paz firme e segura, e seria o mesmo que se a buscássemos "pelas obras da lei" (Romanos 9:32; Gálatas 2:16; 3:10). É necessário que haja um fundamento de paz apenas no sangue, porque de outra maneira nunca teríamos paz. Misturar com esse sangue o valor que nós lhe concedemos é derrubar todo o edifício do cristianismo de forma tão efetiva como se conduzíssemos o pecador ao pé do monte Sinai e o puséssemos sob o pacto das obras. Ou o sacrifício de Cristo é suficiente ou ele não o é. E se é, por que essas dúvidas e temores? Com as palavras de nossos lábios confessamos que a obra está consumada, porém as dúvidas e os temores do coração dizem que não está. Todos aqueles que duvidam de seu perdão perfeito e eterno negam, no que lhe concerne, o cumprimento e a perfeição do sacrifício de Cristo.

Existe um grande número de pessoas que retrocederiam diante da idéia de colocar em dúvida, aberta e deliberadamente, a eficácia do sacrifício de Cristo, e, não obstante, não desfrutam de uma paz segura. Essas pessoas dizem estar plenamente convencidas que o sangue de Cristo é perfeitamente suficiente, se somente pudessem estar certas de ter parte nesse sangue, se somente tivessem a fé genuína. Existem muitas preciosas almas nesta condição. Se ocupam mais com sua fé e sentimentos que com o sangue de Cristo e a Palavra de Deus. Em outras palavras, olham para dentro de si mesmas em vez de olhar para fora, para Cristo. Isso não é fé e, por conseguinte, eles não têm paz. O israelita dentro da casa cujo umbral estava manchado de sangue poderia ensinar a tais almas uma lição muito preciosa. Ele não foi salvo por seus pensamentos ou sentimentos acerca do sangue, mas simplesmente pelo próprio sangue. Sem dúvida, ele apreciava o sangue à sua maneira, como é certo que ele também pensava no sangue; mas Deus não disse "Vendo eu o teu apreço pelo sangue, passarei por cima de ti'. O SANGUE, com todo o seu valor e eficácia divina, foi posto diante de Israel; e se o povo tivesse desejado acrescentar algo a ele, mesmo que fosse um pedaço de pão sem fermento, para fortalecer o fundamento de sua segurança, teria feito do SENHOR um mentiroso, e negado a perfeita suficiência de Seu remédio.

Estamos sempre inclinados a buscar em nós, ou em nossas coisas, algo que possa constituir, junto com o sangue de Cristo, o fundamento de nossa paz. Há uma lamentável falta de clareza e compreensão sobre este ponto vital, e isso é evidente pelas dúvidas e temores que afligem muitos dentre o povo de Deus. Estamos inclinados a olhar os frutos do Espírito em nós como se fossem o fundamento de nossa paz, em vez de olhar para a obra de Cristo por nós. Não é dito que o Espírito Santo é

nossa paz, mas, sim, que Cristo é nossa paz. Deus não enviou o Espírito Santo para pregar a paz, mas enviou a Cristo (compare Atos 10:36; Efésios 2:14,17; Colossenses 1:20). Jamais poderemos perceber com suficiente simplicidade esta diferença tão importante. Somente pelo sangue de Cristo obtemos a paz, a justificação perfeita e a justiça divina: Ele é quem purifica a nossa consciência, que nos introduz no Lugar Santíssimo, o que faz com que Deus seja justo ao receber o pecador que crê, e o que nos dá direito a todas as bênçãos, honras e glórias do céu (Romanos 3:24-26; 5:9; Efésios 2:13-18; Colossenses 1:20-22; Hebreus 9:14; 10:19; 1 Pedro 1:19; 2:24; 1 João 1:7; Apocalipse 7:14-17)"-[1]

A justiça da lei e a justiça de Deus

A questão sugerida pelo título acima tem amargurado muitas pessoas boas. Porém é difícil para o espectador conceber porque os cristãos, que crêem na inspiração plena das Escrituras, teriam que contender com tanta tenacidade em favor do termo teológico "a justiça de Cristo" em lugar do termo que a Bíblia usa: "a justiça de Deus". O primeiro — no sentido teológico — nunca se emprega nas Escrituras, enquanto que o segundo é utilizado muitas vezes. A passagem que é bastante citada "pela obediência de um, muitos serão feitos justos" (Romanos 5:19), não faz referência em absoluto à relação de Cristo com a lei, mas que é a recapitulação de uma tendência inata, de um lado, da ofensa de Adão, e de outro, da obra de Cristo, sem adentrarmos em detalhes.

Em diversos sistemas teológicos se afirma que a base da nossa justificação é que Cristo guardou a lei por nós, a fim de que isso fosse aceito em lugar de nosso fracasso. Isso, diz a moderna teologia, é a justiça de Cristo que é imputada ao crente para justificação — seu vestido de casamento. Suas transgressões são perdoadas pelo derramamento do sangue. O primeiro recebe o nome de obediência ativa, e o segundo, de passiva, de Cristo.

---

[1] *"Notas sobre Êxodo", por C. H. Mackintosh, pg. 129 (edição antiga).*

Quando se diz que o Espírito de Deus usa de maneira invariável a expressão justiça de Deus, eles respondem: "Certo, mas Jesus é Deus".

Os Irmãos têm escrito tanto acerca dessa questão, e exposta tantas escrituras ao desenvolvê-la, que fica difícil fazer uma seleção. Porém, recomendaríamos aos interessados na questão que consultem as obras originais.[1]

"Creio", disse o Sr Darby, "e bendigo a Deus pela verdade, que Cristo é nossa justiça, e que por Sua obediência somos feitos justos . Essa é a paz constante de minha alma. O importante aqui é o contraste entre a morte e os sofrimentos de Cristo, que conquistaram nosso perdão, e Sua obediência como nossa justiça pela qual somos justificados... O que é, portanto, a justiça de Deus e como ela se manifesta? Como participamos dela? Como ela nos é imputada? A nosso respeito é dito que somos justiça de Deus em Cristo (2 Coríntios 5:21). O apóstolo fala sobre ter a justiça de Deus (Filipenses 3:9). Porém não é dito que a justiça de Deus nos seja imputada. Nem tampouco a justiça de Cristo é uma expressão bíblica, embora nenhum cristão duvide de que Ele foi perfeitamente justo. Contudo, o Espírito de Deus é perfeito em sabedoria, e seria coisa assombrosa que aquilo que é a base fundamental de nossa aceitação não ficasse claramente descrito na Escritura. Uma passagem parece

expressar isso (Romanos 5:18). Mas o leitor pode verificar na margem das Bíblias que possuem referências que está registrado "uma justiça". Não há dúvida de que essa é a tradução correta. Mas a expressão "justiça de Deus" é usada tantas vezes que não há necessidade de citar as passagens. Agora, não é em vão que o Espírito Santo, ao tratar essa questão tão importante, nunca empregue uma expressão, isto é, justiça de Cristo, e, em troca, use constantemente a outra, ou seja, a justiça de Deus. Dessa maneira aprendemos o fluxo do pensamento do Espírito. A teologia sempre usa o que o Espírito nunca usa; e não pode dizer o que deve ser feito com aquilo que o Espírito sempre usa...

_____

[1]*'A Treatiseon the Righteouness of God", por J. N. Darby; "The the Righteouness of God: What is it?", por W. K. Broom; "The Brethren and their Reuiewers", por J. N. Darby; "Lectureson Ephesians", porW. Kelly, pg. 104.*

O grande mal de todo o sistema teológico é que exige uma justiça do homem como nascido de Adão, embora outro possa supri-la. O que se prove é a justiça humana. Cristo a cumpriu por mim, mas ainda assim sou eu quem deveria tê-la realizado. Está cumprindo aquela exigência que havia sobre mim... Na doutrina da epístola aos Romanos, vemos que toda a base de nossa justificação e de toda a bênção reside na morte, não na vida de Cristo sobre a terra. "Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça... para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" (Romanos 3:25-26). Quem é justo? Deus. Aqui temos esse princípio de suma importância: a justiça de Deus significa em primeiro lugar Sua própria justiça; que Ele é justo. Não é do homem, ou sequer a justiça positiva de qualquer outro, constituída de alguma quantidade de mérito legal, da qual seja investido. A justiça que se fala decorre do fato de Deus ser justo, e de que Ele pode justificar ao maior pecador.

Porém, se dirá aqui que tem de haver uma base para isso, que permita que seja justo perdoar e justificar. A justiça tem um duplo sentido. Eu sou justo, digamos, ao premiar ou ao perdoar; porém, isso supõe um direito que faça com que seja justo que eu atue assim — um mérito de algum tipo. Se prometi algo, ou moralmente se deve algo à justiça, sou justo ao dar tal coisa. Assim, para que Deus seja justo ao perdoar e justificar, tem de haver algum motivo moral adequado para isso. No pecador, claramente, não havia. Havia no sangue de Cristo. E Deus, havendo-0 estabelecido como propiciação, a fé no Seu sangue veio a ser o caminho para justificação. Isso exibe a justiça de Deus ao perdoar. Aceito dessa maneira, estou diante de Deus sobre a base de Sua justiça."

Se diz com freqüência que os Irmãos não dão muito valor à vida de Cristo; que passam por cima dela como se não fosse de valor para o homem nem para a glória de Deus. É certo que não tomam a vida de Jesus antes de Sua morte como a base de nossa justificação, porque Ele mesmo disse: "Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto" (João 12:24). Porém, não é verdadeiro dizer que ignoram a vida de Cristo por não ter significado para nós.

O Sr Kelly disse: "Aqui, uma vez mais, vamos buscar nos entender. Acaso negamos por um momento a sujeição do Senhor Jesus à lei de Deus? Naturalmente que

Ele cumpriu a lei; He glorificou a Deus em cada forma possível no cumprimento da mesma. Este não é um ponto polêmico entre os cristãos. Não é crente quem imagina que Cristo falhou em qualquer ato de Sua vida, que não cumpriu de maneira integral e bendita a lei de Deus, ou que o resultado pudesse ser de pouco valor para Deus ou para o homem...

Acaso eu nego que o caminho, o andar, a vida de Jesus, a glorificação de Deus em todos os Seus caminhos tenham grande valor para nós? Deus nos livre disso! Temos a Jesus integralmente e não em parte; temos a Jesus em todo o lugar. Não estou contendendo agora em absoluto contra a preciosa verdade de que sendo Cristo nossa aceitação, temos a Cristo como um todo. Temos a Sua obediência ininterrupta em Sua vida inteira, e o gracioso aroma da mesma para Deus forma parte da bênção que pertence a cada filho de Deus. Creio nela, me alegro com ela, dou graças a Deus por ela, confio de maneira contínua. Mas a questão que tratamos é outra bem diferente. Deus usa para Sua própria glória, e para nossa alma, tudo o que Jesus fez e sofreu.

A verdadeira questão é: qual é a justiça de Deus? Essa questão tem de se resolver não por opiniões, sentimentos, imaginações ou tradição — não pelo que se prega ou receba, senão pelo que está escrito: pela Palavra de Deus. Aqui temos a resposta de Deus. 'Mas, agora, se manifestou, sem a lei, a justiça de Deus' (Romanos 3:21). Não se pode usar uma linguagem mais precisa e absoluta. O que o Espírito Santo emprega é uma expressão que põe a lei totalmente de lado, no que se refere à justiça divina. O Espírito Santo tem falado acerca da lei, e pela lei condenado o homem. Tem exposto que a lei exigia a justiça, mas que não podia encontrá-la. Essa é um outro tipo de justiça — não do homem, mas de Deus —, e além disso totalmente separada da lei em qualquer forma. Que momento mais adequado para dizer isso, se esta tivesse sido a boa nova de Deus, que Jesus veio obedecer a lei por nós, e que Deus toma isso como Sua justiça para que cada homem possa estar nela! E por que, então, não se diz assim? Porque não é a base, nem o caráter nem a natureza da justiça de Deus. Essa justiça é totalmente separada da lei.

Portanto, isso é o que é dito aqui: 'Mas, agora, se manifestou, sem a lei, a justiça de Deus, tendo o testemunho da Lei e dos Profetas'. Observemos a grande exatidão da linguagem. Alei e os profetas não manifestaram a justiça de Deus, contudo, a lei de várias maneiras apontava para outro tipo de justiça que viria; os profetas a expuseram de forma ainda mais clara, pelo menos em relação à linguagem. A lei forneceu tipos, os profetas assumiram que a justiça do SENHOR viria. Porém agora o Evangelho nos mostra que já veio — a justiça divina é uma realidade revelada. A redenção é o justo fundamento. O sangue de Cristo merece da parte de Deus que o crente seja justificado, e o próprio Deus é justo ao justificá-lo.

Não é a justiça de Deus aparte de Jesus; é a justiça de Deus aparte da lei. Ele estabeleceu a Cristo como propiciatório. Cristo se tornou o verdadeiro propiciatório. Deus O entregou como sacrifício pelo pecado, para que pela oferta de Seu corpo feita uma vez para sempre, cada alma que nEle crê pudesse ser santificada: mais ainda, 'porque, com uma só oblação, aperfeiçoou para sempre os que são santificados' (Hebreus 10:14). Isso foi cumprido em Sua morte. Ele não veio meramente cumprir a lei, mas toda a vontade de Deus, pela qual somos santificados pela oferta do corpo de Jesus Cristo uma vez para sempre.

Aqui temos então a justiça de Deus desenvolvida na forma mais simples e clara.

Significa que Deus é justo, e que justifica em virtude de Cristo. Ele é justo, porque o pecado tem sido afrontado na cruz; o pecado tem sido julgado por parte de Deus; Cristo sofreu e expiou o pecado. Mais ainda: o Senhor Jesus exaltou a Deus a tal ponto, e tanto glorificou Seu caráter, que agora existe uma dívida positiva do outro lado. Em lugar de estar a obrigação, por assim dizer, totalmente do lado do homem, Deus se interpôs e, havendo sido exaltado de tal maneira no Homem Jesus Cristo, em Sua morte, é agora positivamente justo quando justifica a alma que crê em Jesus. Por conseguinte, é a justiça de Deus; porque Deus está assim mostrando-Se justo acerca dos direitos de Cristo."

Submissão à Palavra de Deus

A grande causa de desacordo entre os Irmãos e as denominações acerca das doutrinas principais do cristianismo surge da diferença em suas normas. Ambos professam serem guiados pelas Escrituras, porém os primeiros se sujeitam à nua simplicidade e autoridade da Palavra de Deus, e as outras às doutrinas deduzidas da Palavra e, crêem eles, de conformidade com ela. Um pode ser tão sincero quanto o outro, mas seus padrões de referências não são as mesmas. Por isso, nunca podem estar de acordo nem ver as coisas sob a mesma luz. Um tem de considerar ao outro como estando em erro. A questão é: Quem tem os padrões verdadeiros? "Todas as expressões humanas da verdade", dizem os Irmãos, "têm de ser inferiores às Escrituras, inclusive quando são derivadas delas, porém, mesmo que tudo esteja correto em relação às crenças, ainda assim é como uma árvore artificial em vez de uma árvore em crescimento. A Palavra ministra a verdade em suas vivas operações. Ela a ministra acerca de Deus, do homem, da consciência, da vida divina, e é, por isso, algo totalmente distinto".

Em toda essa controvérsia existe da parte dos críticos dos Irmãos um evidente afastamento da simples Palavra de Deus. Quando os resultados de uma submissão total à Palavra de Deus são vistos, há vacilações, uma indisposição de se submeter às justas conclusões da verdade. Há muitos cristãos nas denominações que acreditam que os Irmãos têm a razão no que se refere às Escrituras, porém unir-se a eles significaria perder uma posição na sociedade, o que não estão dispostos a abandonar. Contudo, a consciência pode se sentir perturbada, porém a mente, arrazoando, diz: Seria correto abandonar uma útil influência a qual exerço agora? Poderia fazer o mesmo bem me unindo aos Irmãos, sendo que em todas as partes se fala contra eles? Esses pensamentos têm mais influência sobre alguns, pelo poder de Satanás, que a simples Palavra de Deus. Porém os tais esquecem que "o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros" (1 Samuel 15:22). E, como disse o profeta: "Cessai de fazer mal" (Isaías 1:16). Esse deve ser o primeiro passo quando nos encontramos em uma posição errada. Então se dará luz para o segundo quando o primeiro passo de fé for dado: "Aprendei a fazer o bem" (v 17). O apóstolo Paulo disse: "Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem" (Romanos 12:9). Aqui a linguagem é muito mais enérgica que nos profetas, porque é Cristo que está em questão. Não devemos somente parar com o mal, mas odiá-lo; e não devemos meramente ouvir e aprender, mas também seguir o que é bom.

Não há necessidade de hesitação acerca do nosso caminho quando descobrimos que nossa posição é errada. A Palavra de Deus é clara: "Cessai de fazer mal". Porém

não há muitos "vencedores" — não muitos que estejam dispostos a vencer as dificuldades familiares, congregacionais e sociais. Esta é verdadeira razão pela qual muitos se mantêm afastados dos Irmãos e tentam encontrar algum erro na doutrina ou na conduta deles que justifique o fato de se manterem afastados. Para alguns, a dificuldade está no mundo, porque se trata de um abandono do mundo religioso assim como do social. Um abismo, profundo e largo, separa o terreno divino do humano. Cruzá-lo significa deixar o mundo e a religião que ele aprova para trás. Um está do lado celestial do sepulcro de Cristo e ou outro está do lado terreno. E, a menos que um passo seja dado no poder de uma fé que conta com o Deus vivo, ele jamais será dado. Mas o cristão acostumado a andar em comunhão com Deus buscará em Sua Palavra a orientação para tudo. Não tem mais com quem contar. Os ensinos dos homens podem lhe servir de instrução, mas a fé somente pode descansar na Palavra de Deus. Tanto quando se tratar de uma questão de doutrina ou de prática, de serviço ou de culto, terá de recorrer à Palavra, e senão pode encontrar ali direções para o que se propõe, tem que examiná-la cuidadosamente até que as encontre. "Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça" (2 Timóteo 3:16-17). Se a obra a que estamos dedicados ou a que nos propomos é boa, encontraremos instruções para nossa orientação na Palavra de Deus.

"Com respeito à autoridade da Palavra, é de maior interesse ver que na consagração dos sacerdotes[1] como em toda a gama dos sacrifícios, somo trazidos de imediato sob a autoridade da Palavra de Deus. 'Então, disse Moisés à congregação: Isto é o que o SENHOR ordenou que se fizesse' (Levítico 8:5). E, de novo: 'Disse Moisés: Esta coisa que o SENHOR ordenou fareis; e a glória do SENHOR VOS aparecerá' (9:6). Que estas palavras penetrem em nossos ouvidos. Que sejam ponderadas com cuidado e oração. São palavras sem preço. "Esta coisa que o SENHOR ordenou." Ele não disse: "Isso que é conveniente, racional ou apropriado". Tampouco falou: "Isso é o que foi disposto pela voz dos pais, pelo decreto dos anciãos ou pela opinião dos doutores". Moisés nada tinha a ver com essas fontes de autoridade. Para ele somente havia um santa, exaltada, suprema fonte de autoridade: a Palavra do Senhor. E ele queria levar cada membro da congregação a um contato direto com aquela fonte bendita. Isso dava segurança ao coração e estabilidade aos pensamentos. Não restava lugar para a tradição, com seu som incerto, ou para o homem com suas duvidosas controvérsias. Tudo era claro, conclusivo e cheio de autoridade. O SENHOR tinha falado; e tudo o que era necessário era ouvir o que Ele havia dito e obedecê-Lo. Nem a tradição nem a conveniência têm lugar algum no coração daquele que tem aprendido a apreciar, reverenciar e obedecer a Palavra de Deus.

E qual iria ser o resultado dessa estrita adesão à Palavra de Deus? Certamente um resultado verdadeiramente bendito. 'A glória do SENHOR VOS aparecerá.' Se a Palavra tivesse sido desprezada, a glória não teria aparecido. As duas coisas estavam intimamente ligadas. O mais leve desvio do 'Isto é o que o SENHOR ordenou' haveria impedido que os raios da divina glória aparecessem à congregação de Israel. Se tivessem introduzido um único rito ou cerimônia não ordenados pela Palavra, ou se tivessem omitido algo que a Palavra mandasse, o Senhor não manifestaria Sua glória. Ele não poderia aprovar, com a glória de Sua presença, o descuido nem o desprezo de Sua Palavra. Ele pode relevar a ignorância e a fraqueza, mas não pode aprovar o descuido nem a desobediência.

_____

[1] *"Notas sobre Levítico", por C. H. Machintos, pg. 148 (edição antiga).*

Oh!, que isso seja considerado com maior seriedade nesse tempo de tradição e de conveniência. Eu gostaria, com ardor e um profundo sentimento de responsabilidade pessoal diante do meu leitor, exortá-lo a que prestasse diligente atenção à importância de uma estreita — quase severa — adesão e reverente sujeição à Palavra de Deus. Que tudo julgue por essa regra, e rejeite tudo o que não estiver à altura dela; que pese todo nessa balança e que coloque de lado tudo que o não chegue a todo o seu peso; que tudo seja medido por essa regra e descarte todo desvio. Se tão somente eu puder ser um instrumento para despertar uma alma para o apropriado senso do lugar que a Palavra de Deus tem, sentiria que não tenho escrito meu livro em vão.

Leitor, pare e, na presença do Esquadrinhador dos corações, faça a você mesmo essa simples pergunta: 'Estou autorizando com minha presença, ou adotando com minha prática algum afastamento ou descuido da Palavra de Deus?' Faça disso uma questão pessoal e séria diante de

Deus. Assegure-se disso; é da maior importância. Se descobrir que está conectado ou envolvido em algo que não leva o selo da clara aprovação divina, rejeite tal coisa definitivamente. Sim, rejeite-a, mesmo que esteja revestida dos imponentes trajes da antigüidade, endossado pela tradição, e apresentada pelo irresistível argumento da conveniência. Se você não puder dizer, com referência a tudo o que estiver envolvido: 'Isso é o que o Senhor ordenou', então se afaste de tal coisa sem hesitação, afaste-se de uma vez para sempre. Lembre-se destas palavras: 'Isto é o que o SENHOR ordenou que se fizesse'. Sim, lembre-se do 'isto' e do 'ordenou' o Senhor; cuide para você relacione isso com todos os seus caminhos e associações, e jamais se separe deles."

CAPÍTULO 8

A Igreja de Deus

De acordo com o antigo princípio do catolicismo, era a igreja que fazia o cristão. Não havia perdão de pecados nem salvação para alma fora dela. Não importa quão genuína fosse a fé ou a piedade de alguém, se não pertencesse à santa igreja católica e desfrutasse dos benefícios de seus sacramentos, a salvação era impossível. De acordo com o princípio protestante, os cristãos constituem a igreja. Um dos resultados da Reforma no século XVI foi a transferência de poder da igreja para o indivíduo. A idéia da igreja como única administradora das bênçãos foi rejeitada; e cada pessoa foi chamada a ler a Bíblia por si mesma, a examiná-la por si mesma, a crer por si mesma, porque teria de responder por si mesma. Esse era o pensamento inédito surgido da Reforma: a bênção individual em primeiro lugar; a formação da igreja depois.

Até aqui, os reformadores estavam corretos. Mas esqueceram de examinar as Escrituras acerca de como estava formada a igreja. A verdadeira idéia da igreja de Deus como corpo de Cristo, vitalmente unida a Ele pelo Espírito Santo enviado do céu foi totalmente negligenciada, ainda que esteja abundantemente ensinada nas epístolas. Ao perder-se assim de vista o próprio lugar e obra do Senhor através do Espírito Santo na assembléia, os homens começaram a se unir e a constituir as chamadas igrejas segundo os seus próprios pensamentos. Uma grande variedade de igrejas ou sociedades religiosas surgiu rapidamente em muitas partes da cristandade; porém, cada país tinha seu próprio conceito a respeito de como se devia constituir e reger a igreja; uns criam que o poder eclesiástico devia ficar nas mãos dos magistrados civis; outros criam que a igreja devia reter esse poder em seu interior; e esta diferença de opinião teve como resultado os numerosos corpos nacionais e dissidentes que vemos em toda a parte. Graças a Deus, se insistiu na fé individual no supremo princípio para a salvação da alma; e a alma dos homens foi salva e, portanto, Deus foi glorificado; porém, ficando isso assegurado, os homens poderiam se unir para constituir igrejas segundo seus próprios pensamentos. A grande Sardes foi o resultado disso; e sobre essa igreja, o Senhor disse: "Eu sei as tuas obras, que tens nome de que vives e estás morto" (Apocalipse 3:1). Essa é a condição do que é conhecido como Protestantismo, depois dos dias dos primeiros reformadores. Um grande nome de vivente — uma sublime profissão e aparência de cristianismo, mas sem nenhum poder vital.

Nada é mais manifesto para o estudioso da história da igreja com seu Novo Testamento diante de si que tais penosas realidades; e nada nos parece mais simples nem mais extensamente ensinado nas epístolas que a doutrina da igreja. Por exemplo, lemos em Efésios 4:4 que "há um só corpo e um só Espírito"; porém, segundo o protestantismo, deveríamos ler: "Há muitos corpos e um espírito". Contudo, só pode haver um constituído divinamente. Também lemos: "procurando guardar a unidade do Espírito" (v. 3).

Isso significa simplesmente a unidade constituída pelo Espírito — sendo o Espírito Santo o poder formador da igreja, que é o corpo de Cristo. Os cristãos são as

pedras que o Espírito Santo conforma em uma unidade perfeita. Isso nós devemos com toda a diligencia procurar "guardar", manter, exibir, levar a cabo na prática; e não inventar alguma nova organização, alguma nova companhia de cristãos, como sempre acontece desde a Reforma. "Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também. Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito" (1 Coríntios 12:12-13).

Depois do que foi citado no primeiro panfleto do Sr Darby, The Nature and Unity of the Church [A Natureza e Unidade da Igreja], será desnecessário falar muito acerca dessa questão. Além disso, essa verdade, com a do Espírito Santo que se identifica com o crente e a Igreja desde o dia do Pentecostes, está firmemente entretecida na totalidade desse "breve esboço". No entanto, umas poucas passagens da Palavra de Deus podem ser úteis para aqueles que desejam fazer a Sua vontade.

Em primeiro lugar, observaríamos aquela que mais toca nosso coração: "Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível" (Efésios 5:25-27). Essa revelação do amor do Salvador deveria nos fazer sentir uma indescritível importância por aquilo que recebe o nome de igreja, e de cumprir toda a mente do bendito Senhor em relação à mesma em nossa vida prática. Ela é objeto especial de Seu afeto, de Seu cuidado. Foi redimida à custa de Seu sangue, de Sua vida, dEle mesmo. E, em breve, Ele a apresentará a Si mesmo como uma igreja gloriosa, sem a menor coisa que seja indigna de Sua glória, ou que possa ofender aos olhos ou causar dor ao coração do Esposo celestial. Que privilégio ser parte daquela "igreja gloriosa", e que bênção atuar como membro desse "um corpo" agora!

O próprio Cristo é o primeiro a anunciar o começo da Igreja. "Sobre esta rocha edificarei a minha igreja" (Mateus 16:18). Todavia, a edificação ainda não tinha começado. Cristo, reconhecido como o Filho do Deus vivo, iria constituir o fundamento dessa nova obra, e a declaração de que "as portas do inferno não prevalecerão contra ela" mostra claramente que iria ser edificada sobre a terra, não no céu, e em meio às tempestades e perseguições que a assaltariam por causa da astúcia e poder do inimigo.

O pensamento seguinte que temos acerca da Igreja é sua unidade. Segundo a involuntária profecia de Caifás, Jesus morreria pela nação judia; "e não somente pela nação, mas também para reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos" (João 11:50-52). Já existiam filhos de Deus, mas estavam dispersos, separados; como pedras preparadas e prontas para a edificação, porém ainda não unidas. Pela morte de Cristo se consumou a grande obra sobre a qual se fundamentam as esperanças futuras de Israel e a reunião atual dos filhos dispersos de Deus em um — a Igreja que é o corpo de Cristo.

Isso aconteceu por meio do poder do espírito Santo que desceu do céu no dia de Pentecostes. O fato de sua existência é declarado em Atos 2. "Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e fazendas e repartiam com todos, segundo cada um tinha necessidade. E, perseverando unânimes todos os dias no templo e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e

singeleza de coração, louvando a Deus e caindo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar" (w. 44-47). Assim, o Senhor acrescentava o remanescente de Israel salvo à Assembléia cristã. A união e unidade dos salvos se cumpriram como fato pela presença do Espírito Santo que desceu do céu. Eles formaram um corpo sobre a terra, um corpo visível, reconhecido por Deus, ao qual todos os que Ele chamava ao conhecimento de Jesus eram unidos pelo Espírito Santo que neles habitava.

Logo podemos observar um notável desenvolvimento relacionado à conversão de Saulo de Tarso, um novo instrumento da graça soberana de Deus (Atos 9). Saulo jamais conheceu pessoalmente a Cristo em Sua vida aqui na terra; ele O vê pela primeira vez na glória celestial. Uma verdade sumamente bendita e cheia de graciosa verdade para o coração! Embora fosse o Senhor da glória, se apresenta como Jesus: "E, indo no caminho, aconteceu que, chegando perto de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu. E, caindo em terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? E ele disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues" (w. 3-5).

Nada poderia ser mais claro que isso no que diz respeito à união do Senhor na glória com os membros de Seu corpo sobre a terra. Os santos são Ele mesmo — Seu corpo. Porém, quem pode falar das inumeráveis bênçãos que surgem para o crente, para a Igreja, mediante essa união? Um com Cristo! Que verdade tão maravilhosa, tão preciosa! Um com Cristo como Homem exaltado na glória; um com Ele em posição, em privilégio, no amor do Pai, em glória sem fim! E que grande luz essa verdade lança sobre os detalhes da salvação! E sobre o perdão? A fé responde: Sou um com Cristo; meus pecados estão tão longe de mim quanto estão dEle. E sobre a justificação? Sou um com Cristo, justo como Ele o é. E sobre a aceitação? Sou aceito no Amado. E sobre a vida eterna? Sou um com Cristo; não há uma vida diferente na cabeça da que há na mão. E sobre a glória? Um com Ele na mesma glória para todo o sempre.

Mas alguns perguntarão: "Não há perigo de se cair dessa posição?" Há um constante perigo de se perder o justo apreço e o gozo da mesma, porém não de se perder a própria coisa. Essa união nunca pode se romper. O que é unido ao Senhor, é um espírito com Ele; o Espírito Santo, que une o crente na terra com Cristo no céu, nunca pode fracassar. Porém há muito menos fracasso da parte daqueles que vivem no poder dessa verdade do que da parte daqueles que vivem na escravidão do legalismo, e atormentados por dúvidas e temores. Com a mente em perfeito descanso, desfruta-se mais de Cristo e se cuida menos do mundo e das coisas do tempo. A graça é nosso único poder para andarmos, como disse Paulo a Timóteo: "Tu, pois, meu filho, fortifica-te na graça que há em Cristo Jesus" (2 Timóteo 2:1).

O funcionamento prático da Igreja

Como se observa no ensino das epístolas sobre a doutrina da Igreja, especialmente em 1 Coríntios 12 e Efésios 4, podemos passar ao funcionamento prático da Assembléia. Em Mateus 18, o bendito Senhor nos dá uma visão disso, vinculando-a com a autoridade do próprio céu, embora a Assembléia seja constituída de dois ou três. Seja para disciplina ou para apresentar petições a Deus, o Senhor estabelece esse grande princípio de que "onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles" (v 20). Reunidos dessa forma, é uma reunião da

Assembléia. Nada poderia ser mais simples, mais alentador, mais bendito: Cristo como centro, o Espírito Santo como poder que une todos a esse centro, com essas palavras de indizível segurança para o coração: "aí estou eu no meio deles".

Aos olhos de um mero espectador, a reunião pode parecer algo muito pobre. Somente alguns poucos cristãos reunidos, talvez num local bastante humilde, nenhuma manifestação de grandes dons entre eles; porém, para a fé não é uma pobre reunião, nem jamais poderá ser. O Senhor estava ali; poderíamos qualificar de pobre uma reunião onde esteja o bendito e adorável Senhor?

Ao mesmo tempo, admitimos que, para aqueles que estão acostumados a todo estilo e grandeza das reuniões populares, a aparência seria muito pobre. Mas, para os que conhecem a feliz liberdade, o gozo celestial, a bênção peculiar de se reunir simplesmente no nome do Senhor, as mais perfeitas providências humanas seriam totalmente intoleráveis. A diferença entre as duas reuniões tem de ser experimentada para ser conhecida e apreciada; as palavras não podem descrevê-la.

Porém, alguns dirão que se reúnem no nome de Jesus, e que o evangelho se prega fielmente, e que entre eles há muitas pessoas fervorosas. E pode ser que seja assim; porém, a boa pregação e as pessoas excelentes não constituem a reunião em igreja. Nenhuma comunidade de santos, se não estiverem reunidos em obediência à Palavra de Deus e sujeitos ao Senhor Jesus mediante a emergia do Espírito Santo, estará realmente sobre fundamento divino. A questão é: estamos sobre o fundamento da Palavra de Deus? Não temos nenhum outro centro, nenhum outro nome ao redor do qual nos reunimos, mais que o nome de nosso ausente Senhor; nenhum poder de união e governo mais que o Espírito Santo, e nenhuma regra de ação mais que a veraz Palavra de Deus? No momento em que começamos a reunir pessoas — mesmo que se trate de cristãos verdadeiros — ao redor de um indivíduo em particular, ou algum ponto de vista ou sistema, estamos somente constituindo um grupo sectário. Porém os que se mantêm aderidos a Cristo como o centro da unidade do Espírito não formam uma seita, e nunca podem formar, contanto que abracem em princípio cada um dos que pertencem a Cristo sobre a face da terra.

O partir do pão — observado no primeiro dia da semana (Atos 20:7) — é a mais alta expressão da unidade da Igreja. "Porventura, o cálice de bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é, porventura, a comunhão do corpo de Cristo? Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo; porque todos participamos do mesmo pão" (1 Coríntios 10:16-17).[1]

Profecia

Desde o avivamento da verdade profética na primeira parte do século XIX, o estudo da profecia tem feito algum progresso, embora no caso de alguns não tenha chegado a ser tema de interesse geral. Grandes seções da igreja professa continuam rejeitando o assunto por considerá-lo especulativo e inútil. Essa é uma situação profundamente deplorável, embora não surpreendente. Têm surgido diversas escolas de interpretação profética que publicam seus pontos de vista, porém muitas delas carecem do necessário para lhes dar consistência e para fazê-las interessantes e proveitosas para uma mente espiritual. Cristo não é centro dos sistemas deles como o é sempre dos sistemas de Deus — o centro no qual todas as coisas nos céus e na terra serão reunidas. Ao contemplar a mente de Deus sobre o juízo das nações, a restauração

de Israel e o estabelecimento do reino de Cristo sobre a terra em poder e glória, não sabem o que fazer com as Escrituras proféticas. Muitos têm se refugiado no princípio de interpretar a profecia mediante a história, alegando que somente se pode compreendê-la quando se cumpre. Tomemos um exemplo dessa escola como exposta na Palavra de Deus.

---

[1]*Para entrar em detalhes dos diversos aspectos da igreja, ver "The Presente Testimony", volume 1. "Synopsis of the Books of the Bible" — "1 Corinthians and Ephesians", por J. N. Darby. "Lectureson the Epistle to the Ephesians", por W. Kelly. "A Treatise on the Lord's Supper", por C. H. Machintosh.*

"Os dez chifres. Qual é a história providencial desses chifres, segundo geralmente aplicada pelos comentaristas? Flagelos que têm persistido durante cento e cinqüenta anos, desde o primeiro até o último, operando a derrubada do Império Romano, anteriormente firme, e estabelecendo-se como conquistadores em todo seu território ocidental. Tomemos o relato profético. Surge uma besta do mar com dez chifres, todos crescidos, depois disso surge um pequeno chifre; e a besta, junto com seus chifres, são objetos dos juízos de Deus, não seus executores. Isto é profecia; aquilo foi providência."[1]

Esse modo de interpretação, como se verá, separa a mente de Cristo para procurar por pessoas e acontecimentos na história que de alguma maneira correspondam às características da profecia. Porém, se é necessário para os cristãos estudar a história de Roma e de outras nações para poder compreender a profecia, quão poucos entre eles têm os meios para fazer isso! Sem dúvida, tal princípio condena a si próprio como não vindo de Deus. Não duvidamos que muitas profecias tenham tido um cumprimento parcial, não total, na providência de Deus. "Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação... mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo" (2 Pedro 1:20-21). "O sentido é que nenhuma profecia das Escrituras tem uma interpretação isolada. Limitemos uma profecia a certo acontecimento particular que se supõe ser designado pelas Escrituras, e façamos isso de interpretação particular. Por exemplo, considerando a profecia da queda da Babilônia em Isaías 13 e 14 como o único significado dessa escritura, faz-se que essa profecia seja de interpretação particular. Como? Porque se faz com que o evento cubra a profecia — interpreta-se a profecia pelo evento. Mas isso é precisamente o que, segundo as Escrituras, a profecia não deve ser; e é para advertir o leitor sobre tal erro que o apóstolo escreve como o faz aqui. A verdade, ao contrário, é que toda profecia tem como objeto o estabelecimento do reino de Cristo; e se as linhas da profecia forem separadas do grande ponto focai para o qual tudo converge, destrói-se a perfeita relação dessas linhas com o centro. Toda a profecia se projeta para o reino de Cristo, porque procede do Espírito Santo".[2]

[1"]*Colleded Writings of J.N. Darby", "Prophetic", vol.9, pg.67.*

Acerca da mesma coisa, o apóstolo fala sobre a brilhante cena no "monte santo" de uma forma notável em referência à profecia. "E temos, mui firme, a palavra dos

profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça, e a estrela da alva apareça em vosso coração" (2 Pedro 1:19). Temos um prenuncio muito bendito da vinda e do reino do Senhor Jesus, segundo o que os profetas haviam apresentado ao povo de Deus como esperança — uma formosa ilustração da glória e bênção milenar, que confirma como um selo divino sua certeza, embora não houvesse chegado, todavia, o tempo para sua manifestação. Os santos mortos são representados como ressuscitados em Moisés; os vivos transformados — que não passaram pela morte — são vistos na pessoa de Elias; além disso, havia santos em seus corpos naturais representados por Pedro, Tiago e João; e ali estava o bendito Senhor, o Cabeça e Centro de toda a glória conversando de maneira familiar acerca da partida (Sua morte) que iria acontecer em Jerusalém.

---

[2] *"Lectures Introductory to the Cathohc Epistles", pg. 281, por W. Kelly.*

Deve-se prestar muita atenção à palavra profética, como uma luz que resplandece em um lugar escuro até que o dia amanheça; porém, o cristão tem algo melhor que a lâmpada da profecia. Pertence a Cristo, que habita em seu coração pela fé, como a estrela resplandecente da manhã — o apropriado objeto de todas as suas expectativas até que Ele venha.

As *três esferas da glória de Cristo*

Em 1 Coríntios 10:32, o apóstolo nos fornece uma classificação da humanidade que nos ajuda sobremaneira a não apenas compreender a profecia, mas também toda a Palavra de Deus. "Portai-vos de modo que não deis escândalo nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus". Aqui temos as três grandes esferas nas quais se manifesta a glória de Cristo. Em relação à condição do homem diante de Deus com referência à eternidade, há somente duas classes: os salvos e os perdidos — aqueles que realmente nasceram de novo, e os que continuam nas trevas da natureza e da incredulidade. Mas, no que se refere ao governo do mundo por parte de Deus, há três classes: judeus, gentios e a igreja; e ninguém pode tratar corretamente a Palavra de Deus se negligenciar essa divisão. Descobrir o propósito de Deus para essas três classes através das Escrituras é o meio mais seguro de averiguar a ordem das dispensações de Deus, e a harmonia intrínseca de todas as porções das Sagradas Escrituras. No momento, só podemos nos referir a umas poucas passagens da Escritura como forma de introduzir o leitor nesse triplo propósito de Deus.

1. "Os Judeus." Em Gênesis 12:1-3, "O SENHOR disse a Abrão... far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome, e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra". Temos um desdobramento adicional desse propósito no capítulo 13: "E disse o SENHOR a Abrão, depois que Ló se apartou dele: Levanta, agora, os teus olhos e olha desde o lugar onde estás, para a banda do norte, e do sul, e do oriente, e do ocidente; porque toda esta terra que vês te hei de dar a ti e à tua semente, para sempre" (w 14-15). No capítulo 15, os limites da terra são definidos. Em Deuteronômio 28, temos a promessa de bênção para eles no caso de obediência, e as maldições em caso de desobediência. Porém, que pena!, esse povo tão favorecido

demonstrou ser uma raça desobediente e de dura cerviz. "Deus exercitou uma enorme longanimidade para com eles, mas, quando rejeitaram e apedrejaram os profetas, Seus servos, que Ele lhes havia enviado, enviou Seu Filho, o herdeiro de todas as coisas; a Ele crucificaram e mataram, e assim encheram a medida de suas iniqüidades, e selaram sua condenação. Por isso, a ira chegou até eles ao máximo; sua cidade e templo foram destruídos; o país deles foi saqueado e sua população entregue à espada ou levada ao cativeiro; durante quase dois mil anos têm sido um monumento ao desagrado de Deus contra o pecado, sofrendo severos males anunciados por causa do pecado"[1].

2. "Os gentios." Desde o tempo em que Abraão foi chamado para ser pai do próprio povo de Deus, Deus não tratou diretamente com nenhuma nação sobre a terra, com exceção dos judeus. Até a época de Nabucodonosor, o trono e a presença de Deus estiveram no meio de Israel. Desde o tempo em que os judeus foram levados cativos para Babilônia, "Deus deixou de exercer Seu poder soberano na terra de maneira direta, e este foi confiado ao homem, dentre os que não eram Seu povo, na pessoa de Nabucodonosor. Essa foi uma mudança da maior importância no que diz respeito tanto ao governo do mundo quanto ao julgamento de Seu povo por parte de Deus. Ambos abriram caminho aos grandes temas da profecia que se desenrolaram ao final — a restauração, mediante tribulação, de um povo rebelde, e o juízo de uma infiel e apóstata cabeça gentílica de poder".

Temos um relato dessa grande mudança no profeta Daniel (capítulo 2): "Tu, ó rei, és rei de reis, pois o Deus dos céus te tem dado o reino, e o poder, e a força, e a majestade. E, onde quer que habitem filhos de homens, animais do campo e aves do céu, ele tos entregou na tua mão e fez que dominasses sobre todos eles; tu és a cabeça de ouro" (w 37-28). Os tempos dos gentios começam aqui. O poder que assim foi investido ao rei de Babilônia transmitiu-se aos medos e persas, depois passou às mãos dos gregos, e por fim aos romanos, o último reino representado na imagem. O Império Romano, mesmo que fragmentado em vários reinos, perpetuou seu nome nesses reinos e continuará até a vinda do Senhor. É por esse poder que os judeus têm sido tão terrivelmente assolados e oprimidos. Ao final do cativeiro de setenta anos, uma parte dos judeus voltou para Jerusalém, porém como meros tributários do rei da Pérsia; já que nunca tiveram um governo próprio legítimo e independente. Estavam sob o jugo romano quando Cristo apareceu entre eles, e não puderam sequer matar o Messias sem o consentimento do governador romano e a intervenção de soldados romanos. Pela segunda vez, os gentios destruíram sua cidade e templo, e o próprio Salvador declarou que Jerusalém seria arrasada pelos gentios, até que se cumprissem os tempos gentílicos (Lucas 21:24).

---

[1] *Ver o valioso tratado "God 's Three fold Purpose" [O Triplo Propósito de Deus], e também "Piam Papers on Prophetic Subjects" [Artigos Suscintos sobre Temas Proféticos], ambos de William Trotter, e poderíamos dizer que este último livro é exaustivo acerca da questão da profecia — preciosíssimo para quem deseja estudar o assunto.*

Porém, esses tempos não durarão para sempre. Deus não tem rejeitado o Seu povo que de antemão conheceu. Ele cumprirá em seu devido tempo o pacto da graça que fez com Abraão, o pai deles. Eles ainda serão uma grande nação e cabeça de todas

as outras nações — o centro do qual fluirá a bênção para todas as nações da terra.

Já em nosso tempo podemos ver o começo da graça restauradora de Deus para com Seu povo, ao lhes dar muito de sua terra e parte de sua antiga cidade; e isso nos faz antecipar mais ansiosamente o completo cumprimento de todas as promessas feitas aos pais.

3. "A Igreja de Deus." A Igreja, como se verá, é algo totalmente distinto dos judeus. Cristo veio para os judeus — Seu próprio povo, mas eles não o receberam. Foi desprezado e rejeitado pelos homens. Judeus e gentios se uniram para levar a cabo Sua morte. Por esse ato de insuperável maldade, ficou selada a condenação de ambos. Porém Deus transformou tudo isso na mais soberana graça. O bendito Jesus, rejeitado pelos homens, após ter cumprido a grande obra de redenção foi ressuscitado de entre os mortos, e sentou-se à destra do poder de onde agora espera até que Seus inimigos sejam postos por estrado de Seus pés. Enquanto estiver sentado à destra de Deus, em Seu nome devem ser pregados para todas as nações o arrependimento e a remissão dos pecados. Todo aquele que das nações receber essa mensagem — todo aquele que crer no evangelho — é perdoado, salvo, e fica associado com o Rejeitado das nações e Glorificado nos céus. Aos olhos de Deus, no momento em que um judeu recebe essa mensagem de misericórdia, deixa de ser considerado judeu. Esse é um ponto de enorme importância para os caminhos e tratos dispensacionais de Deus. O judeu, quando crê em Cristo, morre para todas as responsabilidades e privilégios como judeu, e para todas as suas queridas esperanças de uma herança na terra. O gentio morre para toda participação no poder terreno que, por um tempo, está em mãos gentias.

Então, os que crêem o que são? Formam parte da verdadeira Igreja, e o mundo não tem parte com ela. Agora são simplesmente estrangeiros e peregrinos neste mundo.

O lar deles está nos céus. São chamados a compartilhar a humilhação de Seu Senhor na terra durante Sua ausência e compartilharão Sua glória quando Ele voltar.

Outra verdade de grande importância prática agora se torna muito clara; que a Igreja de Deus, o corpo de Cristo, não existia até depois de Sua morte, ressurreição e glorificação de Cristo no céu, e a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Não é certo o que muitos supõem que "a Igreja de Deus se compõe de todos os salvos desde o começo até o fim dos tempos".[1]

Admitimos desde já que os santos que compõem a Igreja têm muito em comum com os santos do Antigo Testamento:

são vivificados pelo mesmo Espírito Santo, justificados pelo mesmo sangue precioso, preservados pela mesma graça onipotente e destinados a serem feitos à imagem do amado Filho de Deus na ressurreição. Porém, a maravilhosa diferença de ser o corpo de Cristo, Sua esposa, são as bênçãos singulares da Igreja. Em contraste com a idéia de que a Igreja se compõe de todos os crentes desde o começo até o fim dos tempos, as Escrituras a limita à Assembléia dos verdadeiros crentes desde o dia de Pentecostes — quando foi constituída pelo Espírito Santo que desceu dos céus — até a vinda do Senhor Jesus nos ares, para recebê-la a Si mesmo na casa do Pai, com suas muitas moradas. Graças à cruz foi derrubado o muro de separação para que judeus e gentios pudessem formar um corpo. "Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derribando a parede de separação que estava no meio, na sua carne, desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, para

criar em si mesmo dos dois (judeus e gentios) um novo homem (não uma continuação nem melhora do antigo, mas apenas um novo homem), fazendo a paz" (Efésios 2:14-15).

_____

[1]*Em um livro muito alentador que lemos recentemente, "Records and recollections of Brownlow North", escrito por Kenneth Moody-Stuart, encontramos expressões como " a sinagoga judia, sobre cujo modelo está fundada nossa igreja presbiteriana... A constituição da sinagoga judia, em seu governo e culto, foi o modelo da primitiva igreja cristã. Nela encontramos a ordenação, a chamada, a comissão, desde de Atos dos Apóstolos até o presente" (páginas 135-136, ed. Inglesa). O escritor se refere à igreja do Antigo e do Novo Testamentos, como se esta fosse uma continuação daquela. Porém as Escrituras se referem às bênçãos judias e cristãs como contrastantes, uma terrena e a outra celestial. A bênção judia é mencionada como "todas as bênçãos temporais em uma terra deleitosa". Algrejatem agora "todabênção espiritual nos lugares celestiais em Cristo". Observamos isso por acidente, e supondo que seja uma expressão apropriada dos pontos de vista eclesiásticos da Igreja Presbiteriana da Escócia no presente. (N.d.E.: Lembre-se que isso foi escrito antes de 1890)*

A vinda do Senhor e o arrebatamento dos santos

É motivo de genuína alegria que a verdade de Deus acerca da vinda do Senhor e do arrebatamento dos santos esteja sendo largamente recebida nos últimos anos. Os muitos panfletos colocados em circulação acerca desse tema e a espantosa quantidade de Bíblias publicadas têm produzido, com a bênção de Deus, uma considerável mudança nas mentes de muitos cristãos. A antiga e comum objeção a essa verdade, que "a morte de cada pessoa é virtualmente a vinda do Senhor a tal indivíduo", tem sido abandonada por vários estudiosos da Bíblia. Porém, como existem muitos que ainda acreditam nessa afirmação, observaremos algumas claras Escrituras acerca dessa questão. Selecioná-las, devido limitação de espaço, é a dificuldade. Cada livro do Novo Testamento, à exceção de Gálatas e Efésios, apresenta de maneira específica e clara a vinda do Senhor como a esperança conhecida e constante do cristão. Os gaiatas haviam caído da graça, e o apóstolo teve de trabalhar arduamente com eles de novo no tocante à justificação pela fé. Em Efésios, a igreja já é vista como sentada nos lugares celestiais em Cristo. Todos os demais livros ou ensinam sobre a vinda de Cristo para Seus santos, ou Sua manifestação em glória com eles para julgar o mundo. O que caracteriza o cristão é a esperança da vinda de Cristo, a espera do Filho de Deus vir do céu. Entra em cada estado, pensamento, sentimento e motivo da vida cristã, e é também o grande poder impulsionador da evangelização.

Mas, retornemos ao nosso argumento.

Não há nenhum caso no Novo Testamento em que se faça referência à morte do crente como se fosse a vinda do Senhor. Os dois eventos são mencionados, mas como coisas contrastantes do que idênticas. Quando morremos, nosso espírito, separado do corpo, vai a Jesus — ausentes do corpo, presentes com o Senhor (2 Coríntios 5:8). Mediante a morte, o crente é separado de seus companheiros cristãos na terra; quando o Senhor vier, todos os crentes serão unidos a Ele no céu. Os mortos ressuscitarão em glória, e os vivos serão transformados à

Sua semelhança, e todos serão arrebatados para se unir ao Senhor nos ares (1 Tessalonicenses4:13-18).

Agora nos voltemos à primeira epístola de Paulo aos Tessalonicenses como a

mais comovente para o presente propósito. No capítulo 4, temos uma revelação especial, não somente em relação à vinda do Senhor e ao arrebatamento dos santos, mas também com respeito à ordem em que tais eventos ocorrerão. Nada pode ser mais claro que o fato de que a vinda do Senhor é a doutrina central de ambas as epístolas. Era uma importante verdade a que haviam sido convertidos. A pessoa de Cristo como o apropriado objeto de sua esperança estava constantemente em suas mentes, e o efeito de sua conversão era esperar Seu retorno. "Porque eles mesmos anunciam de nós qual a entrada que tivemos para convosco, e como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro e esperar dos céus a seu Filho" (1 Tessalonicenses 1:9-10). Sua esperança era a vinda de Cristo; não se falou de nenhum evento que devesse acontecer antes de Sua vinda, e eles estavam esperando por isso como pudesse ser a qualquer momento. De fato, eles estavam tão convictos da vinda do Salvador, que pensavam que jamais um deles morreria antes que o Senhor viesse, de modo que se sentiram muito aflitos quando alguns irmãos faleceram. Não haviam sido instruídos acerca de como os santos mortos poderiam estar com o Senhor quando Ele viesse e compartilhar de Sua glória. Esta era a grande aflição deles. Devemos nos lembrar que eram bastante jovens na fé, que haviam se convertido apenas há poucos meses, que o Novo Testamento ainda não estava escrito, e que o apóstolo não pode estar com eles devido à perseguição. Porém, o testemunho desses cristãos é digno de nota. O próprio mundo falava da enorme mudança que tinha ocorrido nesses gentios, e dava seu testemunho inconsciente do poder da graça na conversão deles a Deus (1 Tessalonicenses 1:8-10). Contudo, necessitavam de instrução acerca dos que haviam dormido em Jesus, e é sobre esse ponto que o apóstolo lhes dá agora a mente do Senhor.

Trata-se de uma revelação de imensa importância. Os teólogos modernos dizem, sobre os que ainda mantém essa esperança, que estão obcecados com esse ponto de vista particular; que necessariamente têm de acontecer alguns eventos antes que o Senhor venha. Mas não encontramos uma só palavra da pluma do apóstolo que modere ou esfrie as ardentes expectativas desses jovens e fervorosos crentes, nem que diga que teriam de esperar uma seqüência de acontecimentos que precedessem a vinda do Senhor. O apóstolo se alegra acerca de seus amados tessalonicenses, e alimenta o zelo deles com um valioso relance da consumação de todas as esperanças deles, que também eram as suas próprias. "Porque qual é a nossa esperança, ou gozo, ou coroa de glória? Porventura, não o sois vós também diante de nosso Senhor Jesus Cristo em sua vinda? Na verdade, vós sois a nossa glória e gozo" (1 Tessalonicenses 2:19-20). Eles deviam continuar esperando o Senhor durante a vida deles. Não coloca circunstância alguma, evento algum, entre seus corações e o objeto de sua esperança. E lhes assegura que todos os que haviam dormido em Jesus terão igualmente sua parte na glória com aqueles que estiverem vivos quando Ele vier.

A primeira coisa que o apóstolo faz é fixar o olhar dos pesarosos tessalonicenses em Jesus — nAquele que morreu e ressuscitou. "Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com ele" (1 Tessalonicenses 4:14). Em Jesus vemos a vitória sobre a morte e o sepulcro — vemos Aquele que morreu, foi sepultado, ressuscitou, e que agora está na glória. Observemos estas palavras: "Assim também". Que consolação celestial para um coração enlutado e entristecido! Todos os que dormiram em Jesus

serão ressuscitados e deixarão essa terra exatamente como Ele o fez. Alguém disse: "Há uma diferença. He subiu com base em Seu pleno direito; Ele subiu. Quanto a nós, Sua voz chama os mortos e eles saem do sepulcro, e, sendo os vivos transformados, todos serão juntamente arrebatados. É um solene ato do poder de Deus, que sela a vida do cristão e a obra de Deus, e lhes traz a glória de Cristo como Sua companheira celestial. Que glorioso privilégio! Que graça maravilhosa! Perder isso de vista significa a própria destruição do caráter de nossa alegria e esperança" *{"Synopsis",* J. N. Darby, vol. 5, pg. 90).

Do versículo 15 ao 18, temos um parêntesis que explica o que é dito no versículo 14, "assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com ele". Quando o Senhor vier em glória, todos os santos estarão com Ele; porém, antes Ele despertará os que dormem, transformando os viventes e trasladando ambos ao céu. Os versículos 15-17 nos explicam como isso se dará. O Senhor Jesus se levanta de Seu trono, desce do céu, Ele próprio dá a palavra, a voz do arcanjo a transmite, e a trombeta soa. A imagem é militar. Como as tropas bem adestradas conhecem as ordens de seu comandante pelo toque da trombeta, assim o exército do Senhor responde imediatamente à Sua chamada. Todos os mortos em Cristo ressuscitarão, e todos os vivos serão transformados; e todos eles entrarão na nuvem e serão arrebatados juntos, para se reunir com o Senhor nos ares, e assim estarão para sempre com o Senhor. Essa é a primeira ressurreição, o arrebatamento dos santos. Antes que se rompa o selo dos juízos, que se toque a trombeta dos mesmos ou que se derrame a taça, os santos desaparecerão, todos, trasladados para a glória, trasladados para sempre estar com o Senhor! Que pensamento! Que acontecimento! Não ficará nem rastro do povo redimido, dos filhos de Deus no sepulcro; e nem um crente ficará sobre a face de toda a terra. Todos juntamente arrebatados nas nuvens para se encontrar com o Senhor nos ares, e serem levados por Ele para a casa do Pai, onde há muitas moradas. Porém, quem pode pensar, quem pode falar, sobre as felizes reuniões daquela manhã de total alegria? É indubitável que a pessoa do Senhor encherá todos os olhos e arrebatará cada coração; contudo, haverá um claro reconhecimento daqueles que, mesmo separados pela morte há muito tempo, jamais perderam seu lugar em nosso coração. E, porque todos levarão perfeitamente a imagem do Senhor, o gozo de cada um será o gozo comum de todos. Porém, a maior de todas as nossas alegrias, será ver Seu rosto, ouvir Sua voz e contemplar Sua glória. Ou, como diz o apóstolo João, recapitulando cada bênção em duas expressões: "Seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos" (1 João 3:2).[1]

---

[1] *Ver tratado "The coming of the Lord, with IUustrative Diagram", de Charles Stanley.*

CAPÍTULO 9

O Milênio

Será bom parar por um momento aqui, e observar a ordem na qual os importantes eventos desse período ocorrerão. Vimos os santos arrebatados para se reunirem com o Senhor segundo Sua promessa em João 14. Eles vão para o céu e, com todas as coisas prontas, têm lugar as bodas do Cordeiro, conforme a visão do apóstolo João (Apocalipse 19). "Porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou." Ele apresenta a Si mesmo Igreja gloriosa, santa e sem mancha. Que dia será esse! Que dia inclusive para o céu, sempre acostumado à glória! Porém esta será uma nova glória, a glória nupcial do Cordeiro! Assim como a noiva participa da dignidade do noivo, assim a Igreja participará da posição de Cristo naquele dia de glória maravilhosa, transcendente!

Terminada a cena das bodas, o bendito Senhor, o segundo Adão com Sua amada Eva, os santos glorificados e as hostes angelicais se prepararão para Sua manifestação em glória e para a tomada de posse da terra. Porém, durante o intervalo entre a "vinda" e a "manifestação", o amor de Deus tem estado ativo reunindo os Seus, e a terra tem estado amadurecendo para o juízo. Quando a verdadeira Igreja tiver abandonado a cena do testemunho, e a parte meramente nominal tiver sido rejeitada para sempre, o Espírito de Deus começa a agir no remanescente judeu; e eles, como missionários de um novo testemunho, pregam o "evangelho eterno" aos moradores da terra, a toda nação, tribo, língua e povo. O juízo das nações vivas em Mateus 25 difere quanto aos resultados dessa missão. E Apocalipse 7 nos mostra as multidões salvas de judeus e gentios por meio do "evangelho eterno", pregado pelos "irmãos" judeus do bendito Senhor. No entanto, enquanto o amor de Deus está ativo, e o poder do Espírito manifesto, Satanás está exercendo todo seu poder, e reunindo todas as suas forças, para corromper a terra e para disputar sua possessão com o Ungido do Senhor. Mas terá chegada a hora de seu juízo.

Disse o apóstolo: "E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e verdadeiro e julga e peleja com justiça" (Apocalipse 19:11). O Senhor vem; está a caminho. O céu se abre, porém Ele não vem só: os exércitos celestiais Lhe seguem. "Como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo" (2 Tessalonicenses 1:8). "Ferirá a terra com a vara de sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará o ímpio" (Isaías 11:4). A cristandade apóstata, e os judeus que regressaram a sua própria terra em incredulidade, e fizeram aliança com o Anticristo, serão os alvos especiais desse juízo, porém um remanescente de Israel se salvará. Os lugares celestiais serão libertados de Satanás e seus anjos; a terra será libertada de seus malvados reis; a besta e o falso profeta serão lançados no lago de fogo, e Satanás ficará preso no abismo; assim, toda a cena será limpa mediante juízos, e a vitória completa, o bendito Senhor toma o reino. "Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre" (Apocalipse 11:15). O remanescente perdoado de Israel e sua descendência, e o remanescente dos gentios

que sobreviverem a esses terríveis juízos, juntamente com sua posteridade, constituirão a população da terra durante o milênio, enquanto que a Igreja reinará com Cristo, sua Cabeça e Esposo em glória celestial. "Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele mil anos" (Apocalipse 20:4-6).

O estado passado e presente da igreja professa

Nunca poderemos nos sentir suficientemente gratos ao Senhor por avivar pelo Seu Espírito a bendita verdade da vinda do Senhor, e por dar nestes últimos dias tanta ênfase no ensino de tantos entre Seu povo. Caso se negligencie essa verdade, apenas uma porção bastante pequena da Palavra de Deus pode ser compreendida adequadamente. Dessa forma, perde-se totalmente o significado, por exemplo, da primeira ressurreição, do reinado milenar de Cristo com Seus santos glorificados e outras verdades colaterais. Em épocas anteriores, era quase universal a crença de que a vinda de Cristo teria lugar no final, e não no começo do milênio. A idéia era, e ainda em muitos setores talvez seja, que o mundo, ou seja gentios, serão convertido mediante o evangelho; após isso, "todo o Israel será salvo". Logo viria um milênio espiritual antes da vinda do Senhor. Porém, em tudo isso o propósito de Deus para a igreja do Senhor é desprezado, que é o chamamento para fora de entre os judeus e gentios. Jamais poderemos ter zelo suficiente na difusão do evangelho, sendo que a comissão é: "Pregai o evangelho a toda criatura" (Marcos 16:15). Porém, cada conversão é uma adição à igreja que será trasladada ao céu antes do milênio.

Se fosse correto o que sempre se diz, que "Cristo não virá até que se passem os mil anos de bênção sobre a terra", o que o crente teria de esperar agora? Necessariamente a morte ao final da carreira, e o cumprimento dos eventos preditos, enquanto seu corpo jaz no sepulcro durante o grande júbilo na terra. Que pobre esperança para a verdadeira esposa, a amada do Noivo celestial! Certo, as almas dos crentes estariam com Cristo, porém seus corpos estariam na silenciosa tumba, enquanto toda a terra se alegraria sob Seu chamado cetro espiritual. Cada crente verdadeiro deveria rejeitar essa teoria como diametralmente oposta a todas as Escrituras. Em lugar de esperar a morte e mil anos interpostos antes que o Senhor venha, está lhe esperando como a expectativa sustentadora, consoladora e confortante de sua vida diária. O real efeito da conversão — exceto quando o convertido é desviado por um falso ensino — é esperar o seu Salvador vindo do céu.

Quando o Senhor vier, como já vimos, a Igreja vai a Seu encontro nos ares. Ela será conduzida aos gozos nupciais celestiais, e a eterna bem-aventurança da casa do Pai. Logo seguirão — uma vez que o juízo tenha limpado a cena — as pacíficas glórias do reino. Tudo o que os salmistas cantaram e os profetas predisseram acerca da bênção da terra durante aquele alegre período então se cumprirá totalmente. Excluídos Satanás e suas hostes, seus cruéis anjos, dos céus e das moradas dos homens, com Cristo reinando e Seus santos ressuscitados associados a

Ele no trono de Sua glória celestial e terrena — tudo isso diferenciará de maneira essencial o período milenar de todas as dispensações anteriores. Então chegará o dia da exultação sem limites e alegria universal da criação na presença do Senhor, tão constantemente anunciado no Antigo Testamento. "O SENHOR reina. Regozije-se a terra, alegrem-se as muitas ilhas.. .Os montes se derretem como cera na

presença do SENHOR, na presença do Senhor de toda a terra... Os rios batam palmas; regozijem-se também as montanhas, perante a face do SENHOR, porque vem a julgar a terra; com justiça julgará o mundo e o povo, com eqüidade" (Salmos 97 e 98).

Belas além de toda descrição são as santas notas de gozo triunfante que brotam dos lábios dos profetas do Antigo Testamento em antecipação a este dia de alegria. Toda a natureza é chamada para se unir ao grande coro de gozo universal. O ermo e o lugar solitário se alegrarão, o deserto se regozijará e florescerá como a rosa; a terra seca se converterá em cisterna de águas e o solo sedento em manancial. Os montes destilarão mosto e o as montanhas manarão leite e mel. As feras do campo — curadas de sua ferocidade — se tornarão gentis e inofensivas como os cordeiros, e cessarão as lutas e contendas entre os filhos dos homens. Assim Deus reverterá a história do homem; Ele curará sua dor, aliviará sua miséria; o coroará de saúde, paz e plenitude, e espalhará gozo por toda criação restaurada, segundo Sua estima por Seu amado Filho. Naquele dia se verá e reconhecerá que a cruz do Senhor Jesus é o fundamento da extensa cena da glória e bênção milenar (Colossenses 1:20; Isaías 11; Salmo 72).

"Os reis se prostrarão, ouro e incenso Lhe trarão;
todas as nações adorar-Lhe-ão, sim, Seu louvor todos cantarão.
Seu domínio vasto se estenderá, de mar em mar se vê-lo-á —
tão longe quanto a águia voará, e a pomba possa alcançar."

O grande trono branco

Nada pode ser mais humilhante para o homem do que o que encontramos no final do milênio. Deus mostrará então que mil anos de glória manifesta não converterão o coração do homem sem Sua graça salvadora. No momento em que Satanás for libertado novamente e exercer seu poder, a porção não convertida das nações gentias será enganada por ele. He os reúne em rebelião; porém fogo desce do céu vindo da parte de Deus e os consome totalmente. E isso nos leva à última e definitiva cena na história do homem — o juízo eterno. Disse João: "E vi um grande trono branco e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a terra e o céu, e não se achou lugar para eles" (Apocalipse 20:11). O leitor não terá nenhuma dificuldade em distinguir entre este último juízo e o juízo das nações viventes (Mateus 25). Quando o Senhor vier no início do milênio, a terra, como vimos, é universalmente abençoada sob Seu reinado durante mil anos. Porém isso não é o que aparece aqui. O que aqui temos é a ressurreição e o juízo dos ímpios ao final do milênio. A idéia geral de que Cristo não deixará os céus até o fim do milênio, quando haverá uma ressurreição geral e um juízo geral dos justos e dos ímpios, não tem o menor fundamento nas Escrituras; e não apenas isso, mas é diretamente oposta à própria essência do cristianismo e aos propósitos de Deus em Cristo Jesus.

No começo do milênio, os santos ressuscitados são vistos em tronos, associados com Cristo. "E viveram e reinaram com Cristo durante mil anos" (Apocalipse 20:4). Esse foi o tempo de sua recompensa pública pelo serviço e sofrimento com Cristo durante Sua ausência. "E veio... o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes" (Apocalipse 11:18). Porém, sobre o grande trono

branco só se vê Cristo. Quando se tratou da questão do governo da terra no milênio, os santos governaram com Ele. Agora se trata de uma questão de juízo eterno, e Ele atua sozinho. Despidos de toda a falsa coberta — sem púrpuras nem mitras, sem cetros ou mantos de uma mera profissão de fé para encobrir sua culpa — cada um é visto em seu verdadeiro caráter e com todos os seus pecados; nenhum dele foi expiado: todos os pecados estarão sobre os ímpios. "E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras" (cap. 20:13). As profundidades, o mundo invisível, são forçados a entregar seus miseráveis presos, para que ouçam da boca dAquele que foi desprezado, a sentença definitiva.

Todos estão agora reunidos, e o tempo já não é mais. Os céus e a terra criados fogem e desaparecem; agora nada mais se vê além do trono branco de resplendor ofuscante, e a majestade gloriosa do Filho do homem.

A terrível sentença, pronunciada em meio ao augusto silêncio daquela solene cena, envia os ímpios às profundezas de uma desventura sem esperança. Porém a glória e beleza do Salvador Jesus, a quem desprezaram no tempo, e as miríades de felizes santos que lhe rodeiam, nunca poderão ser esquecidos. Assim culminam a história do homem e os eventos do tempo. Começa a eternidade — com os ímpios julgados, os justos abençoados, e os caminhos de Deus para sempre justificados. "Pelo que também Deus o exaltou soberanamente [ao anteriormente humilhado Jesus] e lhe deu um nome que é sobre todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai" (Filipenses 2:9-11). Uma vez isso realizado, o amor cria novos céus e nova terra como futura morada dos redimidos; e Deus desce para habitar no meio deles. "Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus" (Apocalipse 21:1-7).

Conclusão[1]

As páginas precedentes foram escritas por volta de 1890, há mais de cem anos. É com vergonha e dor que contemplamos todos esses anos: o espírito mundano, a contenda e as divisões se introduziram entre os chamados "Irmãos", de modo que somente podemos tomar nosso lugar junto a Daniel, e com ele orar e fazer nossa confissão. "Pecamos, e cometemos iniqüidade, e procedemos impiamente... e não demos ouvidos aos teus servos, os profetas... A ti, ó Senhor, pertence a justiça... mas a nós, a confusão do rosto... e a nossos pais, porque pecamos contra ti... Ao Senhor, nosso Deus, pertence a misericórdia e o perdão; pois nos rebelamos contra ele... Agora, pois, ó Deus nosso, ouve a oração do teu servo e as suas súplicas e sobre o teu santuário assolado faze resplandecer o teu rosto, por amor do Senhor... porque não lançamos as nossas súplicas perante a tua face fiados em nossas justiças, mas em tuas muitas misericórdias. O Senhor, ouve; ó Senhor, perdoa; ó Senhor, atende-nos e opera sem tardar; por amor de ti mesmo, ó Deus meu; porque a tua cidade e o teu povo se chamam pelo teu nome" (Daniel 9:5-19).

---

[1]*A "Conclusão" foi escrita por G. C. Willis, em Sandakan, Sabah, Malásia, em 1963. O livro "Os Irmãos" foi redigido igualmente por ele e editado em inglês por: "Christian Book Room", Kowloon, Hong Kong.*

O autor desta obra dá uma palavra final de advertência: o povo de Deus deve se manter em vigilância principalmente contra o mundo e orar por tudo o que a ele se refere. É difícil, sabemos, manter um caminhar constante na vereda de rejeição fora do mundo, mas essa é a única trilha consistente para os santos de Deus. "Não são do mundo, como eu do mundo não sou" (João 17:16). A morte, ressurreição e ascensão separam Cristo do mundo; esta é a medida e a responsabilidade do crente. E é isso que temos a tendência de esquecer, e a perder de vista nos inumeráveis detalhes da vida cotidiana. Porém, o crente é um com Cristo, unido a Ele em glória celestial, embora esteja aqui embaixo, e deveria ser diligente e estar atento a todos os seus deveres por amor ao Senhor. Mas viver aqui dessa forma enquanto abrigamos o espírito de nossa cidadania celestial demanda velar e orar em comunhão com o Senhor. A prova e a dificuldade irão acontecer na manutenção da posição de separação e desprezo que o bendito Senhor lhes mostra de forma tão clara em Sua oração ao Pai. Porém, se Ele lhes dá uma posição de desprezo na terra, ao mesmo tempo, lhes concede Seu próprio lugar de aceitação no céu. Quando desfrutamos deste último, não é difícil aceitar o primeiro.

Tendo dito isso claramente, podemos nos retirar para o santuário, e orar por todos os que amam o Senhor, seja qual for o nome pelo qual são designados. Sentimos que devemos dizer: Estai unidos, abundantes na oração, em oração unida, e em plena confiança do amor fraternal. Só queremos acrescentar — e de todo o coração — o fervente rogo demonstrado na linguagem do apóstolo:

"Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E

não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Romanos 12:1-2).